

RELATÓRIO FINAL DE PESQUISA
Versão revista e ampliada

CNPq – Edital 43 / Processo no. 408613/2013-0
Processo IPHAN nº 01500.005362/2013-41

PROJETO

Os africanos não estavam sós. Relações entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo do tráfico clandestino de escravos

Camilla Agostini
Professora Adjunto
Departamento de Arqueologia
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Fevereiro / 2022

Sumário

Apresentação	3
Atividades de pesquisa	4
Síntese do desenvolvimento da pesquisa no sítio arqueológico do Sahy	4
Metodologia.....	4
Mapeamento	12
Georeferenciamento e definição dos Pontos Zero	16
Plantas com localização dos pontos referenciados	21
Ruínas do Sahy – Pontos limite para mapeamento das estruturas: planta geral.....	21
Dados do referenciamento: mapeamento das estruturas.....	37
Dados de referenciamento: Escavação	40
Mapeamento de sub-superfície.....	44
Alinhamento PB (ao longo do eixo da Estrada)	45
Alinhamento PA (a Leste da Estrada)	68
Escavações para esclarecimento da relação do CM, CAL e E	72
Identificação de estruturas em CM / CML2	78
Escavações no Complexo Quadrangular / CQ	80
Fechamento das áreas de escavação	84
Registro GPR para identificação do cemitério indicado pela oralidade	85
Trabalho em laboratório	90
Atividades Públicas	91
Uso religioso.....	92
Atividades com moradores	94
Reivindicações dos moradores ao poder público	96
Divulgação científica da pesquisa	100
Apresentação de trabalhos sobre Diáspora Africana a partir do projeto	100
Publicações sobre Diáspora Africana a partir do projeto	101
Equipe e apoios.....	103

Apresentação

Venho reapresentar relatório com as atividades referentes ao projeto de pesquisa *Os africanos não estavam sós. Relações entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo do tráfico clandestino de escravos*; contemplado pelo Edital 43 do CNPq, Processo no. 408613/2013-0; com portaria de pesquisa concedida pelo IPHAN, publicada em DOU nº 77, em 24 de abril de 2014; com vigência de 24/04/2014 a 24/04/2016.

O projeto referido foi iniciado e desenvolvido junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense, onde desenvolvi até abril de 2015 atividades de pós-doutorado, que incluíram as pesquisas no Sahy, em parceria com as historiadoras Hebe Mattos e Martha Abreu. Em abril de 2015 me efetivei através de concurso público no Departamento de Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Este relatório contém o registro das atividades de pesquisa desenvolvidas durante a vigência da referida portaria de pesquisa, bem como atividades anteriores cuja realização não intrusiva não dependia da autorização, apresentados também em relatório ao CNPq. São apresentados neste relatório uma síntese das atividades; o registro técnico das prospecções realizadas; práticas públicas associadas ao projeto; reivindicações públicas por medidas de conservação do sítio; e atividades de divulgação científica.

A presente versão faz uma revisão da análise de subsuperfície, em especial relativa aos transects dos alinhamentos PAs e PBs, indicados na planta com as áreas de escavação a seguir. A observação por parte do IPHAN pela complementação de dados, notificadas em ofícios, sendo o último o Ofício nº 570/2020/IPHAN-RJ-IPHAN, levou a uma revisão dos dados apresentados a seguir.

Atividades de pesquisa

Síntese do desenvolvimento da pesquisa no sítio arqueológico do Sahy

Foi realizada a pesquisa no sítio arqueológico da praia do Sahy e seus arredores, com mapeamento de estruturas e início das prospecções arqueológicas; bem como entrevistas e observações etnográficas, desenvolvendo um trabalho sobre a memória e os usos contemporâneos das ruínas.

O enfoque histórico da pesquisa sobre o sítio arqueológico do Sahy se deu sobre a participação deste espaço no processo de escravização de africanos durante a ilegalidade do tráfico negreiro (1831-1850), ainda que os usos anteriores e posteriores a este período também fossem observados. A pesquisa que se iniciou com esta proposta tem oferecido recursos para refletir sobre o processo de produção ou do fazer-se escravo no Brasil escravista, bem como sobre como as populações do pós-abolição e grupos contemporâneos lidaram e continuam lidando com a memória dessa experiência. Por outro lado, a experiência da prática de pesquisa interdisciplinar e integrada, particularmente relacionada ao trabalho de campo, tem encaminhado reflexões sobre metodologia e processos de construção do conhecimento.

Metodologia

Três frentes de pesquisa foram conduzidas. Uma arqueológica; outra com a memória e os usos contemporâneos dos espaços arqueológicos; e uma terceira de levantamento de documentação primária nos arquivos. Para isso o projeto contou com o apoio de profissionais e estudantes de diferentes instituições, em acordo com as necessidades de cada etapa da pesquisa.

Etapas que ocorreram antes da vigência da portaria, sem ações intrusivas:

- 1) **Maio de 2013** (1 dia): visita ao sítio, em levantamento realizado na região litorânea sul-fluminense cuja finalidade era definir o local da pesquisa. Realizado o reconhecimento do sítio arqueológico do Sahy, com produção de croqui e registro fotográfico.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)
Martha Abreu (UFF)
Lívia Monteiro (Doutoranda UFF)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF
NUPECH / UFF

- 2) **Agosto de 2013** (1 dia): nova visita às ruínas na praia do Sahy e reconhecimento de estruturas vizinhas possivelmente associadas (Engenho do Gago e ruínas em Muriqui associadas por historiadora local como antiga propriedade de Martim de Sá). Levantamento documental na Fundação Mário Peixoto, em Mangaratiba

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)
Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF
NUPECH / UFF
Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

- 3) **Outubro de 2013** (1 dia): visita a Fazenda Santa Justina, com reconhecimento de estruturas no local (Fazenda da Cachoeira) e sua relação com o Vale de Santa Bárbara (que tem relação geográfica com a praia do Sahy).

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)
Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF
NUPECH / UFF
Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

- 4) **Dezembro de 2013** (8 dias):

Preparativos

Estabelecimento de contatos e firmadas as parcerias necessárias na região para o desenvolvimento do trabalho. Foram também encaminhados os preparativos para o mapeamento das estruturas em janeiro de 2014, considerando recursos, logística e apoios interinstitucionais.

Registro etnográfico audiovisual

Durante este período iniciou-se também a observação do uso religioso contemporâneo das ruínas, incluindo registro audiovisual de um dia de celebração por diferentes grupos ligados a Umbanda no local.

Levantamento arquivístico

Iniciado o levantamento de manuscritos e cartografia no Arquivo Nacional e

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Planejamento / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

5) **Janeiro de 2014** (22 dias):

Mapeamento

Foi iniciado o mapeamento do complexo das ruínas do sítio arqueológico do Sahy, com objetivo de produzir uma planta baixa preliminar e descrições das transformações do conjunto arquitetônico no tempo, com a leitura das paredes (vãos emparedados, detalhes construtivos, ampliações, etc.). Neste momento, ainda em fase inicial de captação de recursos para o desenvolvimento das atividades de campo, não contamos com equipamentos de precisão para as medições, tendo sido realizado um croqui de todo amplo complexo, que tem cerca de 40.000 m², apenas com o uso de trena.

Um topógrafo foi cedido pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e esteve conosco auxiliando na demarcação de pontos georeferenciados para articulação de diferentes registros no mapeamento das estruturas. Considerando o potencial da área em estudo, não apenas histórico e arqueológico, mas também patrimonial, público e turístico; estando o sítio em unidade de conservação ambiental (em processo de regulamentação), ressalta-se a importância de produção de mapas e descrições que possam ser compartilhados e combinados, considerando os interesses de diferentes instâncias e órgãos interessados.

História Oral

Nesse mês de janeiro foi dado prosseguimento aos registros dos usos contemporâneos do complexo de ruínas, assim como sobre a memória local com bases na tradição oral, tendo sido gravadas entrevistas.

Entrevistas gravadas:

Deti Susano (morador antigo no Sahy)

Eduardo Henrique Corrêa de Freitas e Paulo Freitas (banhistas)

José Paiva (funcionário da FMP que trabalhou na ferrovia)

Guardas Ambientais (funcionários da Secretaria de Meio Ambiente)

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)

Martha Abreu (UFF)

Mirian Bondim (Historiadora / Fundação Mário Peixoto)

Pedro Moreira da Silva Netto (Técnico de agrimensura – UFRRJ)

Pedro Gil de Mendonça (Graduando em Arqueologia / PUC-Goiás)
Bruna Cruz (Historiadora e professora da Escola Municipal Ibicuí)
Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte
(dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)
Miguel Arthur Bernardes C. Sobreira (Setor de comunicação / Fundação Mário
Peixoto)
Guarda Ambiental (Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Planejamento / Prefeitura de Mangaratiba

Departamento de Engenharia do Instituto de Tecnologia / UFRRJ

Colégio Estadual Montebello Bondim (alojamento da equipe em Muriqui)

Etapas que ocorreram a partir da vigência da portaria IPHAN:

6) Julho de 2014 (15 dias):

Mapeamento

Durante este período foram mapeados pontos, a partir de medições com nível topográfico, que foram correlacionados ao georeferenciamento realizado anteriormente por topógrafo da UFRRJ, para auxiliar na produção da planta geral do sítio, iniciada na etapa de janeiro/2014.

Escavações

Com a devida autorização do IPHAN, cedida através de Portaria de Pesquisa/DOU, iniciaram-se as escavações. Este primeiro momento das intervenções de subsuperfície se definiu por prospecções pontuais com a finalidade de avaliar as condições estratigráficas de determinada área do complexo; investigar a configuração de uma situação arquitetônica em particular (relação entre um complexo murado com um possível canal que o cortaria); e iniciar o treinamento de estudantes sem experiência com o trabalho de campo arqueológico.

Geoarqueologia e análises especializadas

Contamos com a visita técnica de Ximena Villagran, geoarqueóloga da USP, que se integrou ao projeto como consultora e está auxiliando na coleta de sedimentos para análises específicas, além de contatar diferentes profissionais especializados para essas análises. A referida pesquisadora nos orientou para a coleta de amostras para identificação de fezes humanas em área onde presumimos ser local onde africanos ficavam aprisionados; vestígios de diferentes tipos de algas que podem ajudar a entender a dinâmica do possível canal e sua relação com o mangue que existe ao lado; entre outras.

História Oral

Novas entrevistas foram realizadas, com atuação de Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História na UFF) neste trabalho de registro da oralidade.

Entrevistas gravadas:

Deti Susano (morador antigo no Sahy)

Dona Edna (moradora antiga no Sahy)

Seu Nilton (ASSOPESCA)

Prática Pública

Houve uma aproximação com os moradores do Sahy, em particular com a ASSOPESCA, em particular na figura de seu Nilton e seu filho Walter, então presidente da ASSOPESCA, que se mostraram interessados em apoiar a pesquisa (com empréstimo de equipamentos, por exemplo) e em ajudar a estreitar nosso diálogo com moradores locais. Foi realizada, assim, uma reunião com moradores do Sahy, na qual foram produzidos desenhos das ruínas pelos mesmos. O pedido da Associação de ajudarmos a “enfeitar” as paredes da sua sede recém-inaugurada nos levou a oferecer uma exposição permanente, que ficasse na sede, com montagens dos desenhos produzidos pelos moradores, pequenos textos, fotografias e detalhes de mapas históricos levantados no Arquivo Nacional e Biblioteca Nacional. Este diálogo com moradores locais tem, ao mesmo tempo, interferido no próprio procedimento da pesquisa, no sentido de levar à reflexão sobre o mesmo. Exemplo disso diz respeito às formas como juntos temos pensado aquele espaço e como este diálogo interfere, por exemplo, na coleta de informações orais da memória. Um primeiro artigo científico com reflexões sobre essas implicações metodológicas já está sendo encaminhado à publicação.

Levantamento arquivístico

Teve continuidade o levantamento em arquivo de mapas e manuscritos ligados ao sítio, iniciado em dezembro de 2013, passando a contar com o auxílio da estagiária Raquel Terto (graduanda em História / UFF).

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Hebe Mattos (UFF)

Martha Abreu (UFF)

Fernanda Codevilla (Pós-doutoranda em Arqueologia pela UFMG)

Jimena Cruz (Mestre em Arqueologia pela UFMG)

Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História pela UFF)

Pedro Gil Mendonça (Graduando em Arqueologia pela PUC/GO)

Suzana Correa Barbosa (Jornalista, Graduanda e Mestranda em História pela UFF)

Iran Maia (Graduando em História pela UFF)

Alana Verani (Graduanda em História pela UFF)

Renata Anunciação da Silva Borges (Graduanda em História UNIRIO).

Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF – enviando documentos de arquivos no RJ para o campo via internet)

Ximena Villagran (Geoarqueóloga, Pós-doutoranda pela Universitat Tubingen)

Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte (dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy (ASSOPESCA)

Associação de Moradores do Sahy

Restaurante Zé da Quentinha (apoio logístico para guarda de equipamento)

7) **Novembro 2014** (10 dias):

Mapeamento

Durante este período foi realizado o mapeamento da subsuperfície, com análise da estratigrafia de parte do lado Leste do complexo, através da realização de sondagens em *transects* com cavadeira boca de lobo.

Escavações

Neste momento, as intervenções de subsuperfície, como mencionado, se definiu por prospecções com a cavadeira boca de lobo seguindo *transects*, com a finalidade de avaliar as condições estratigráficas de determinada área do complexo – no lado Leste do mesmo. Os dados já vêm sendo trabalhados em laboratório e as camadas do lado Leste do complexo (relacionada à estrada) já foram identificadas. Vale destacar que entre 30 e 50 cm da superfície atual foi identificado um calçamento de pé-de-moleque que parecia cobrir toda a estrada e que foi plantado sobre trechos de aterro com sedimento vermelho e plástico.

Foram também realizadas duas prospecções com outros objetivos. A primeira delas, em uma quadrícula de 1m x 1m, para avaliação do local onde se supôs estar uma lixeira antiga. No ponto prospectado foi encontrado refugio apenas relacionado ao século XX. A segunda delas foi realizada dentro do local designado CQ / B, onde se supôs ter sido local para abrigo dos africanos, a partir de relatos orais que relatavam ter conhecido antigas correntes fixadas em uma parede, atribuindo ao aprisionamento de pessoas escravizadas e de aspectos arquitetônicos. Na base da parede onde aparecem orifícios semelhantes a buracos para andaime, que sugerem o local para aprisionamento em correntes, foi feita coleta de sedimento, sob orientação da geoarqueóloga Ximena Villagran e de Jago Jonathan Birk, para avaliar a evidência de cropostanol (indicador de fezes humanas). O material coletado ainda está em análise na Universidade de Maiz, na Alemanha, sob responsabilidade de Jago Jonathan Birk.

História Oral

Além de nova entrevista agendada, foram realizadas conversas informais com diferentes pessoas que frequentam o local, com registro audiovisual durante o trabalho de campo.

Entrevistas realizadas:

Dona Arlete Queiroz Gonçalves (chefia um centro de umbanda do bairro do Sahy)

Manuscritos

Os estagiários do projeto Raquel Terto e Iran maia, ambos graduandos em História na UFF, deram continuidade ao levantamento e digitalização de manuscritos no Arquivo Nacional e no Museu da Justiça, posteriormente iniciando as suas transcrições.

Prática Pública

Foi feita a doação de um conjunto de quadros, formando uma exposição, produzida no segundo semestre de 2014, com a participação da estagiária do projeto Suzana Corrêa. Os quadros foram doados como uma exposição permanente para a sede da ASSOPESCA, com pequenos textos, desenhos produzidos pelos moradores, fotografias e mapas históricos.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Suzana Correa Barbosa (Jornalista e Mestre em História pela UFF; graduanda em História pela UFF)

Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF)

Renata Anunciação da Silva Borges (Graduanda em História UNIRIO).

Ximena Villagran (Gearqueóloga, Pós-doutoranda pela Universitat Tubingen – consultoria via internet)

Jago Jonathan Birk (Universitat Mainz / Alemanha – consultoria via internet)

Equipe de manutenção patrimonial coordenada por Eduardo Enrique Goularte (dois auxiliares), do Município de Mangaratiba (Fundação Mário Peixoto)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

NUPECH / UFF

Fundação Mário Peixoto / Prefeitura de Mangaratiba

Secretaria de Meio Ambiente / Prefeitura de Mangaratiba

Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy (ASSOPESCA)

5) Janeiro-Fevereiro 2015 (5 dias)

Mapeamento

O intuito dessa etapa foi o de receber equipe da USP que se prontificou a dar apoio ao projeto, na captura de dados com o GPR (*Ground Penetration Radar*) na área que se supõe ser um cemitério. Os dados ainda estão em análise por Tiago Attore (Mestre em Arqueologia / MAE-USP). Também foi feito encaminhamento de planta geral do complexo que passou a ser realizada com a ajuda de Jhonatan Souza, aluno do curso de arquitetura da UFF, que esteve incorporado ao projeto como estagiário voluntário.

6) Maio 2015 (2 dias)

Mapeamento

O sítio foi apresentado à arquiteta Clarice Muhlbauer para avaliação de custo para produção de desenho técnico com suporte da topografia.

Prática pública e etnográfica

Conversas e entrevistas com banhistas antigos frequentadores da praia; assistência em celebração no centro umbandista localizado no Sahy; Conversa gravada com lideranças, responsáveis pelo mesmo centro, levando o primeiro artigo escrito sobre a pesquisa no local antes de sua publicação para troca de ideias com as mesmas.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Clarice Muhlbauer (Arquiteta)

Guilherme (Topógrafo)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

Departamento de Arqueologia / UERJ

7) Agosto 2015 (1 dia)

Mapeamento

Visita ao sítio para esclarecimentos de dúvidas remanescentes para que a arquiteta Clarice Muhlbauer pudesse concluir a primeira planta baixa com as principais estruturas do complexo e a identificação da setorização com referências para as escavações arqueológicas.

Zooarqueologia

Coleta de esqueletos e carcaças de animais encontrados na praia para produção de coleção de referência, entregues ao Laboratório de Arqueologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Participaram desta etapa:

Camilla Agostini (Pós-doutoranda UFF)

Raquel Terto (Graduanda em História UFF)

Fernanda Pinheiro (Graduanda em História UFF)

Erika Saint Just (Graduanda em Arqueologia UERJ)

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

Departamento de Arqueologia / UERJ

8) Novembro 2015 (1 dia)

Prática pública

Visitação do complexo com alunos da pós-graduação em História da UFF; alunos da graduação em Arqueologia da UERJ, além de professores convidados.

Instituições parceiras:

Labhoi / UFF

Departamento de Arqueologia / UERJ

Mapeamento

Parece relevante ressaltar que as demandas do IPHAN referentes às imagens inscritas no Ofício GAB/IPHAN-RJ nº 1.253/15 já estavam justificadas no próprio relatório apresentado ao órgão, outras demandas posteriores foram atualizadas na nova ficha de cadastro online recentemente solicitada que também está sendo apresentada em anexo digital. Segue no presente documento os ajustes das estratigrafias e suas legendas, conforme solicitado e ainda pendente – agora revistas e reapresentadas.

A pesquisa se desenvolveu com poucos recursos materiais e contou com a colaboração de pesquisadores e instituições parceiros interessados na colaboração acadêmica. Nesse sentido, nem sempre foi possível contar com recursos tecnológicos avançados e de precisão para medições, bem como com grande número de pessoal, no cotidiano da pesquisa de campo.

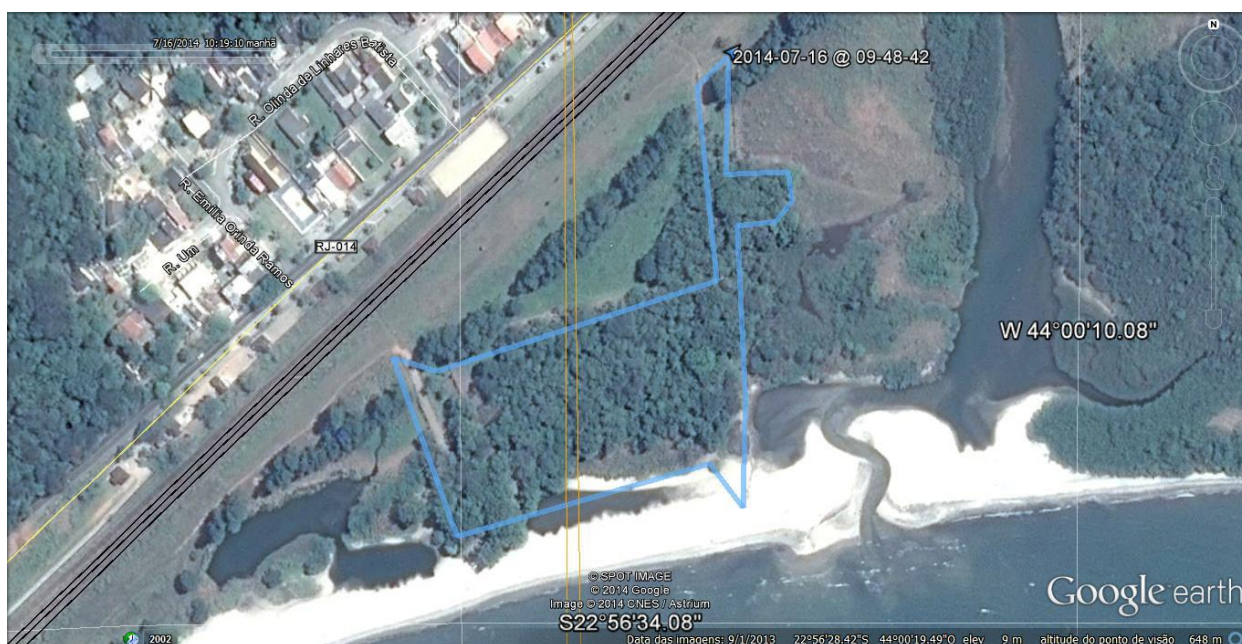
Por outro lado, a complexidade do conjunto das ruínas do Sahy, em extensão, nível de desmonte, instabilidade, suas transformações ao longo do tempo e características gerais necessitam de um olhar integrado da arqueologia, da arquitetura, da conservação, do patrimônio e das políticas de memória. As formas de se medir as paredes de pedra do complexo e aprofundar o seu estudo perpassam pelo menos por esses campos, com implicações ao uso público desse espaço.

No reconhecimento e registro desse complexo, o projeto passou por algumas etapas: 1) O encaminhamento a pé por todo o local, com reconhecimento do complexo e produção de croquis, com a identificação preliminar das estruturas que o constituíam, com o conjunto geral e suas partes constituintes; 2) Reconhecimento e registro preliminar geral, com uso de GPS de uso manual; 3) Colaboração de técnico agrimensor da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro para georeferenciamento, com a criação de um polígono com uso de Estação Total contornando toda a área, com a implantação de 5 pontos zeros fixos (com pedaços de cano e cimento nos locais); 4) Contratação de arquiteta para diálogo sobre as estruturas e a produção das plantas em CAD no acompanhamento dos trabalhos.

Durante esse processo de registro de estruturas arquitetônicas arruinadas e de identificação de locais de interesse para a realização das escavações, observou-se que reas em potenciais já estavam sendo ocupadas, especialmente por grupos religiosos que estavam ali com suas práticas ou ali deixavam os vestígios das mesmas – sempre em associação direta às próprias ruínas. Assim, também foi realizado um 5) Mapeamento de

uso religioso do complexo, a fim de reconhecer se haveriam áreas que estariam sendo privilegiadas para esse fim em detrimento de outras, de maneira a conciliar nossas ações respeitosamente.¹

Perímetro geral georeferenciado com GPS manual
Imagem produzida por Fernanda Codevilla e Iran Maia



Nesse sentido, foram definidas diferentes áreas e setores que compõem o complexo e reconhecidas algumas de suas principais características. De uma maneira geral, o conjunto de ruínas do Sahy foi identificado pela composição de áreas compostas por conjuntos de estruturas, cujas referências mais gerais são quatro:

1) **CM e CA (Complexo Murado e Canal)**: uma grande área com cerca de 20.000m² com muitas estruturas e alicerces cercados por um grande muro contínuo – designada CM. A configuração geomorfológica e a oralidade indicam que este complexo era cortado do sentido Leste – Oeste por um canal, provavelmente desviado do rio Sahy que se localiza a Leste do sítio. O trecho que sugere tratar-se do leito seco desse canal que corta o CM foi designado CA, com algumas setorizações especificadas abaixo. Em resumo, trata-se de um complexo murado, atravessado por um canal do qual temos apenas os vestígios do seu leito nas extremidades mais próximas ao muro. Sendo seu trecho médio coberto por aterro, confirmado também pela oralidade do local.

¹ Para uma reflexão sobre esse processo ver o artigo Agostini, C. Temporalidades e sberes inscritos em ruínas e memórias. *Vestígios*. 2019.

2) **CQ** (Complexo Quadrangular): complexo quadrangular com cerca de 900m², localizado fora da área do CM, e a Leste do mesmo, designado CQ. CQ e CM estão separados por uma faixa de terreno identificada como um caminho que ligaria a praia à Estrada do Rubião, que sobe a serra – designada E;

3) **E** (Estrada/Caminho): uma faixa de terreno contínua que separa os dois complexos referidos (CM e CQ), fazendo a ligação do acesso ao mar com a parte do continente, designada E. Este caminho possivelmente estava ligado com a antiga Estrada do Rubião que seguia Serra a cima, pelo Vale de Santa Bárbara, segundo referências orais locais. Tem uma peculiaridade importante de ter à altura do complexo de ruínas suas laterais muradas. Em sua extremidade mais ao Norte, esses muros que beiram o caminho parecem ter sido destruídos com a passagem da linha férrea que se encontra em atividade próxima às estruturas e é atualmente de uso da companhia Vale S.A. Com as escavações foi identificado um calçamento de pé de moleque que provavelmente cobria senão toda, boa parte da extensão desse caminho, provavelmente como continuidade da Estrada do Rubião.

4) **CE** (Cemitério): área ao Norte de CM (entre CM e a linha do trem) indicada pela oralidade como antigo cemitério, designada CE. Relatos orais mencionam o aparecimento de esqueletos ao tempo de implantação da linha férrea.

Abaixo o reconhecimento dos principais conjuntos de estruturas e suas definições em **Áreas; Setores** (usando N-S-L-O como referentes); além da indicação das **Intervenções Arqueológicas: Prospecção** com cavadeira boca de lobo; **Sondagem** com ampliação de áreas de prospecção; **Trincheira; Quadriculamento**) realizadas até o momento:

CM

CML1

CML2

Trincheira 1

Trincheira 2

CML3

AP (Área do Porto)

AC (Área do Cais)

EMN (Áreas Externas ao Muro)

SEM (Áreas Externas ao Muro)

NO (Áreas Externas ao Muro)

CA

CAO

CAL1

Sondagem 1

CAL2

Sondagem 3

CE

CQ

AL (Área em L)

B (compartimento com seus acessos externos vedados – Barracão?)

AE (Área Externa)

C (Casa com porta e janelas)

Trincheira 1

E

CEST (intercessão Canal-Estrada)

Prospecção 2

Áreas de entorno imediato ao complexo geral de estruturas:

S (Sul)

Sul Oeste (SO)

Sul Leste (SL)

N (Norte)

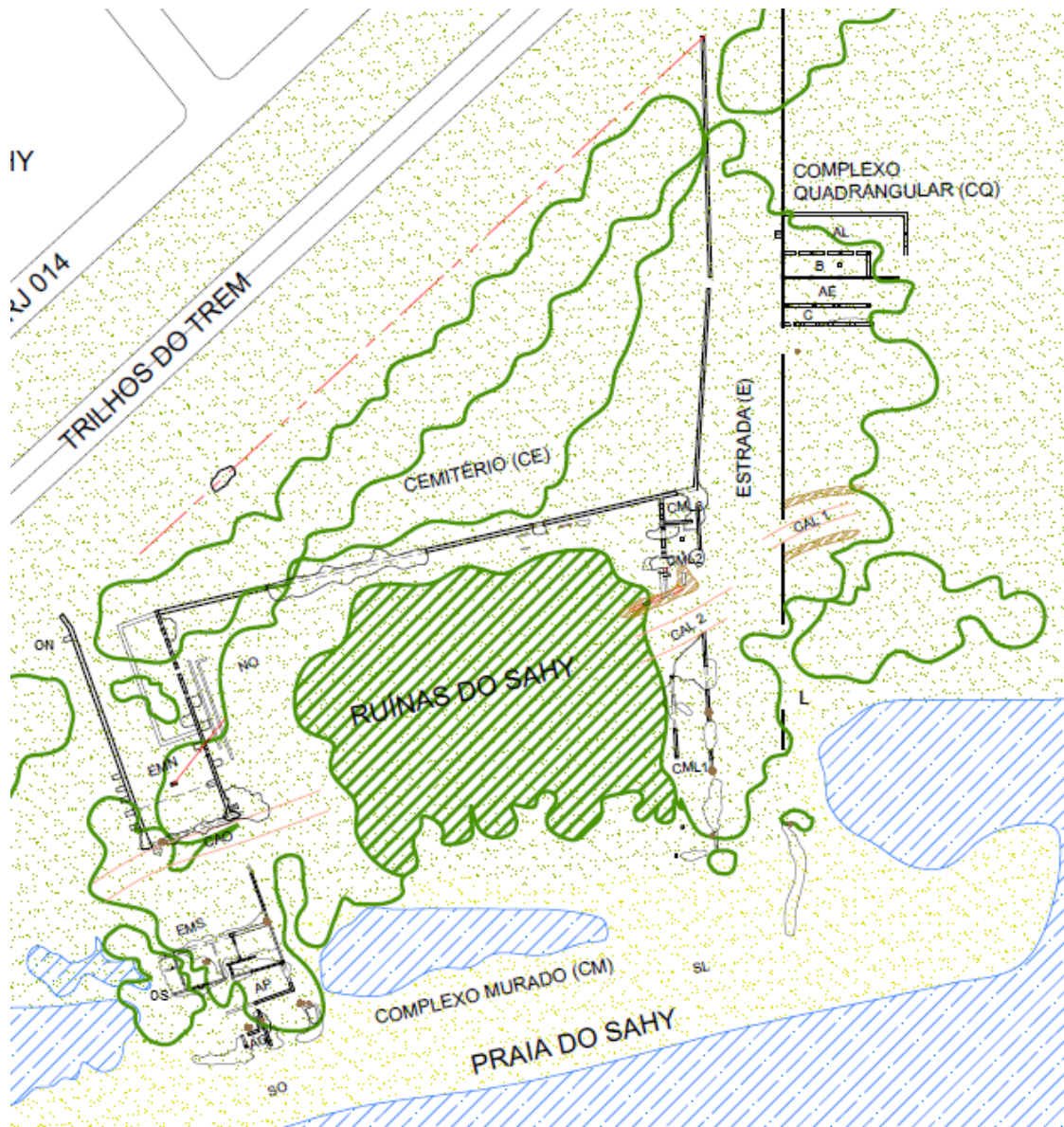
O (Oeste)

ON (Oeste ao Norte do Canal)

OS (Oeste ao Sul do Canal)

L (Leste)

Localização das áreas e suas siglas para referenciar o material
Desenho: Clarice Muhlbauer



Georeferenciamento e definição dos Pontos Zero

Como mencionado, foram definidos cinco pontos georeferenciados por topógrafo/agrimensor da UFRRJ. Os referidos pontos (**P1; P2; P3; P4; P5**) servem como pontos-zero para diferentes áreas do sítio. Foi solicitado apoio à Secretaria de Meio Ambiente/Prefeitura de Mangaratiba para a criação de marcos de cimento, já que tais pontos servem de referência a diferentes interesses. No entanto, esta solicitação não pode ser atendida. Realizamos a fixação do **P3** com a implantação de um cano de ferro e cimento no local, único ponto efetivamente utilizado até agora.

Como mencionado, o mapeamento foi realizado por topógrafo/agrimensor cedido pela UFRRJ com base em imagens do *Google*. A escala precisa de aproximação, solicitada pelo IPHAN (Ofício GAB/IPHAN-RJ nº 1.253/15) apenas seria possível com nova colaboração do técnico, o que não é possível. Considera-se que uma vez que se trata de pontos georeferenciados, devidamente registrados, a escala para o caso dessa imagem poderá ser facilmente recuperada em aproximação na consulta ao *Google Earth*.

Georeferenciamento dos 5 pontos-zero

Marcações produzidas com estação total por Pedro M. da Silva Netto (UFRRJ)



Dados do georeferenciamento de P1, P2, P3, P5, P6:

(P4 não foi possível georeferenciar pelas condições de captação do satélite)

DATUM HOR.: SIRGAS2000
VERT. IMBITUBA

NOME	NORTE	ESTE	ALT. ORT.
P1-Mang	7462632.4400	601826.8360	3.566
P2-Mang	7462479.1020	601766.9210	1.342
P3-Mang	7462800.9870	602015.9030	3.681
P5-Mang	7462553.7650	602011.9980	
P6-Mang	7462499.6330	601894.3440	
BASE	7462494.4720	601679.6490	3.730

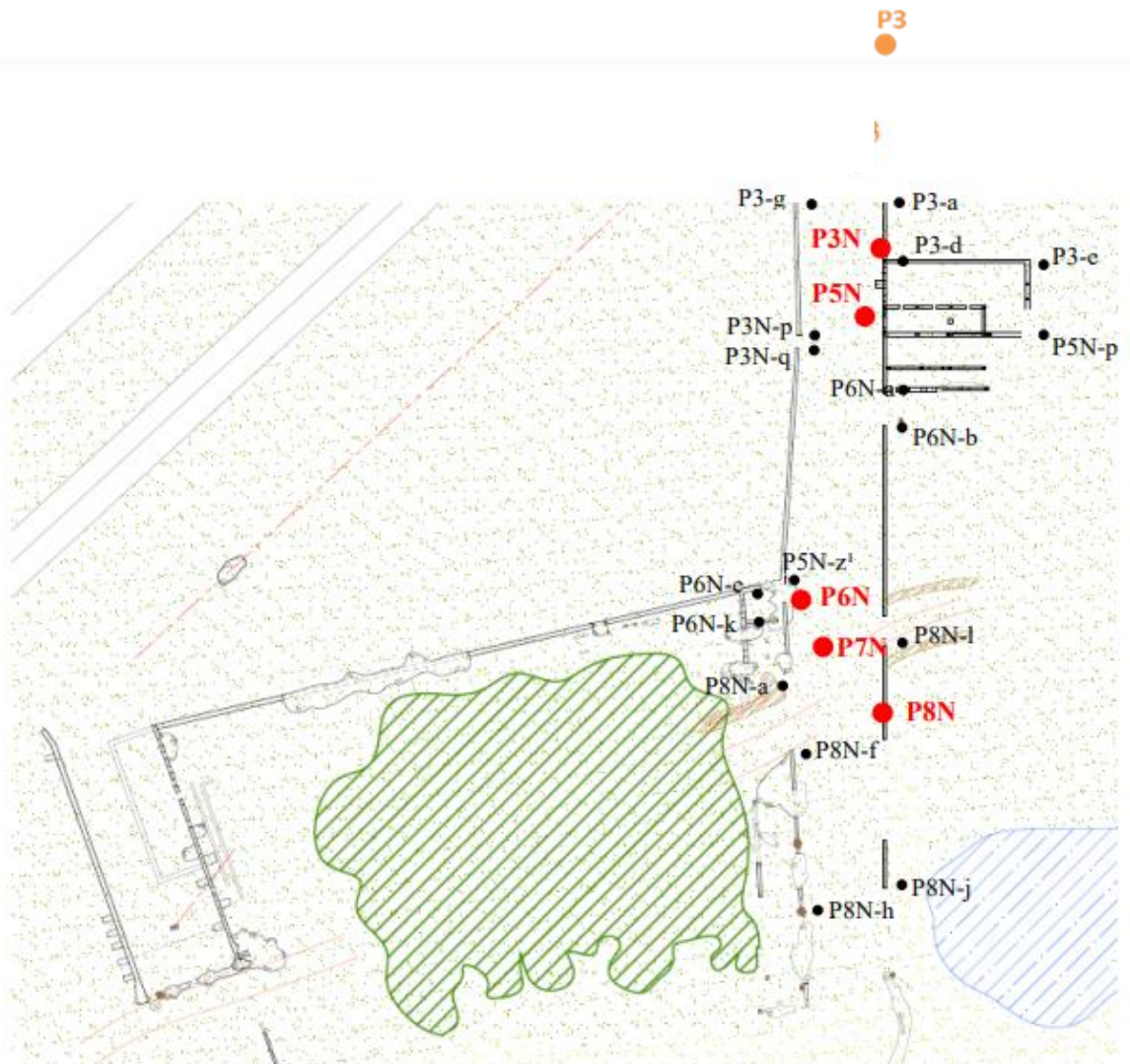
A área onde foi iniciado o esforço de pesquisa de maneira mais detida (lado Leste do complexo) teve como referência o **ponto zero P3**, que fica na parte mais alta

do terreno, próxima à linha férrea. A partir do P3 foram definidas projeções do mesmo com auxílio de nível topográfico, gerando novos pontos-zero (referenciados em P3) que permitissem o mapeamento de todo lado Leste do complexo e as áreas de escavação nas suas proximidades, ao longo da Estrada e nas suas imediações. Assim, **a partir de P3 foram definidos P3N; P4N; P5N; P6N; P7N; P8N.**

Localização do P3 a partir da Estrada (com os muros que a cercam nas laterais)



Pontos-zero (PNs) projetados com nível topográfico a partir do ponto-zero geoferenciado P3 (Norte como referente) e pontos gerais para mapeamento das estruturas



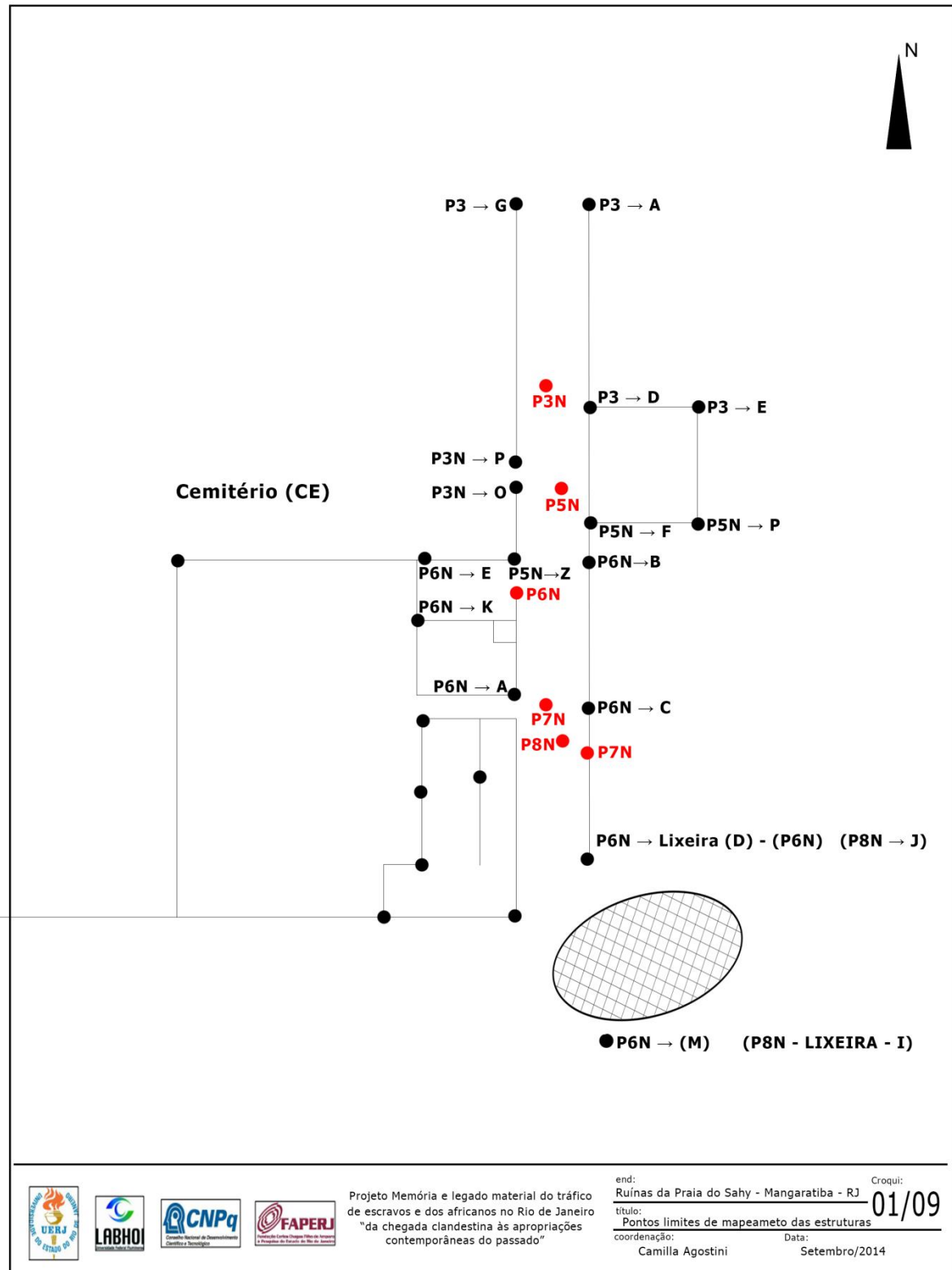
**Dados de referenciamento dos PNs com relação ao P3;
e de pontos das extremidades das estruturas maiores a partir de P3 e dos PNs:**

Ponto Zero de ref.	Projeção Ponto a partir do anterior	Ref. de Estrutura a partir dos Pontos	Distância (m)	Altura (m)	Ângulo
P3					
	P3N		71m	-	170,6°
	P3N	P3N-p	24m	1,3m	200,7°
	P3N	P3N-q	27m	1,3m	200,4°
P3N					
	P5N		32m	2,10m	170,4°
	P5N	P5N-p	38m	1,55m	110,5°
	P5N	P5N-z ¹	50m	0,55m	200,5°
P5N					
	P6N		4,9m	7,5m	200,5°
	P6N	P6N-a	21m	3,41m	60,8°
	P6N	P6N-b	21m	3,71m	80°
	P6N	P6N-c	41m	3,45m	130,1°
	P6N	P6N-d	64m	3,24m	140,3°
P6N					
	P7N		25m	2,45m	140,2°
P7N					
	P8N		22m	1,96m	180,6°
	P8N	P8N-a	15m	2,10m	40,1°
	P8N	P8N-f	14m	0,3m	270,9°
	P8N	P8N-l	12m	1,97m	40,9°
	P8N	P8N-h	38m	0,57m	210,5°
	P8N	P8N-j	20m	1,56m	170,7°

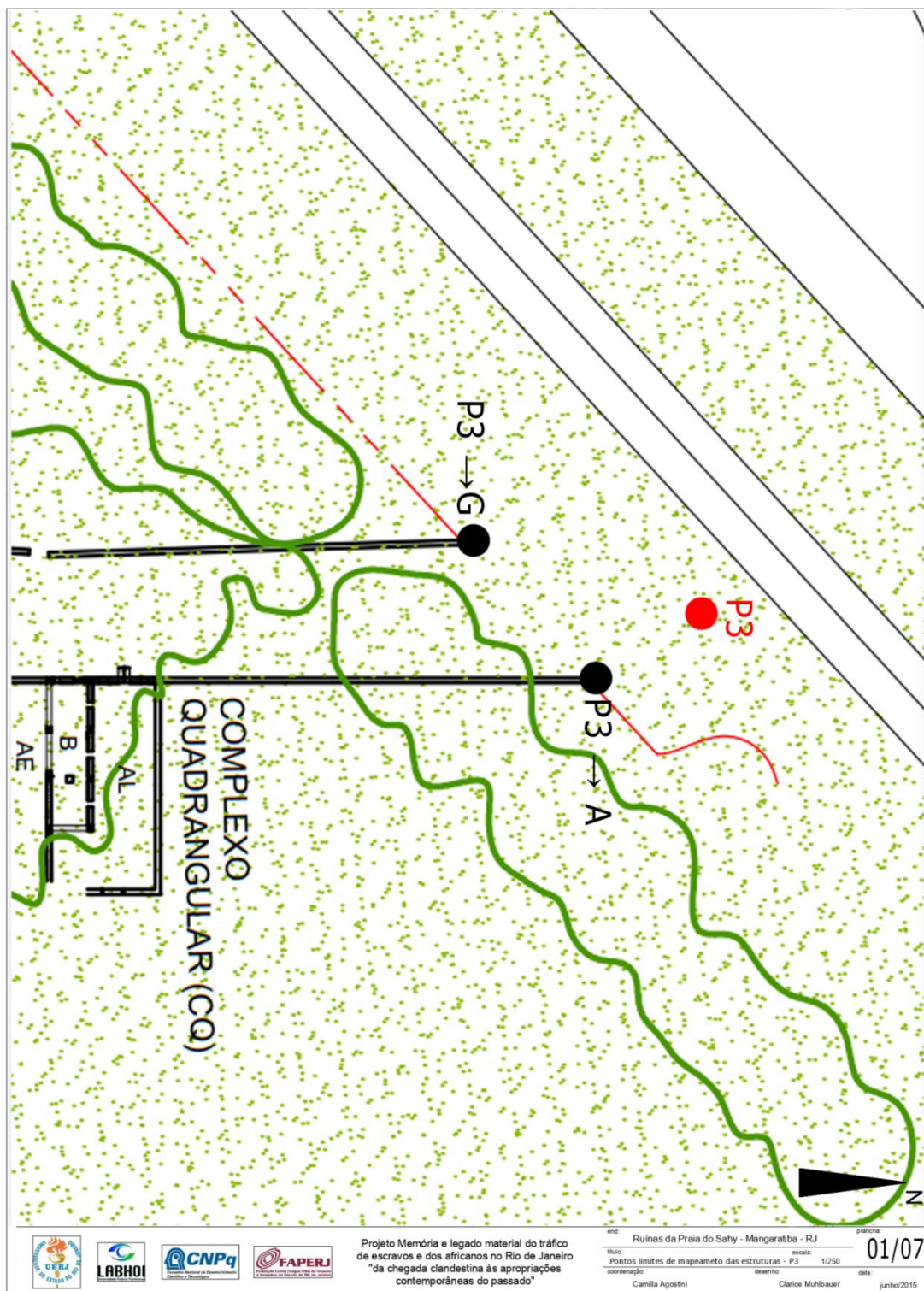
Plantas com localização dos pontos referenciados

(desenhos por Nicole Almeida a partir da planta de Clarice Muhlbauer)

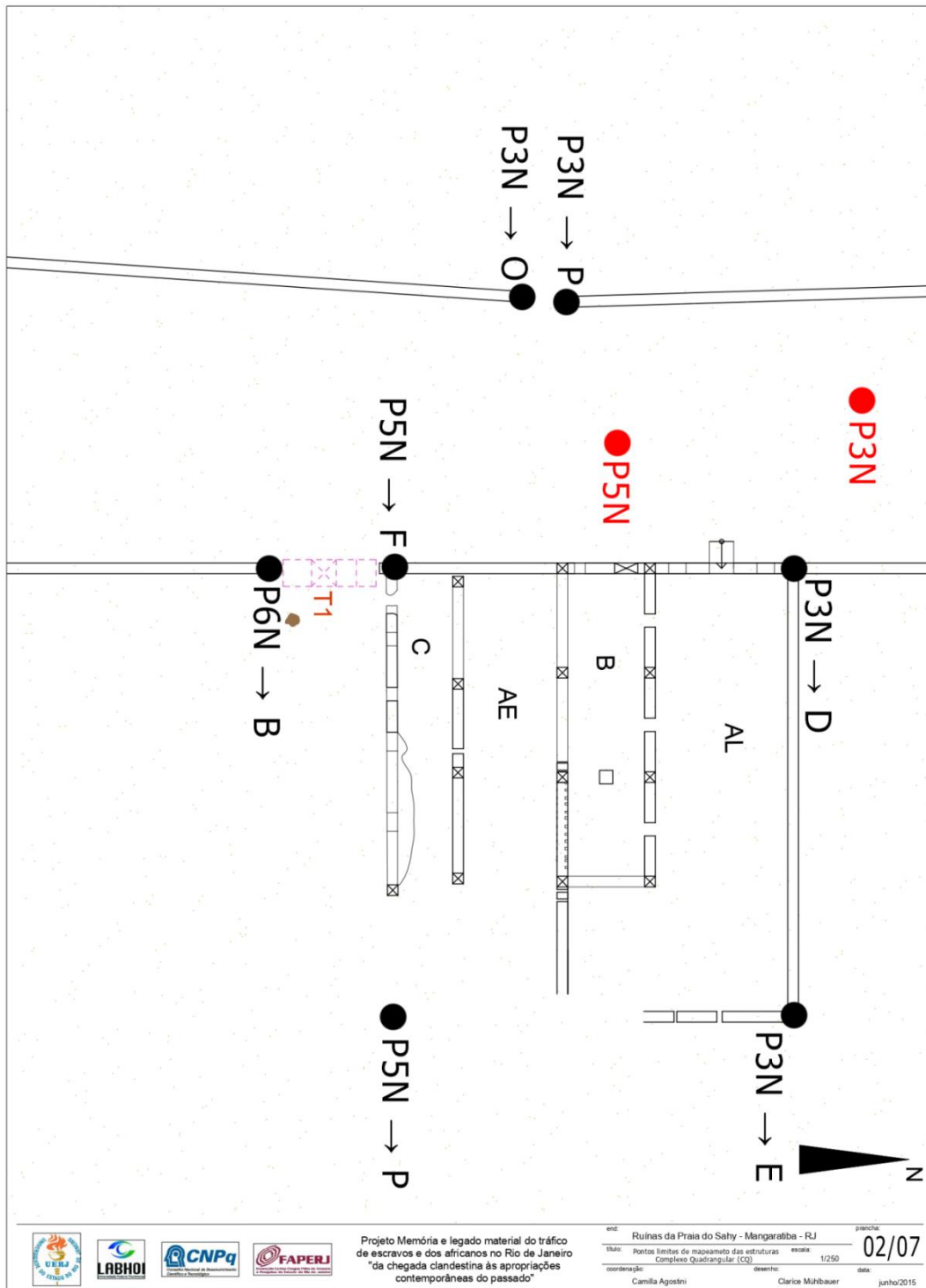
Ruínas do Sahy – Pontos limite para mapeamento das estruturas: planta geral



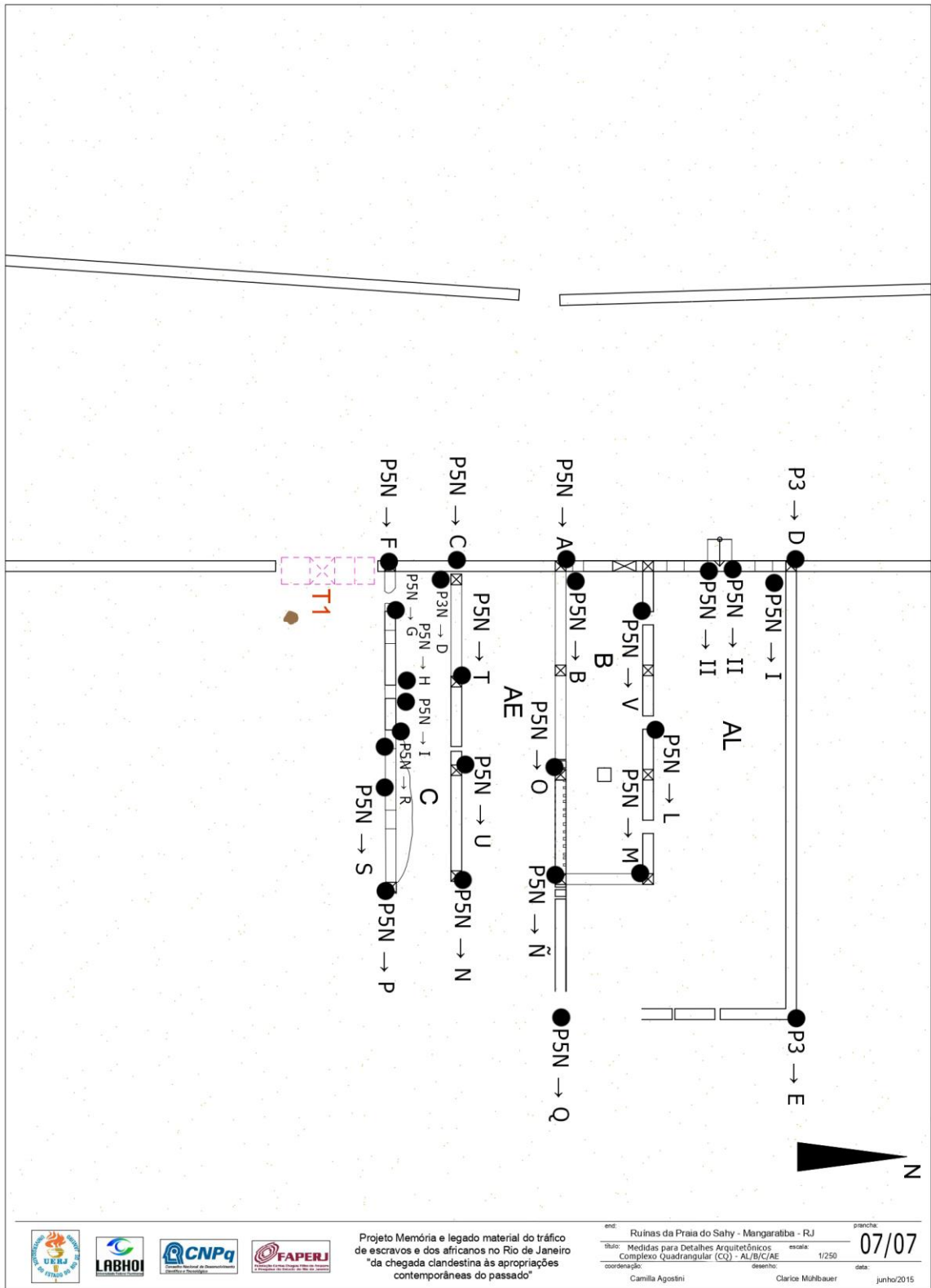
Pontos limite para mapeamento das estruturas (extremidades do muro que acompanham E), em relação a P3 (em vermelho limite da área de aterro base para implantação dos trilhos)



Pontos limite para mapeamento das estruturas: Complexo Quadrangular / CQ



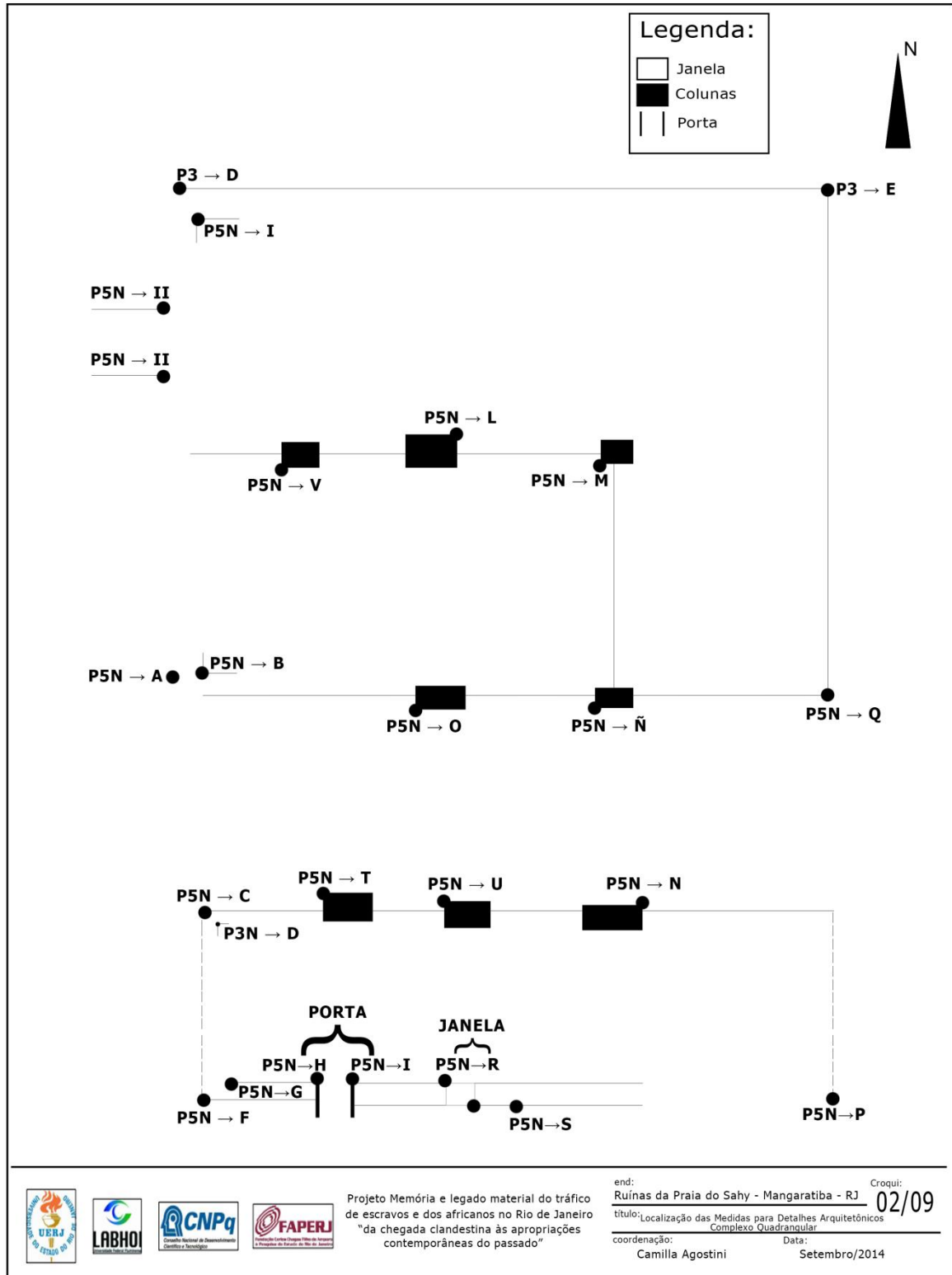
Localização das medidas para detalhes arquitetônicos: Complexo Quadrangular / CQ



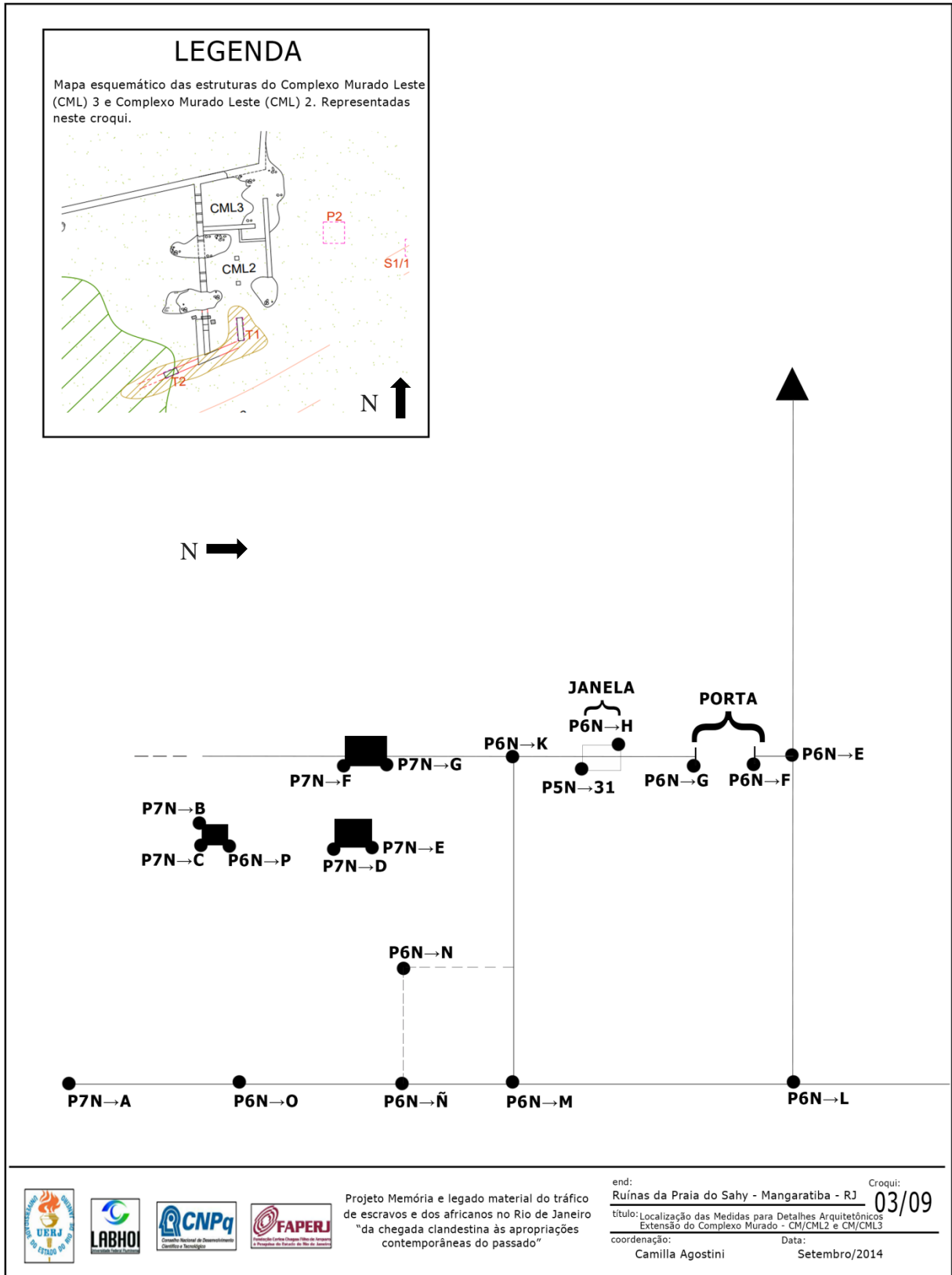
Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 título: Medidas para Detalhes Arquitetônicos: Complexo Quadrangular (CQ) - AL/B/C/AE
 escala: 1/250
 data: 07/07
 coordenação: Camilla Agostini
 desenho: Clarice Mühbauer
 junho/2015

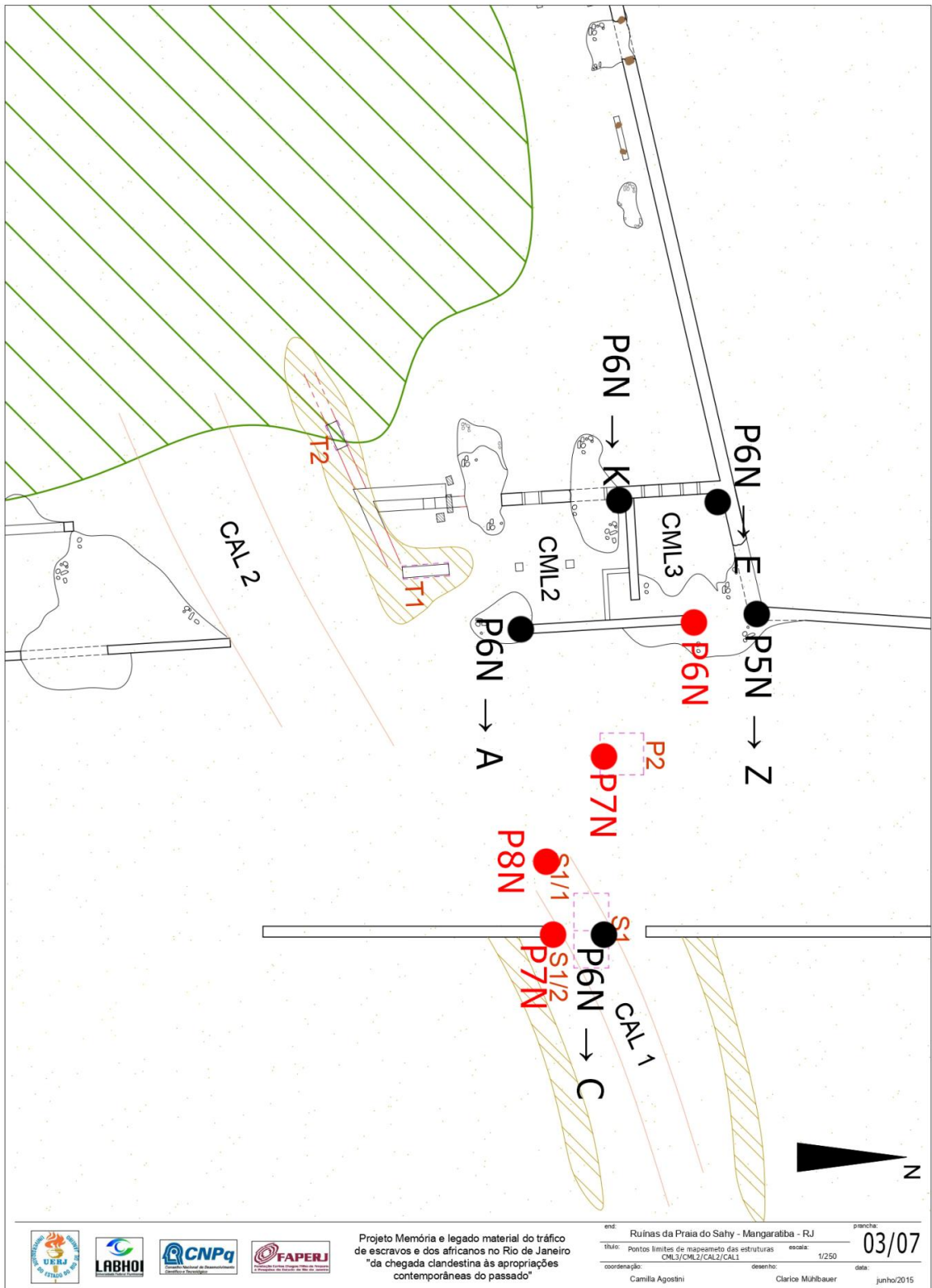
Localização das medidas para detalhes arquitetônicos: Complexo Quadrangular / CQ



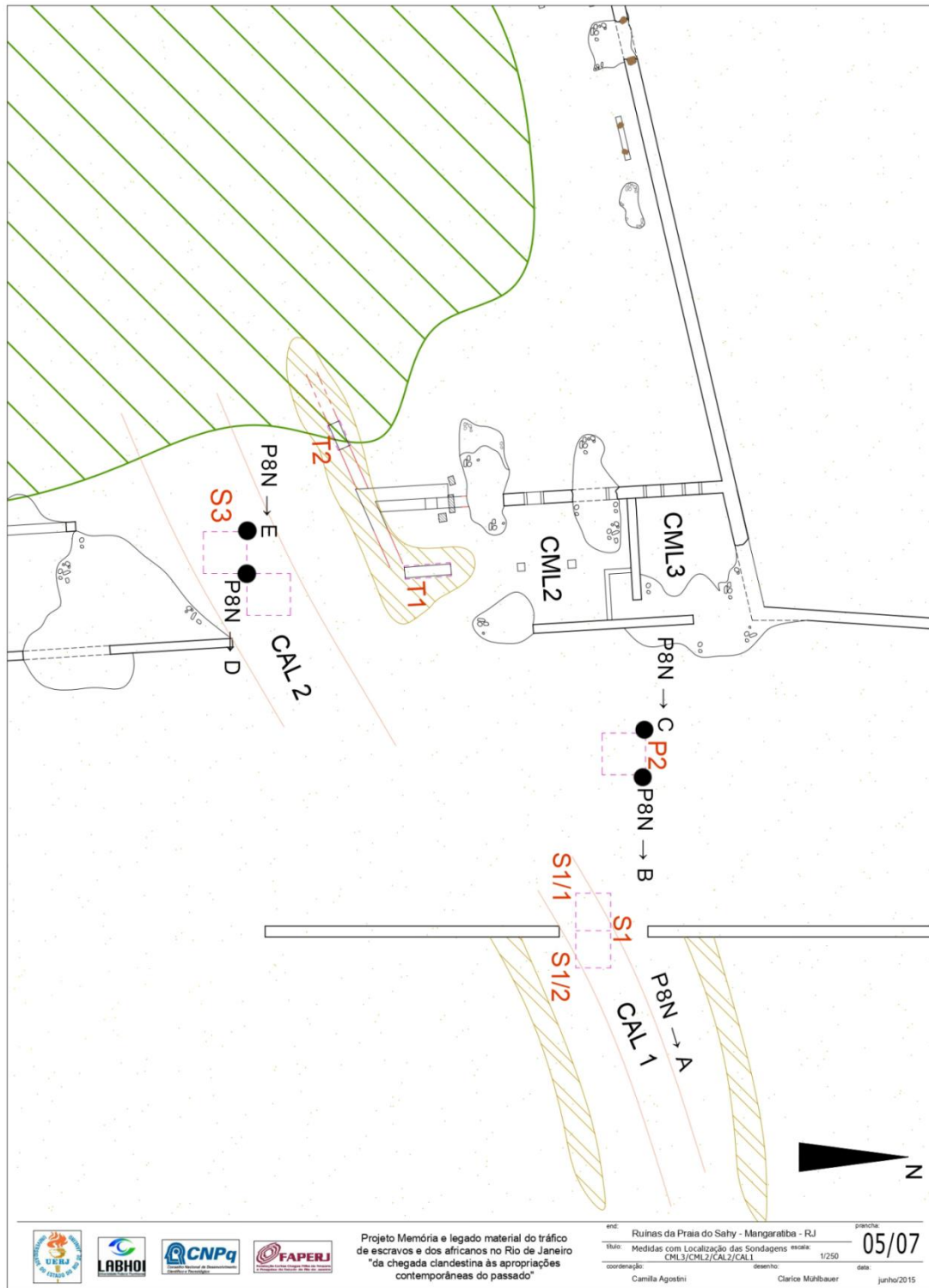
Localização das medidas para detalhes arquitetônicos: Complexo Murado CM / Setores CML2 e CML3



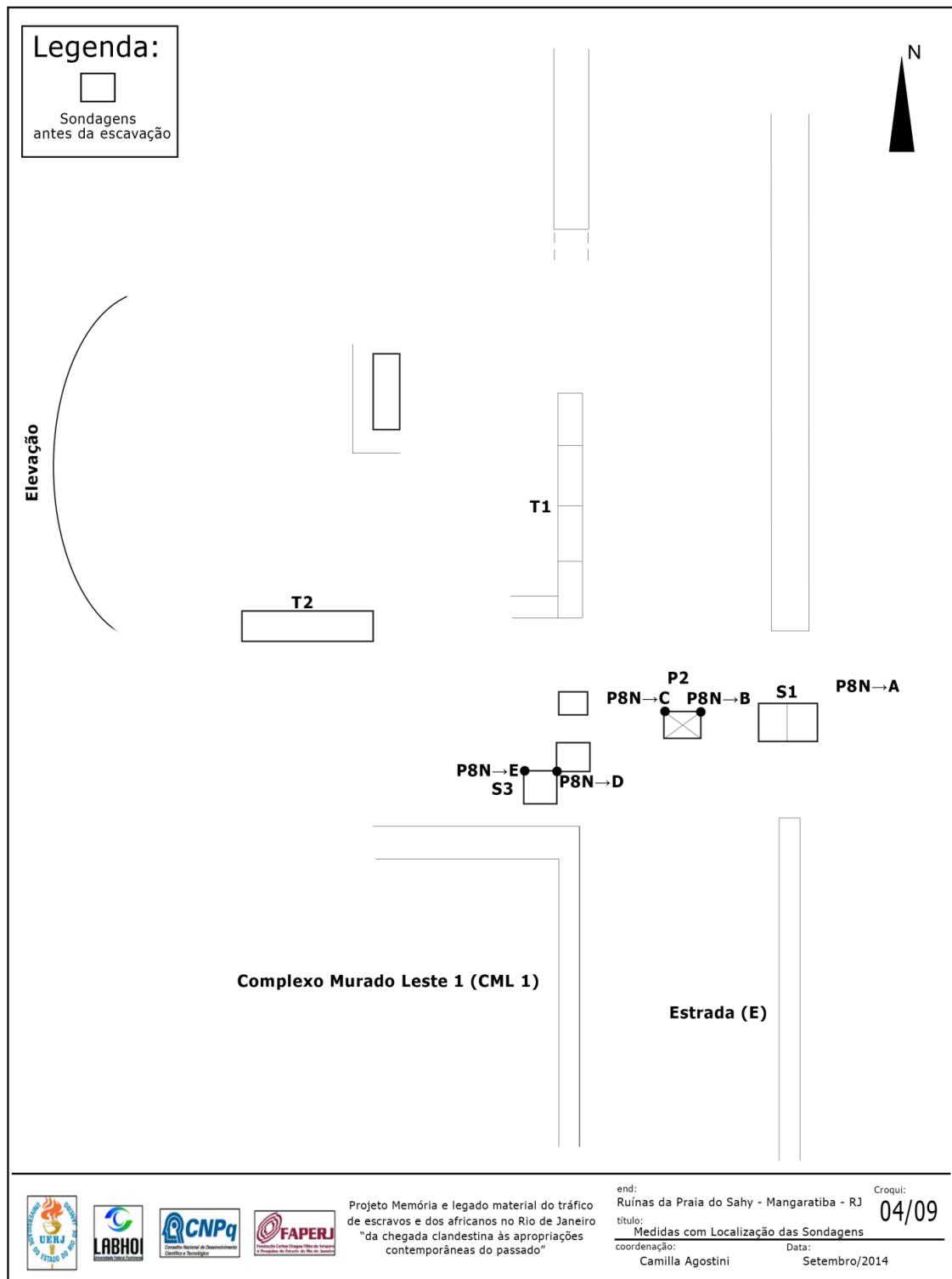
Pontos limites para mapeamento das estruturas: Setores CML3, CML2; CAL2; CAL1



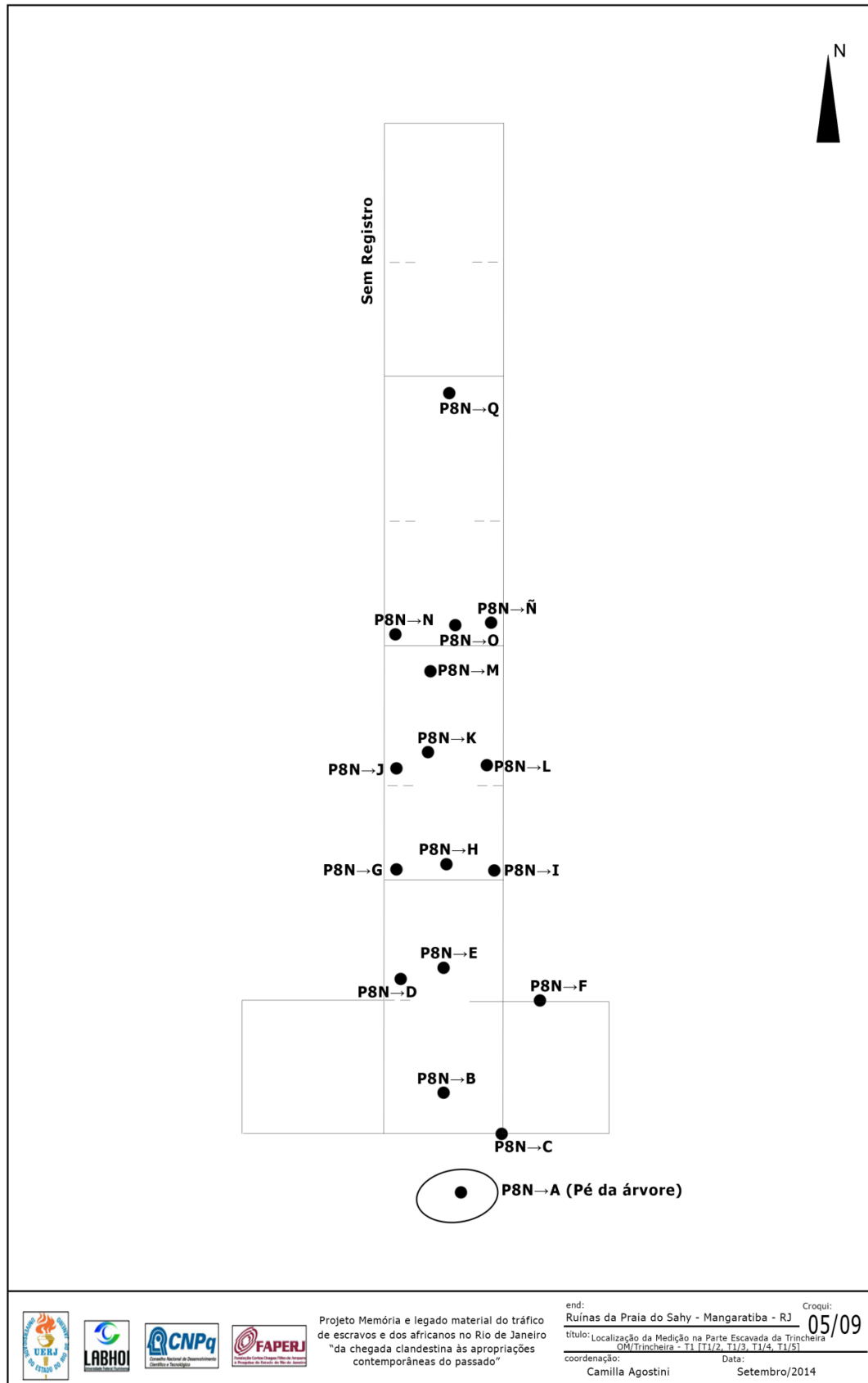
Medidas com localização das sondagens: Setores CML3, CML2, CAL 2, CAL1



Medidas com localização das sondagens para averiguação do Canal e estruturas próximas: CA Setores CAL1 / S1 (Sondagem 1) e CAL2 / S3 (Sondagem 3); na Estrada / E – P2 (Prospsecção2); em CM / CML2 / T1 e T2 (Trincheiras 1 e 2)



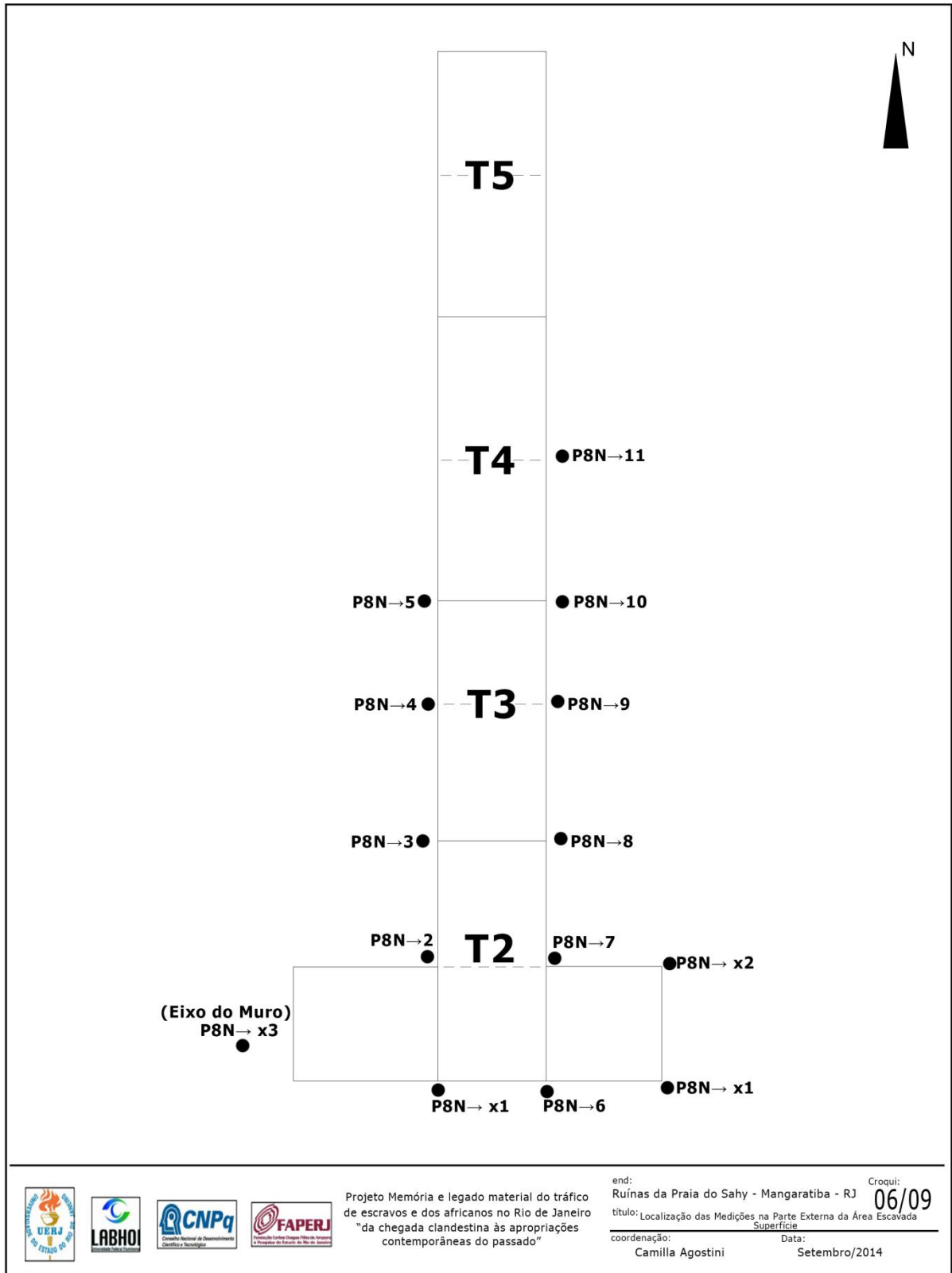
Detalhe com portos de referência da escavação em CM / Setor CML2 / T1 - Trincheira 1 (com profundidade máxima da escavação a partir do Ponto P8N)



Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 Croqui: 05/09
 título: Localização da Medição na Parte Escavada da Trincheira OM/Trincheira - T1 (T1/2, T1/3, T1/4, T1/5)
 coordenação: Camilla Agostini
 Data: Setembro/2014

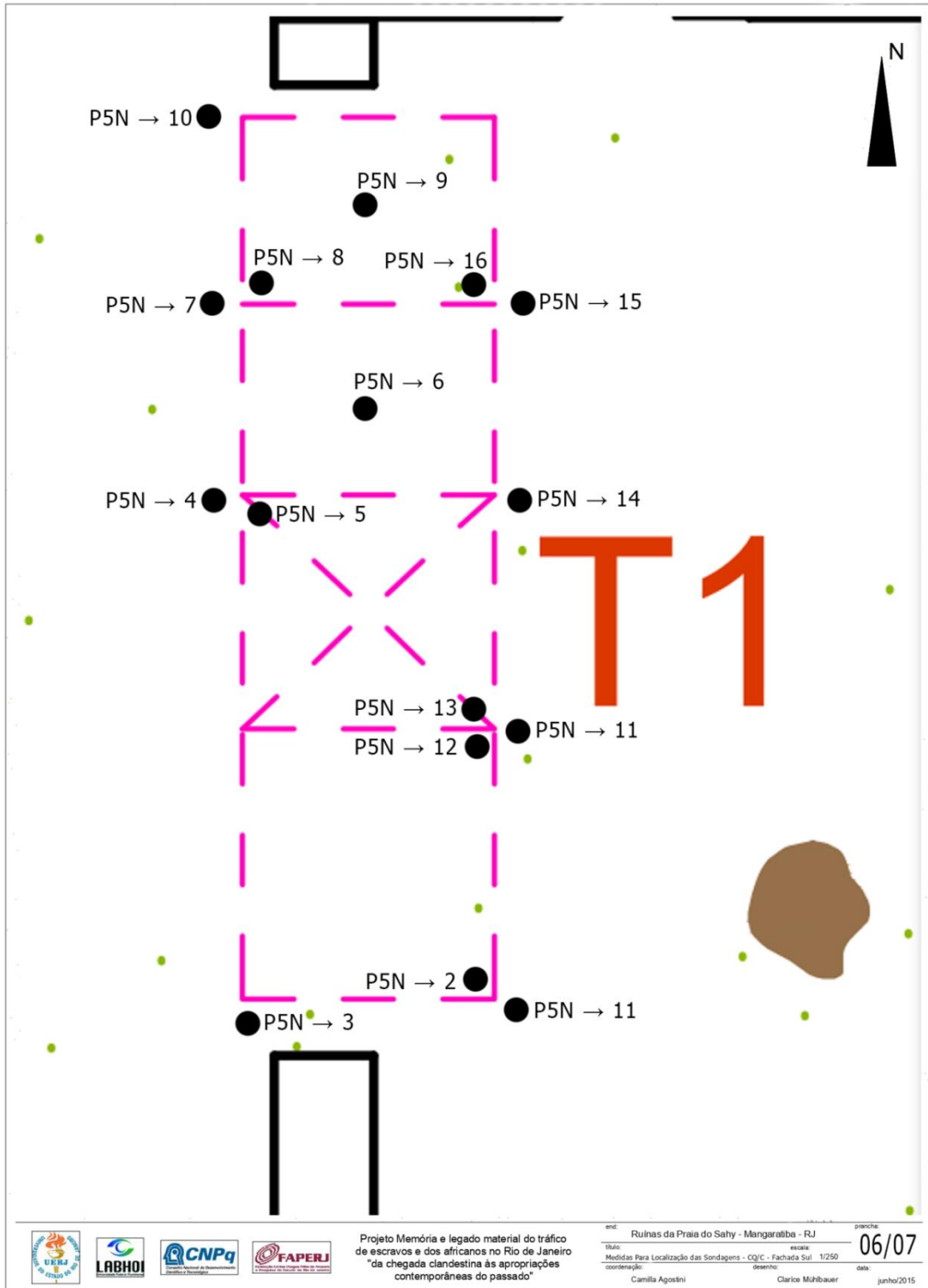
**Detalhe com portos de referência da escavação em CM / Setor CML2 / T1 -
Trincheira 1 (com referências da superfície a partir do Ponto P8N)**



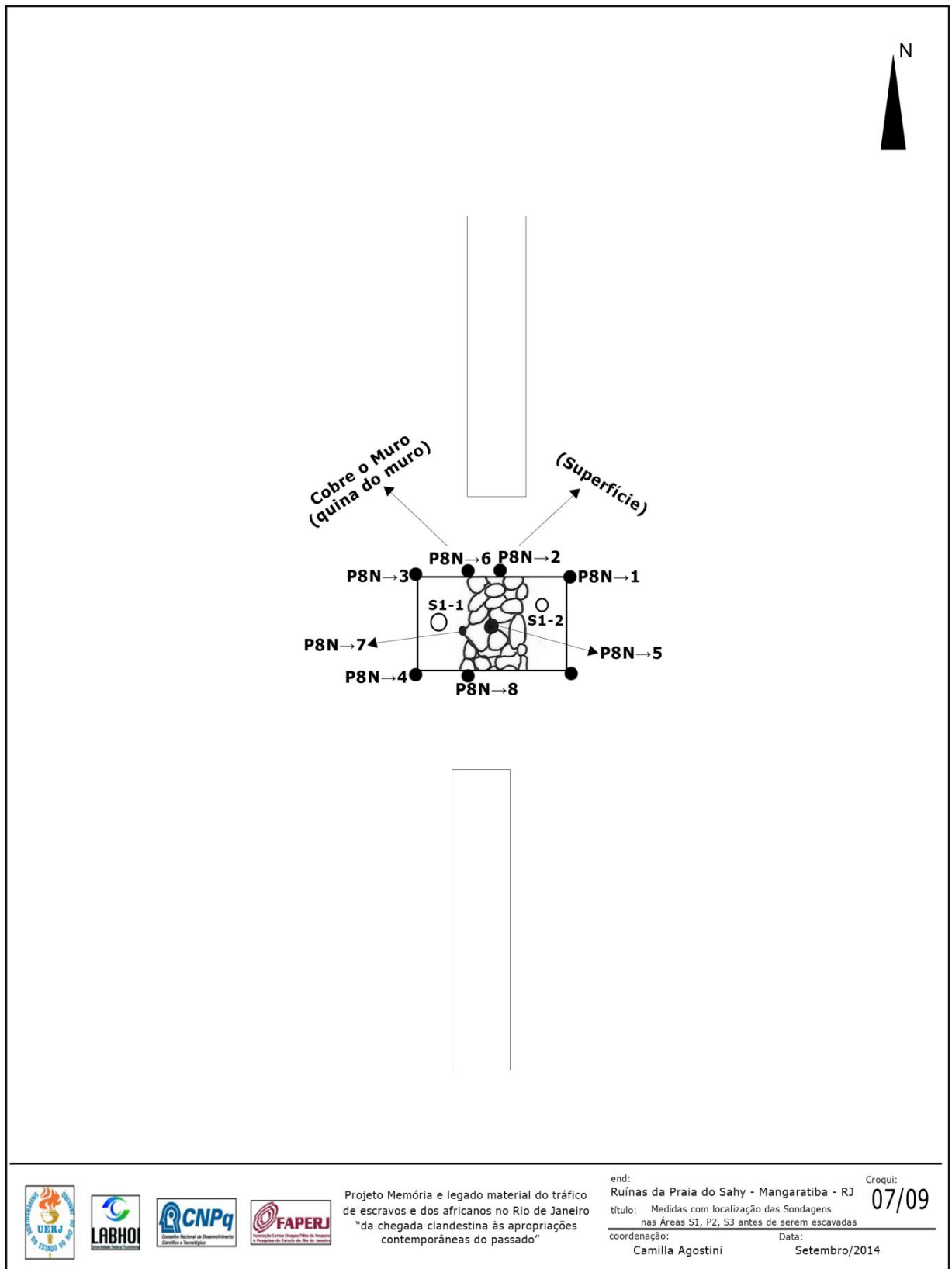
Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 Croqui: 06/09
 título: Localização das Medições na Parte Externa da Área Escavada Superfície
 coordenação: Camilla Agostini
 Data: Setembro/2014

Esquema da Trincheira 1 com portos de referência da escavação em CM / Setor CML2 / T1 (com referências a partir do Ponto P5N)



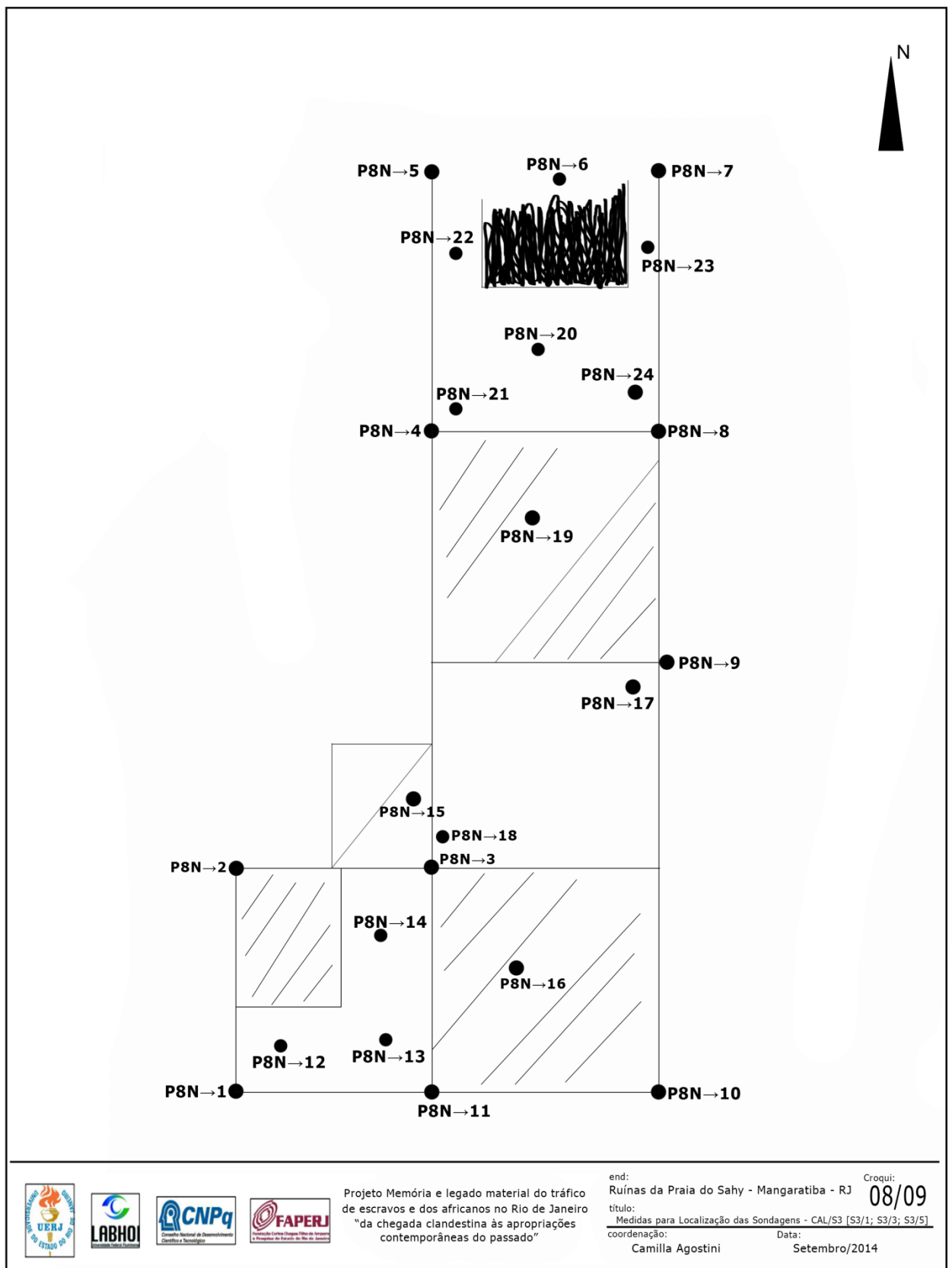
Detalhe com pontos de referência da escavação no encontro da Estrada (E) com o Canal (CA): CA / Setor CAL1 / S1 (com referências da superfície a partir do Ponto P8N)



Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 título: Medidas com localização das Sondagens nas Áreas S1, P2, S3 antes de serem escavadas
 coordenação: Camilla Agostini
 Data: Setembro/2014
 Croqui: 07/09

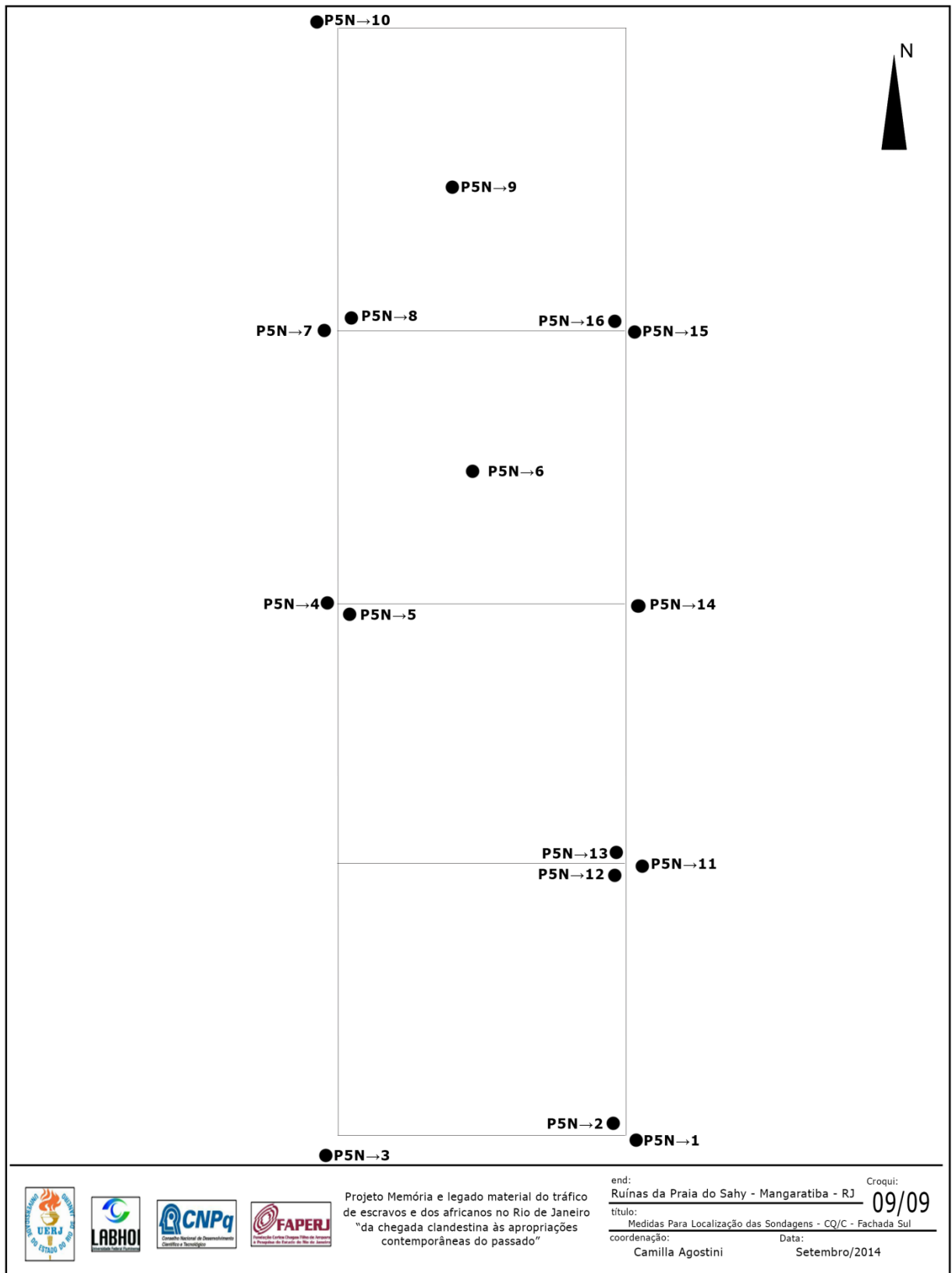
Área total escavada com referências de superfície e profundidade final no Canal, lado Leste, segundo trecho: CA / CAL2 / S3 (Sondagem 3) (medidas tomadas do Ponto P8N)



Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 Croqui: 08/09
 título: Medidas para Localização das Sondagens - CAL/S3 [S3/1; S3/3; S3/5]
 coordenação: Camilla Agostini
 Data: Setembro/2014

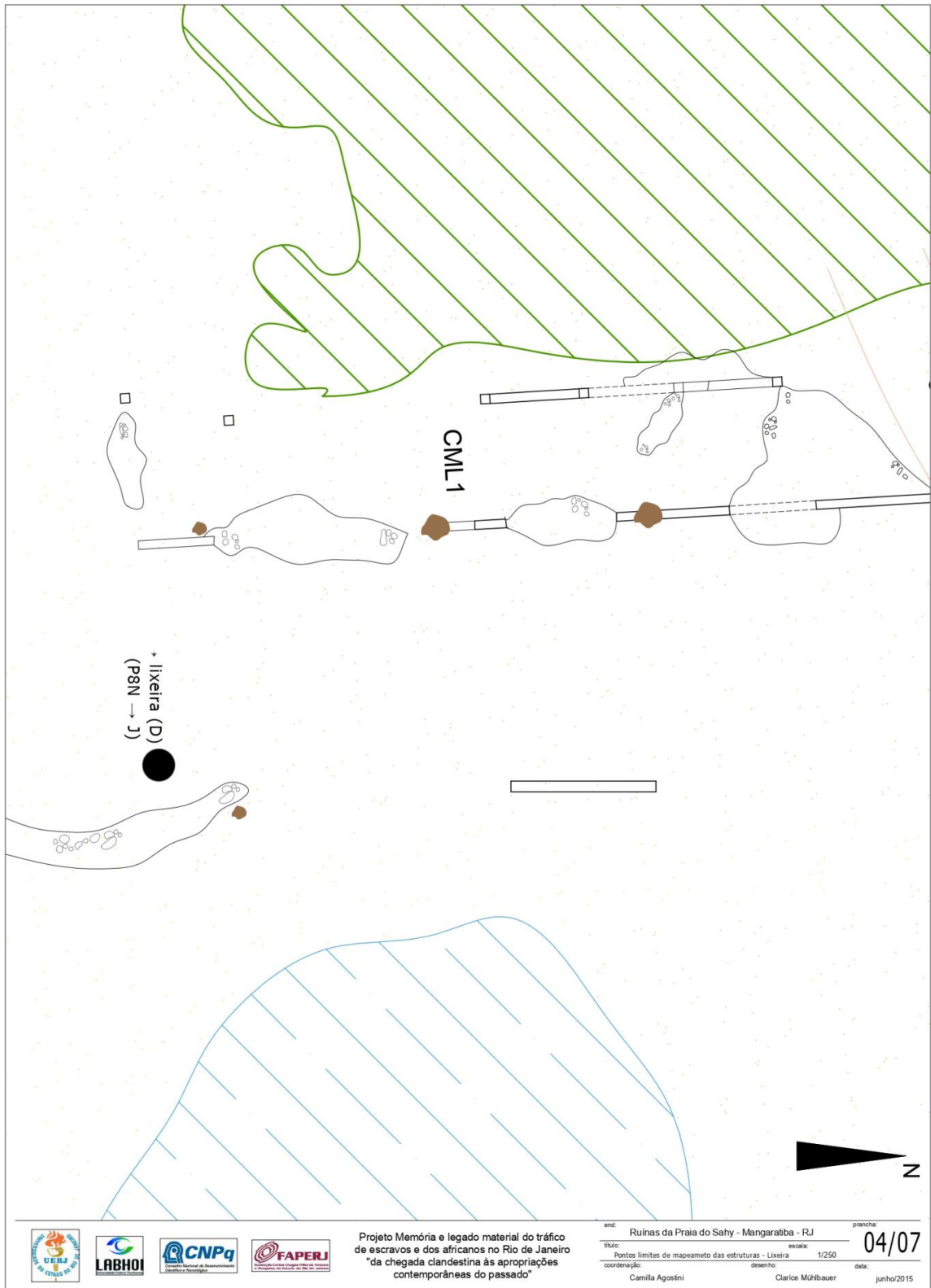
Área de escavação com referências de superfície e profundidade no Canal, lado Leste, segundo trecho: CA / CAL2 / S3 (Sondagem 3) (medidas tomadas do Ponto P5N)



Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro
 "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 Croqui: 09/09
 título: Medidas Para Localização das Sondagens - CQ/C - Fachada Sul
 coordenação: Camilla Agostini
 Data: Setembro/2014

Localização do PB42 (quadrícula expandida de prospecção do *transect* PB para averiguação de lixeira) (medida tomada a partir do Ponto P8N)



Projeto Memória e legado material do tráfico de escravos e dos africanos no Rio de Janeiro "da chegada clandestina às apropriações contemporâneas do passado"

end: Ruínas da Praia do Sahy - Mangaratiba - RJ
 título: Pontos limites de mapeamento das estruturas - Lixeira
 escala: 1/250
 coordenação: Camilla Agostini
 desenho: Clarice Mühlbauer
 prancha: 04/07
 data: junho/2015

Dados do referenciamento: mapeamento das estruturas

Tabela 1 - Medidas para o perímetro maior das Estruturas Arquitetônicas		
Distâncias consideradas a partir do Ponto Zero P3		
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo
P3	P3 → A	20 m / 140,6°
P3	P3 → D	84 m / 170°
P3	P3 → G	37 m / 190,6°
P3	P3 → E	96 m / 150,1°
P3	P3N	71 m / 170,6°
P3N	P3N → P	24 m / 220,7°
P3N	P3N → O	27 m / 207,4°
P3N	P5N	32 m / 170,7°
P5N	P5N → F	11 m / 160,2°
P5N	P5N → Z1	50 m / 200,5°
P5N	P5N → P	38 m / 110,5°
P5N	P6N	49 m / 200,5°
P6N	P6N → A	7 m / 250,8°
P6N	P6N → B	21 m / 80°
P6N	P6N → C	41 m / 130,1°
P6N	P6N → D	64 m / 140,3°
P6N	P6N → K	9 m / 220°
P6N	P7N	25 m / 140,2°
P7N	P7N → h	13 m / 340,1°
P7N	P8N	22 m / 180,6°
P7N	P9N	25 m / 170°
P8N	P8N → L	12 m / 40,9°

P8N	P8N → J	20 m / 170,7°
P8N	P8N → O	14 m / 270,9°
P8N	P8N → G	21 m / 230,6°
P8N	P8N → H	38 m / 210,5°
P8N	P8N → I	47 m / 180,5°

Tabela 2 - Medidas para Detalhes Arquitetônicos			
Complexo Quadrangular / CQ			
P3N	D	Já plantados na geral/Perímetro	
P3	F		
P5N	F		
P5N	P		
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo	
P5N	Quina Interna Norte Oeste (I)	20 m / 20°	
P5N	Quina Norte Rampa 2 (II)	16 m / 20,3°	
P5N	Quina Sul Rampa (III)	13 m / 20,5°	
P5N	A	6 m / 50,7°	Muito Impreciso
P5N	B	7 m / 60,5°	
P5N	C	6 m / 130,4°	
P5N	D	7 m / 130,4°	
P5N	G	11 m / 150,9°	
P5N	H	12 m / 150°	
P5N	I	13 m / 140,7°	
P5N	L	21 m / 70,2°	
P5N	M	28 m / 80,1°	
P5N	N	28 m / 100,7°	

P5N	Ñ	29 m / 90,3°	
P5N	O	20 m / 90°	
P5N	Q	37 m / 90,4°	
P5N	R	15 m / 140,2°	
P5N	S	15 m / 130,9°	Imprecisa
P5N	T	13 m / 110,6°	
P5N	U	20 m / 110°	
P5N	V	15 m / 60,2°	

Tabela 3 - Medidas para Detalhes Arquitetônicos			
Extensão do CM: CS e COS lateral à CS			
P5N	31	Já plotados no Croqui 7	
P6N	E		
P6N	K		
P7N	A		
P6N	F	9 m / 250,1°	
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo	
P6N	G	9 m / 240°	
P6N	H	10 m / 230,8°	
P6N	J	10 m / 220,5°	
P6N	L	5 m / 260,8°	
P6N	M	4 m / 160°	
P6N	N	8 m / 180,4°	
P6N	Ñ	7 m / 160,2°	Apenas para verificação do alinhamento
P6N	O	13 m / 160,4°	
P6N	P	14 m / 180,1°	Colunas dentro da CL
P7N	B	16 m / 320,9°	
P7N	C	16 m / 330°	

P7N	D	19 m / 330,8°	
P7N	E	20 m / 339°	
P7N	F	22 m / 320,7°	(Coluna)
P7N	G	22 m / 320,8°	(Coluna)

Dados de referenciamento: Escavação

Tabela 4 - Medidas com localização das Sondagens		
CM / CML2 / Trincheira - T1 [T1/2, T1/3, T1/4, T1/5]		
Medição na área escavada da Trincheira -		
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo / Altura
P8N	A	16 m / 310,5° / 0,7 m
P8N	B	18 m / 320° / 0,57 m
P8N	C	17 m / 320,1° / 0,75 m
P8N	D	18 m / 320,2° / 0,83 m
P8N	E	17 m / 320,3° / 0,57 m
P8N	F	18 m / 320,3° / 0,66 m
P8N	G	18 m / 320,4° / 0,60 m
P8N	H	18 m / 320,5° / 0,56 m
P8N	I	18 m / 320,5° / 0,57 m
P8N	J	19 m / 320,6° / 0,60 m
P8N	K	20 m / 320,6° / 0,55 m
P8N	L	18 m / 320,8° / 0,62 m
P8N	M	20 m / 320,8° / 0,60 m
P8N	N	19 m / 320,8° / 0,51 m
P8N	Ñ	19 m / 320,9° / 0,52 m
P8N	O	20 m / 330,9° / 0,46 m
P8N	P	20 m / 330,1° / 0,40 m
Medições na parte externa da Área Escavada – Superfície		
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo / Altura
P8N	1	17 m / 320,9° / 0,58 m

P8N	2	18 m / 320,1° / 0,51 m	
P8N	3	13 m / 320,4° / 0,47 m	
P8N	4	19 m / 320,6° / 0,40 m	
P8N	5	- / 320,8° / 0,80 m	
P8N	6	17 m / 320° / 0,67 m	
P8N	7	17 m / 320,3° / 0,65 m	
P8N	8	18 m / 310,5° / 0,57 m	
P8N	9	18 m / 320,4° / 0,47 m	
P8N	10	- / 330° / 0,20 m	
P8N	11	- / 330,2° / 0,30 m	
P8N	X 1	15 m / 320,2° / 0,82 m	
P8N	X 2	17 m / 320,5° / 0,85 m	
P8N	V3	19 m / 318,5° / 0,34 m	Eixo do Muro Paralelo ao Canal

**Tabela 5 - Medidas com localização das escavações em CA / CAL1 / S1;
CAL2 / S3; E / P2 antes de serem escavadas**

Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo / Altura
P8N	A	15 m / 42,1° / h = 2,19 m
P8N	B	9 m / 350° / h = 1,8 m
P8N	C	9 m / 350,4° / h = 1,8 m
P8N	D	14 m / 290,8° / h = 1,98 m
P8N	E	14 m / 290,5° / h = 2 m
CA / CAL1 / S1		
P8N	1	16 m / 40,2° / h = 2,2 m
P8N	2	15 m / 40° / h = 2,15 m
P8N	3	15 m / 30,7° / h = 2,14 m
P8N	4	14 m / 40° / h = 2,12 m
P8N	5	h = 2,23 m (topo; meio)
P8N	6	km / 40° / h = 2,21 m
P8N	7	14 m / 40° / h = 2,23 m
P8N	8	14 m / 40° / h = 2,22 m

Tabela 6 - Medidas com localização da área de escavação		
CA / CAL2 / S3 [S3/1; S3/3; S3/5]		
Ponto Zero	Ponto Marcado	Distância / Ângulo / Altura
P8N	1	12 m / 290,3° / 1,95 m
P8N	2	16 m / 290,6° / 1,96 m
P8N	3	14 m / 290,8° / 1,96 m
P8N	4	15 m / 300,4° / 1,82 m
P8N	5	16 m / 300,7° / 1,38 m
P8N	6	16 m / 300,8° / 1,32 m
P8N	7	16 m / 300,9° / 1,46 m
P8N	8	15 m / 300,7° / 1,85 m
P8N	9	14 m / 300,9° / 1,96 m
P8N	10	14 m / 290,7° / 1,93 m
P8N	11	14 m / 290,5° / 1,94 m
P8N	12	14 m / 290,4° / 2,15 m
P8N	13	15 m / 290,5° / 2,1 m
P8N	14	15 m / 290,7° / 2,1 m
P8N	15	14 m / 290,8° / 2,1 m
P8N	16	14 m / 290,8° / 1,96 m
P8N	17	14 m / 300,4° / 2 m
P8N	18	14 m / 290,8° / 2 m
P8N	19	16 m / 300° / 1,92 m
P8N	20	16 m / 300,7° / 1,97m
P8N	21	15 m / 300,5° / 1,90m
P8N	22	16 m / 300,7° / 1,56 m
P8N	23	14 m / 300,9° / 1,62 m
P8N	24	15 m / 300,7 / 1,85 m

Tabela 7 - Medidas com localização das áreas de escavação
CQ / C - Fachada Sul

P5N	1	17 m / 350,8° / 1,94 m
P5N	2	16 m / 350,8° / 2 m
P5N	3	16 m / 0,1° / 1,81 m
P5N	4	14 m / 350,8° / 1,76 m
P5N	5	15 m / 300,8° / 1,84 m
P5N	6	13 m / 350,5° / 1,56 m
P5N	7	13 m / 350,7° / 1,63 m
P5N	8	13 m / 350,6° / 1,8 m
P5N	9	13 m / 350,4° / 1,92 m
P5N	10	13 m / 350,5° / 1,62 m
P5N	11	16 m / 350,6° / 1,92 m
P5N	12	16 m / 300,7° / 2 m
P5N	13	15 m / 350,6° / 1,92 m
P5N	14	15 m / 350,4° / 1,82 m
P5N	15	14 m / 350,2° / 1,62 m
P5N	16	13 m / 350,3° / 1,86 m

Mapeamento de sub-superfície

Seguem os perfis estratigráficos revistos, com a inclusão das legendas, como solicitado pelo IPHAN (Ofício GAB/IPHAN-RJ nº 1.253/15) – seguem anexados também ao presente relatório os arquivos originais para melhor visualização dos desenhos.

Como referido foram realizadas escavações particularmente no lado Leste do complexo, para mapeamento do comportamento estratigráfico e algumas sondagens pontuais para averiguação de estruturas, bem como identificação de possível lixeira. Todas as intervenções arqueológicas neste lado Leste do sítio foram definidas a partir do ponto zero P3. Foram usados os seguintes referenciais de escavação:

Transects:

Alinhamento pré-determinado de prospecções em intervalos regulares.

Prospecção:

Área circular produzida com cavadeira boca de lobo; ou quadrículas de 0,5 m X 0,5 m.

Sondagem:

Áreas estendidas a partir de prospecções, determinadas pela necessidade de averiguação de estrutura ou qualquer outra situação de interesse.

Quadrícula:

Unidades quadrangulares, geralmente de 1m x 1m, mas podendo ter sua extensão adaptada.

Trincheira:

Sequencia contínua de quadrículas em linha reta.

Área de escavação:

Escavação em superfície ampla.

As prospecções foram programadas para serem feitas seguindo *transects* em três pontos da parte Leste do sítio, realizadas com a cavadeira boca de lobo, com intervalo de 5 m. O alinhamento designado PB, seguiu o eixo da Estrada que corta o complexo no sentido Norte – Sul. Dois outros alinhamentos foram definidos nas laterais Leste (alinhamento PA) e Oeste da mesma Estrada (alinhamento PC) da Estrada, para além dos muros que delimitam suas margens. Contudo, na etapa de campo para esta avaliação

optou-se por adiar as prospecções da linha PC, do lado Oeste da estrada, por coincidir em parte com a área do possível Cemitério, para não impactá-lo.



Marcação dos *transects* – nas imagens a localização da linha PC, cujas prospecções não foram realizadas por estarem na área do cemitério

Alinhamento PB (ao longo do eixo da Estrada)

O primeiro alinhamento realizado foi o PB, seguindo o eixo da Estrada no sentido Norte – Sul. Pelo limite de tempo do trabalho de campo, a partir do PB32 o intervalo das prospecções passou a ser dobrado (de 5m para 10m), não sendo realizadas as prospecções de PB37 a PB39 desse alinhamento PB, por estarem em área alagadiça (de forma inconstante) por pequena lagoa formada pela água da foz do rio Sahy. O último ponto deste alinhamento foi a PB42, onde foi realizada a abertura de quadrícula de 1m x 1m.

A caracterização geral das camadas neste alinhamento se define pelo seguinte perfil estratigráfico:

CI – sedimento escuro, geralmente mais solto. Parece uma camada de decomposição mais recente da vegetação. Nos pontos de maior trânsito de pedestres da Estrada ela está ausente.

CII – sedimento castanho; varia em níveis de compactação, granulometria e humidade, mas no geral é mais compacto e possui grãos finos.

CIII – sedimento avermelhado, compacto. Em meio a este sedimento às vezes aparecem lentes de uma areia fina e cinza de continuidade variável, além de cascalho.

OBS:

A cima desta CIII foi comum encontrar um leito de pedras miúdas, provavelmente de pé de moleque de antigo calçamento da estrada. Muitas sondagens não foram aprofundadas, evitando a retirada dessas pedras que estavam em uma camada sempre próxima a superfície.

Esta CIII não é uma camada homogênea, aparece em algumas áreas da Estrada. A suspeita é que seja um aterro sobre o qual se plantou o calçamento de pé de moleque, provavelmente nas situações onde o terreno exigia essa medida.

CIV – sedimento arenoso, mais fino e mais solto. Varia em coloração e umidade. Essas variações foram registradas também na sua sequência em profundidade (camadas CV e CVI), sendo mais escura e mais úmida na medida de aprofunda:

CIVa; CVa; CVIa – coloração em tons de cinza ao preto

CIVb; CVb; CVIb – coloração do bege/castanho ao marrom

CIVc; CVc; CVIc – coloração branca

OBS:

Abaixo da CIII (ou da CII, quando a CIII não existe) surge sempre o sedimento mais arenoso (CIV e posteriores) que vai sofrer variações até cerca de 140 cm de profundidade, quando surge o lençol freático (em média). Às vezes termina em sedimento escuro e lodoso, como do mangue, às vezes em areia de praia.

CVII e CVIII – areia branca (de praia)

CVIIIi – areia de praia branca com intrusões

CM – sedimento lodoso, muito escuro, plástico, semelhante ao sedimento do mangue

Observações gerais do alinhamento PB:

- ✓ Comportamento estratigráfico semelhante ao alinhamento PA referente às camadas superiores: regularidade das CI e CII.
- ✓ Presença de camada de frequência irregular ao longo do alinhamento: CIII – identificada como contrapiso constituído de sedimento vermelho argiloso usado em alguns pontos da Estrada para nivelamento ou preparo do terreno para implantação de calçamento de pé de moleque, cujas pedras foram identificadas em várias prospecções logo abaixo da CII.
- ✓ A prospecção PB19 foi expandida para exibição do calçamento, no sentido de confirmar sua existência e fazer seu registro – deixando-o temporariamente exposto para visualização do público em área próxima ao trânsito, mas protegida da circulação dos pedestres.
- ✓ Comportamento estratigráfico semelhante ao alinhamento PA referente às camadas abaixo do conjunto regular CI + CII; presença relativamente regular da CIII; e variabilidade das camadas subsequentes – o registro dessa variabilidade foi observada a partir da CIV com um sedimento arenoso, mais fino e solto que variou em coloração e umidade. De uma maneira geral, independente da coloração, com o aprofundamento das prospecções os sedimentos tendiam a se tornar mais escuros e mais úmidos. Usou-se a letra (a) para as variações de coloração escuras, em tons de

cinza ao preto; a letra (b) para as variações de coloração no bege/castanho ao marrom; a letra (c) para a coloração branca, da maneira que segue:

CIVa; CVa; CVIa – coloração em tons de cinza ao preto

CIVb; CVb; CVIb – coloração do bege/castanho ao marrom

CIVc; CVc; CVIc – coloração branca

- ✓ A irregularidade estratigráfica abaixo do calçamento em ambiente praieiro faz pensar em um terreno que pode ter sido preparado, com inserção de sedimentos externos na compactação e preparação do terreno para a implantação das edificações em alvenaria em pedra que chegaram a ser assobradadas, segundo consta em manuscritos e observado nas estruturas.
- ✓ CVII e CVIII são camadas profundas com areia de praia (solo local original); na CVIII surge o lençol freático.
- ✓ CVIII quando a CVIII apresentava o sedimento original com intrusões, misturas.
- ✓ A dinâmica das camadas fizeram pensar na hipótese/entendimento de que as variações e irregularidades dos sedimentos abaixo de CI + CII + CIII fossem devido a movimentos de aterro do local, em decorrência de preparação do terreno para a elevação de construções em ambiente praieiro com terreno original de areias brancas: a partir de CIV apresentam-se muitas variações e irregularidades; na parte mais ao Sul da Estrada, nas prospecções mais próximas ao antigo Canal e à praia, foi onde surgiram alguns poucos vestígios em alguma profundidade; as prospecções mais recuadas da praia e afastadas do canal foram inteiramente estéreis.
- ✓ CM configura-se com um sedimento lodoso, muito escuro, plástico, onde também surge o lençol freático; semelhante ao sedimento do mangue que existe entre a região prospectada e o Rio do Sahy que desagua no mar, cujo desvio teria levado um Canal a cortar o Complexo Murado.

PB42

A PB42 está localizada na parte mais ao Sul do complexo, logo a frente dos limites das ruínas. Localiza-se em um recorte do terreno, sobre um platô gramado que conta com contenção de pedras (recentes?) na sua base, provavelmente para conter a ação das águas em períodos de cheia da maré. Na base deste recorte do terreno, onde a água tem ação direta e frequente, se nota uma profusão de fragmentos (contemporâneos e oitocentistas, além de pedras em cantaria, provavelmente partes da antiga construção). A suposição era de que ali poderia ser algum tipo de aterro contendo lixo de diferentes épocas.

Nesse sentido optou-se por prospectar o local para averiguação desta possível evidência, além do registro estratigráfico. Foi encontrada profusão de lixo apenas entre 20 cm e 30 cm da superfície, provavelmente referente a uma ocupação da década de

1990. Em meio a uma lente com sinais de combustão e presença de carvão associada a esse acúmulo de lixo foi encontrada uma moeda com a data de 1994. Relatos orais de forma recorrente mencionaram “o tempo das barracas”, como referência de memória principalmente da década de 1980, quando a praia recebia *milhares* de barracas de camping (algumas permanentes outras temporárias), como contaram diversos relatos de moradores locais e de banhistas usuários de longa data do local. Relatos sobre acampamentos temporários continuam referentes à memória da década de 1990. No presente se observa o uso público da área das ruínas por banhistas que usam as pedras das estruturas para a realização de fogões improvisados, além de fogueiras.

Foi recuperada uma moeda da década de 1950, a cerca de 50 cm de profundidade, junto a uma grande pedra, mas sem relação à concentração de outros refugos. De uma maneira geral, nas camadas mais profundas as evidências se tornaram mais rarefeitas. A quadrícula de 1m X 1m foi escavada até 120 m, sendo posteriormente continuada com a boca de lobo, atingindo o lençol freático a 213 m da superfície. Novas quadrículas deverão ser abertas futuramente em outros pontos desta parte elevada, melhor avaliando a possibilidade da lixeira.

Algumas particularidades estratigráficas foram registradas na PB42:

Sup (0 a 4/6 cm) – camada superficial com grama. A grama está enraizada em uma mistura de areia da praia e um sedimento preto.

C0 (4/6 cm a 40/45 cm) – sedimento arenoso, solto, acinzentado-claro, seco, com raízes e muita profusão de fragmentos. Areia da praia branca contemporânea, levemente escurecida por incidência de carvão.

Lente de carvão (20/27 a 30 cm) – sedimento preto com indícios de combustão, alta concentração de carvão e vestígios materiais associados. Ocorre em meio à camada C0.

CII (40/45 cm a 99/100 cm) – sedimento castanho avermelhado, muito fino.

Entre 60/75 cm e 76/85 cm ocorre a CIII. Aparentemente a CIII (possível aterro recorrente no alinhamento PB) separa a CII em dois momentos:

1º momento (40/45 cm a 60/75 cm) – Sedimento castanho, levemente avermelhado, compacto, muito fino, seco.

2º momento (76/85 cm a 99/100 cm) – sedimento castanho avermelhado, muito fino, seco, umedecendo e escurecendo com a profundidade; mais compacto que o anterior.

CIII (60/75 cm e 76/85 cm) – sedimento vermelho, bastante compacto, com pedras, mais úmido do que a CII que o contém. Em meio a este sedimento encontra-se cascalho de continuidade variável. Possível aterro ou remanescentes do piso da Estrada.

CIVb (99/100 cm a 140 cm) – sedimento de coloração com variação entre castanha escura e amarelada, arenoso, grão fino, seco e solto. Camada com variações de cor e umidade, mas de uma maneira geral o sedimento umedece e escurece de acordo com a profundidade.

CVa (140 cm a c.180 cm) – sedimento escuro, muito plástico, argiloso, muito úmido.

CVIa (c.180 cm a c.213 cm) – sedimento mais escuro, argiloso e muito úmido. Surge o lençol freático em 213 cm.



Localização da PB42, no final do alinhamento PB, ao longo do eixo da Estrada (seta azul); a seta vermelha indica profusão de fragmentos evidenciados pela ação erosiva da água



Detalhe do local com profusão de fragmentos diversos, na base do terreno onde está a PB42

PB19

A PB19 também foi estendida, com escavação em superfície ampla, para certificar a existência do calçamento em pé de moleque (cuja incidência foi recorrente em várias PBs ao longo da Estrada). O ponto parece adequado para que o trecho do calçamento seja mantido exposto, com limpeza frequente das folhas realizada pela equipe da Fundação Mário Peixoto, uma vez que fica ao lado do caminho usado pelos frequentadores do local; visualmente acessível, mas fora do trecho de impacto direto pelo trânsito de pedestres.



Localização do calçamento exposto com relação à Estrada e ao caminho utilizado atualmente por pedestres



Detalhe do calçamento no ponto estendido a partir da PB19

Prospecções realizadas no alinhamento PB:

PB1: estéril / calçamento surge em 18cm da superfície

CI

CII

PB2: estéril / calçamento surge em 18cm da superfície

CI

CII

PB3: estéril / lençol freático surge em 100cm da superfície

CI

CII

CIII – com manchas de areia fina, clara

Lente entre as CIII e CIVa: com areia fina e clara

CIVa

Va

PB4: estéril / lençol freático surge em 114cm da superfície

CI

CII

CIII – com lente de areia fina, clara

CIVa
Va

PB5: estéril / calçamento surge em 25cm da superfície

CI
CII

PB6: estéril / ao lado de árvore com grandes raízes

CI

PB7: estéril / calçamento surge em 18cm da superfície

CI
CII

PB8: estéril / localização da prospecção quase alinhada com a fachada Norte do CQ

CI
CII – vestígios de cascalho em 25cm
CIII
CIVb
Vb

PB9: estéril / calçamento surge em 20cm da superfície

CI
CII

PB10: estéril / calçamento surge em 15cm da superfície

CI
CII

PB11: estéril / em local de passagem de pedestre; calçamento surge em 20cm da superfície

CII

PB12: estéril / em local de passagem de pedestre; calçamento surge em 8cm da superfície

CII

PB13: estéril / em local de passagem de pedestre; calçamento surge em 8cm da superfície

CII

PB14: estéril

CII
CIII – entre 24cm e 30cm presença de faixa irregular de cascalho

CIVb
VII

PB15: estéril

CII
CIII
CIVb
CVII
CVIII

PB16: estéril

CII
CII
CIVb
CVII
M

PB17:

CI – estéril
CII – estéril
CIVb – fragmento de lata
CVIIIi – estéril

PB18: estéril

CI
CII
CIVc – entre 69cm e 72cm o sedimento fica mais denso e úmido; em 83cm surge um pedaço de tronco
M

PB19: calçamento surge em 5cm da superfície: prospecção foi expandida para exposição do calçamento

CI

PB20: estéril / calçamento surge em 33cm da superfície

CI
CII

PB21: estéril / calçamento surge em 15cm da superfície

CI
CII

PB22: estéril / calçamento surge em 14cm da superfície

CI

CII

PB23: estéril / calçamento surge em 14cm da superfície

CVa

CII

CIII – com presença de cascalho

CIVc

CVb

CVIa

M

PB24: estéril / calçamento surge em 17cm da superfície

CI

CII

PB25:

CI – estéril

CII

CIVa – fragmento de telha ou tijolo

CVa

CVIa

M

PB26: fragmentos de telhas em toda a prospecção; entre 30cm e 40cm os fragmentos são de maiores proporções; pedras a 59cm da superfície

CI

CII

PB27: pedras a 25cm da superfície

CII – fragmentos de telha/tijolo

PB28: localização da prospecção (P2) alinhada em paralelo ao Canal, no meio da Estrada

CII – estéril

CIVb – estéril

CVa – em 80cm uma pedra solta parecida com as do calçamento e raíz

PB29:

CI – estéril

CII – em 10cm fragmentos de telha, tijolo e bola de gude

CIII – estéril

CIVb – estéril

CVa – estéril

CVc – estéril

PB30:

CI – estéril

CII – fragmento de telha e fragmento de cor escura semelhante a carvão

PB31:

CI

Transição: fragmento de plástico

CII – fragmento de lata

CIVb

M

PB32:

CI – entre 0 e 10cm: chinelo, plástico

CII – 25cm: fragmento de vidro verde

35cm – no final da CII o sedimento fica compacto e bastante seco (piso?)

CIII

CIVb

CVa

CVIc

PB34:

CI – Estéril

Lente de carvão com fragmentos no lado Sul/Sudeste da prospecção

CII – 33cm: garrafa de cor âmbar com tampa de rosca de alumínio (permaneceu no perfil)

PB36: estéril

CI

CII

CIVa

CVa

CVIc




PB40:

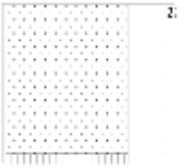

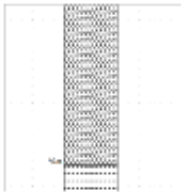
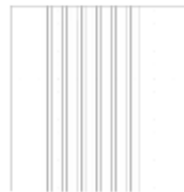
CI – estéril


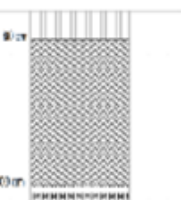

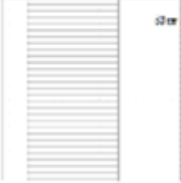
CII: 18cm fragmento de vidro

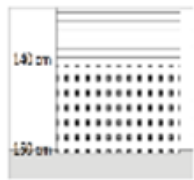


CIVc: 20cm fragmento de telha

Legendas PBs e PAs:

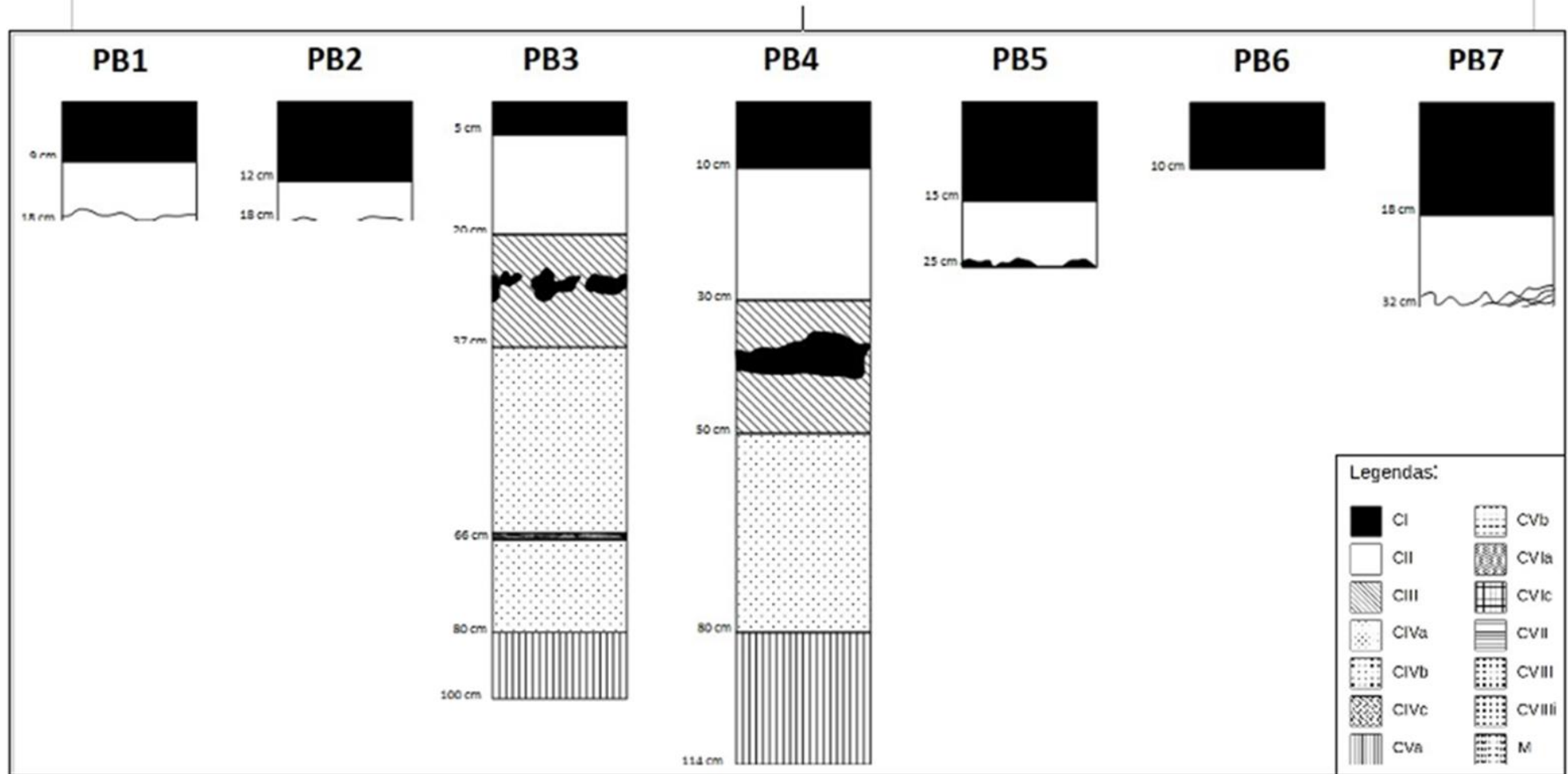
Legenda	Camada	Descrição
	CI	Sedimento escuro, solto, com muitas folhas e raízes (solo fruto da decomposição de matéria orgânica / da vegetação local); 10 cm: surge leito de pedras miúdas; 20 cm: em algumas sondagens surge fragmentos de telha, coletadas como material associado (entre 15 cm e 20 cm); anuncia a chegada da camada vermelha (CIII);
	CII	Sedimento castanho; varia em níveis de compactação, granulometria e umidade, mas no geral é mais compacto e possui grãos finos.
	CIII	Sedimento vermelho, argiloso, compacto. Em meio a este sedimento às vezes aparecem lentes de uma areia fina e cinza de continuidade variável, além de cascalho. OBS: A cima desta CIII foi comum encontrar um leito de pedras miúdas, que foi confirmado como de pé de moleque de antigo calçamento da estrada. Muitas sondagens não foram aprofundadas, evitando a retirada dessas pedras que estavam em uma camada sempre próxima à superfície. Esta CIII não é uma camada homogênea, aparece em alguns pontos da Estrada. A suspeita é que seja algum tipo de preparação de terreno sobre o qual se plantou o calçamento de pé de moleque, provavelmente nas situações onde o terreno exigia essa medida.

	CIVa	Camada com variações de cor e umidade, mas de uma maneira geral o sedimento umedece e escurece de acordo com a profundidade: sedimento de coloração com variação entre tons de cinza a preto (a); arenoso; grão fino; seco; e solto.
	CIVb	Camada com variações de cor e umidade, mas de uma maneira geral o sedimento umedece e escurece de acordo com a profundidade: sedimento de coloração com variação entre castanha escura e amarelada (b); arenoso; grão fino; seco; e solto.
	CIVc	Camada com variações de cor e umidade, mas de uma maneira geral o sedimento umedece e escurece de acordo com a profundidade: sedimento de coloração com variação de tons de branco (c); arenoso; grão fino; seco; e solto.
	CVa	Sedimento de coloração variada de tons entre cinza a preto (a), muito plástico, argiloso, muito úmido.

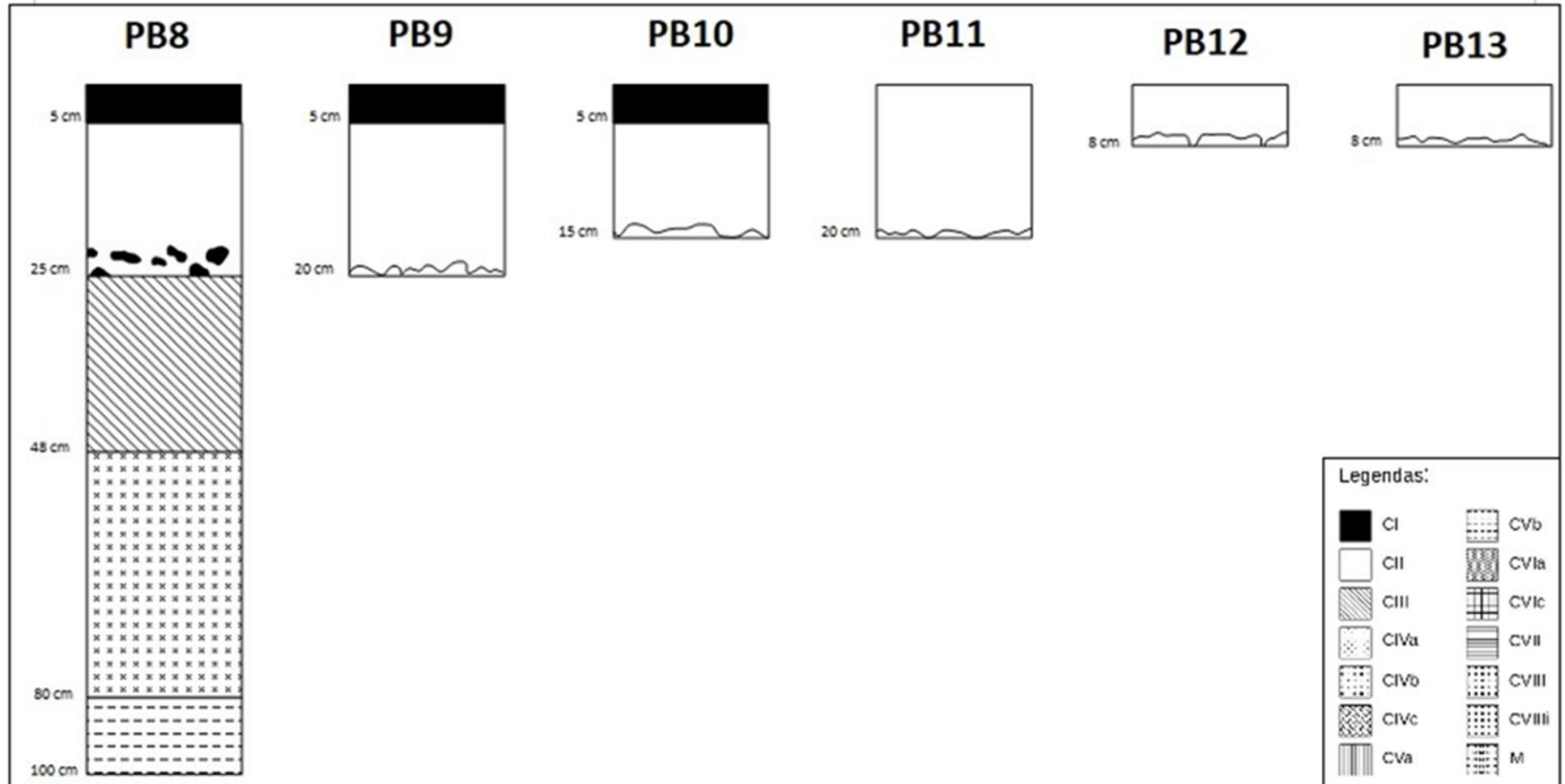
	CVb	Sedimento de coloração variada entre castanha escura e amarelada (b), muito plástico, argiloso, muito úmido.
	CVIa	Sedimento mais escuro, com coloração variada entre tons de cinza a preto (a), argiloso e muito úmido. Surge o lençol freático em 213 cm.
	CVIc	Sedimento mais escuro, com coloração variada entre tons de branco (c), argiloso e muito úmido. Surge o lençol freático em 213 cm.
	CVII	Camada de sedimento arenoso, brancos (c), com grãos um pouco menores que os da próxima camada, que vai umedecendo com a profundidade.

	CVIII	Areia com grãos grossos, brancos (areia de praia) (c), bastante úmida. Logo abaixo surge o lençol freático.
	CVIIIi	Areia com grãos grossos, brancos (areia de praia) (c), bastante úmida. Logo abaixo surge o lençol freático. Possui a interferência do mesmo tipo de sedimento porém em tons avermelhados.
	M	Camada de mangue: com condições semelhantes ao sedimento do mangue que existe nas proximidades desta localidade do sítio.

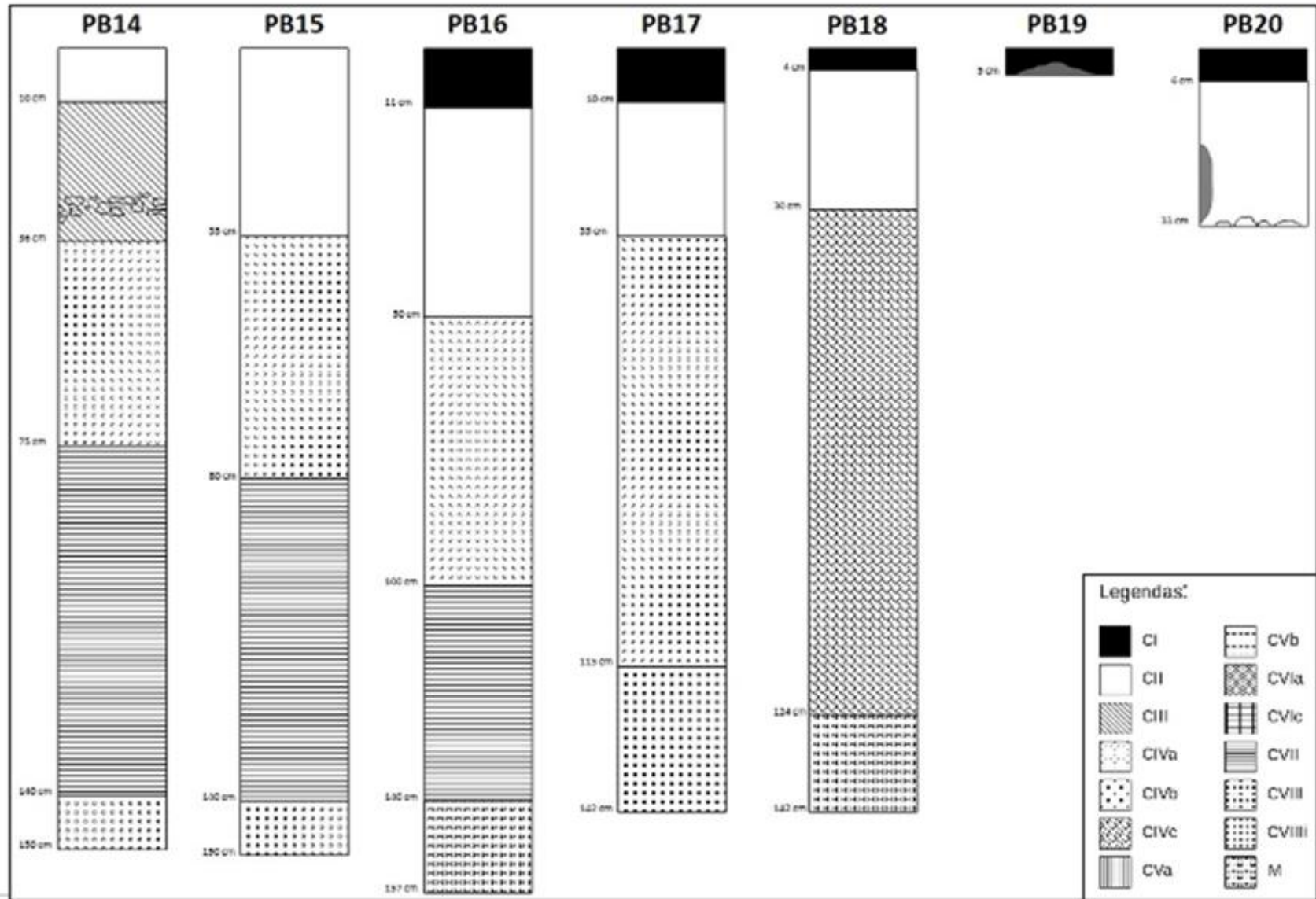
Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB1 a PB7



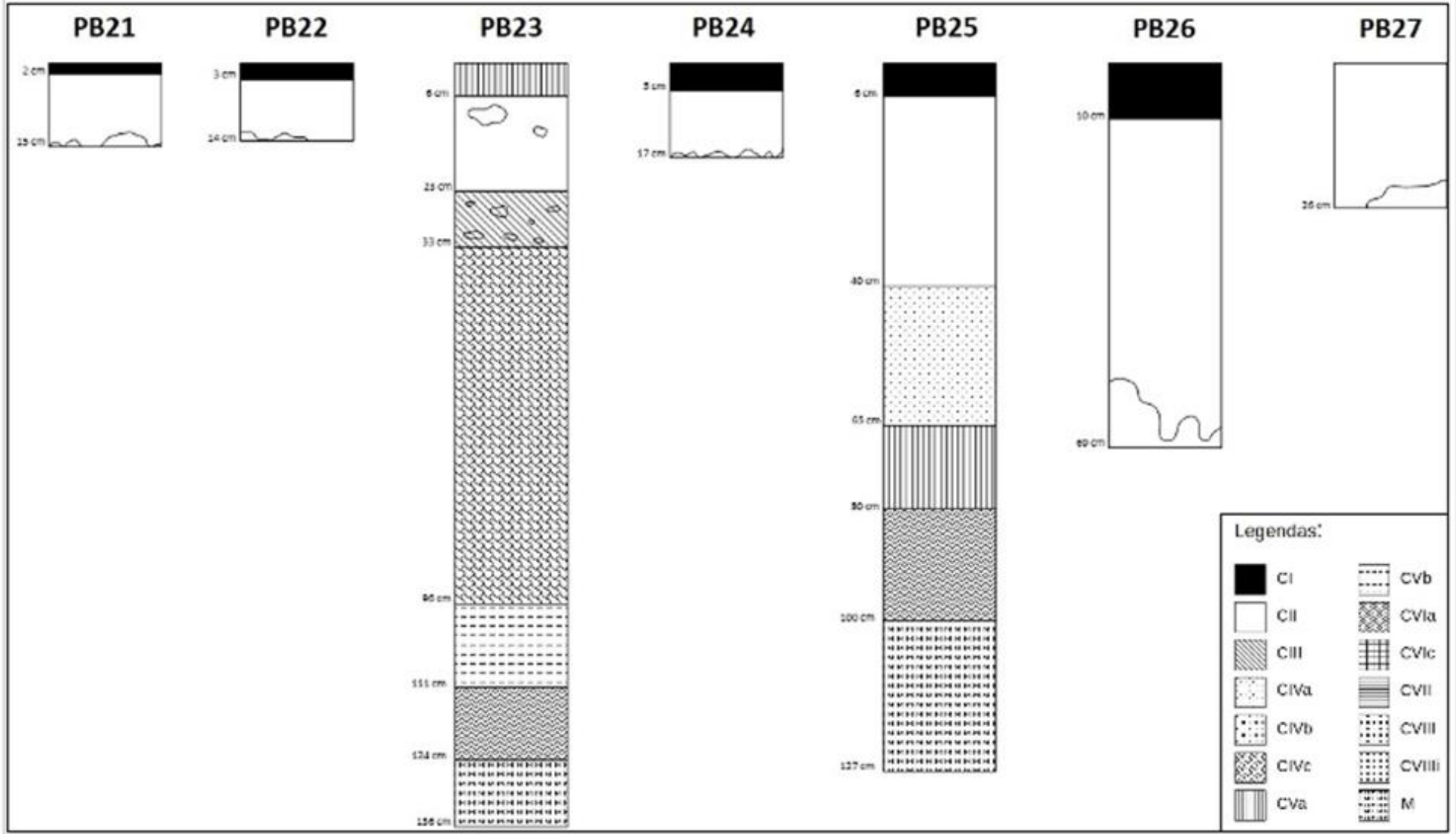
Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB8 a PB13



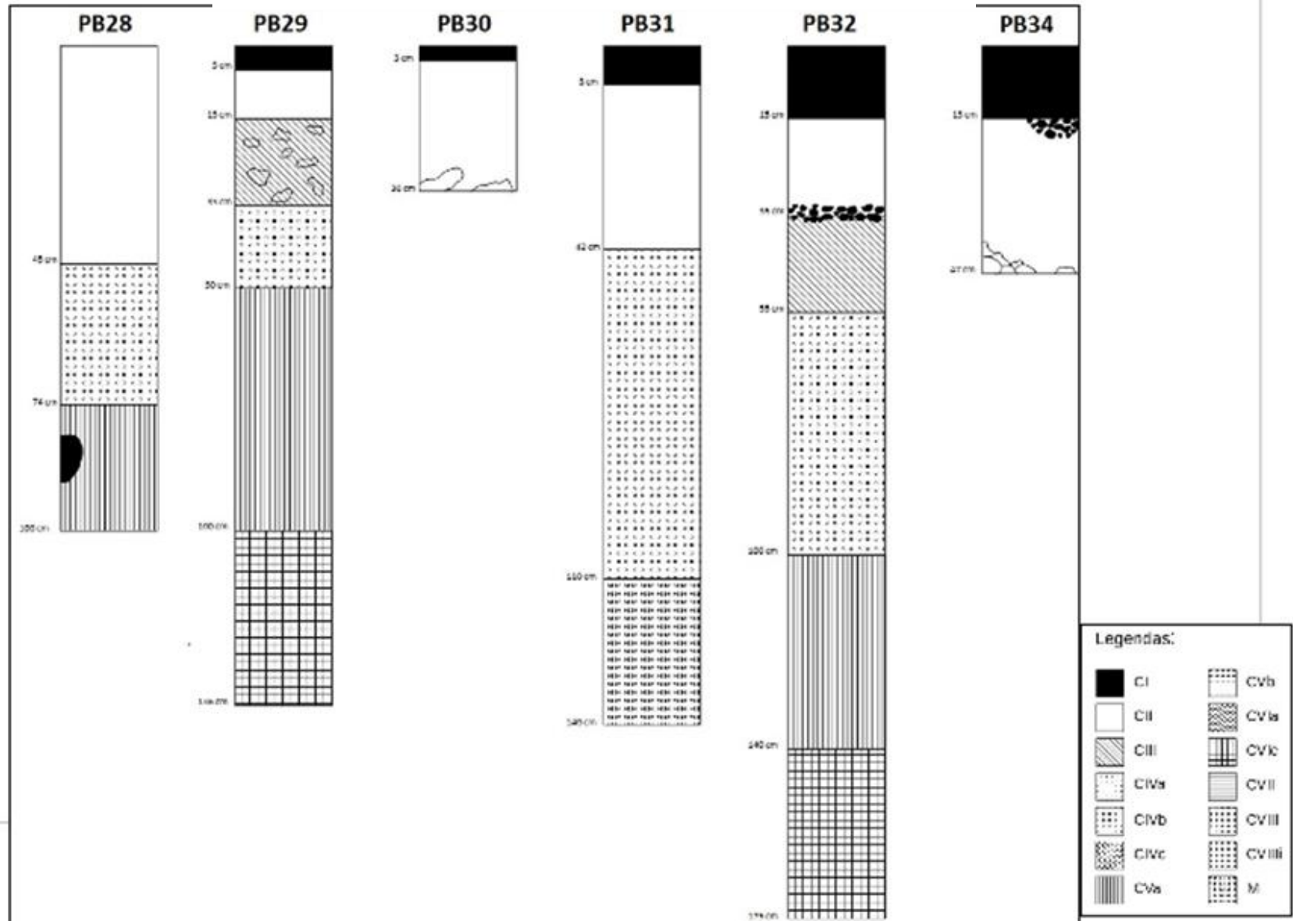
Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB14 a PB20



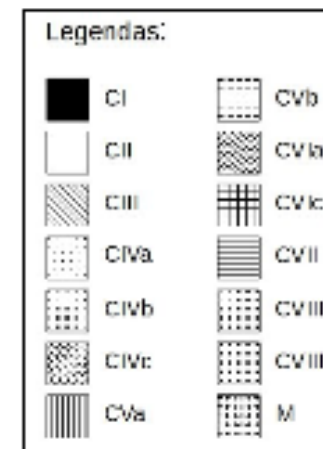
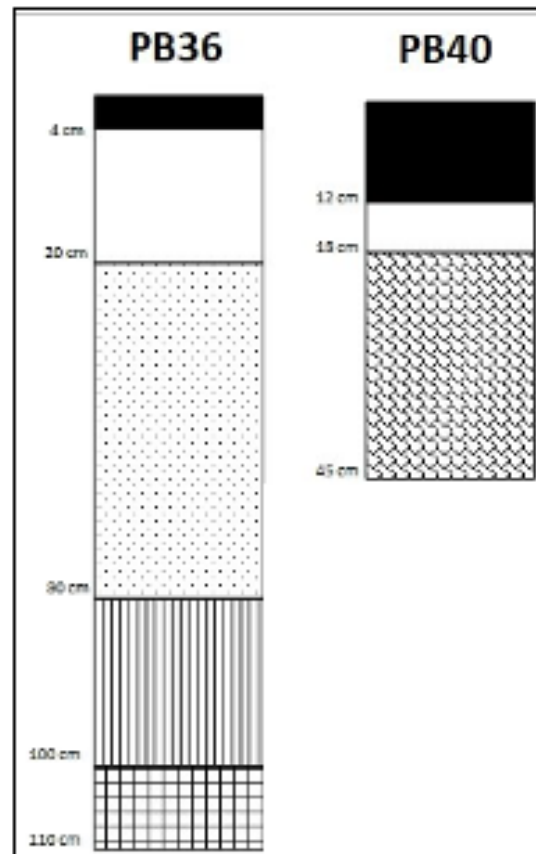
Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB21 a PB27



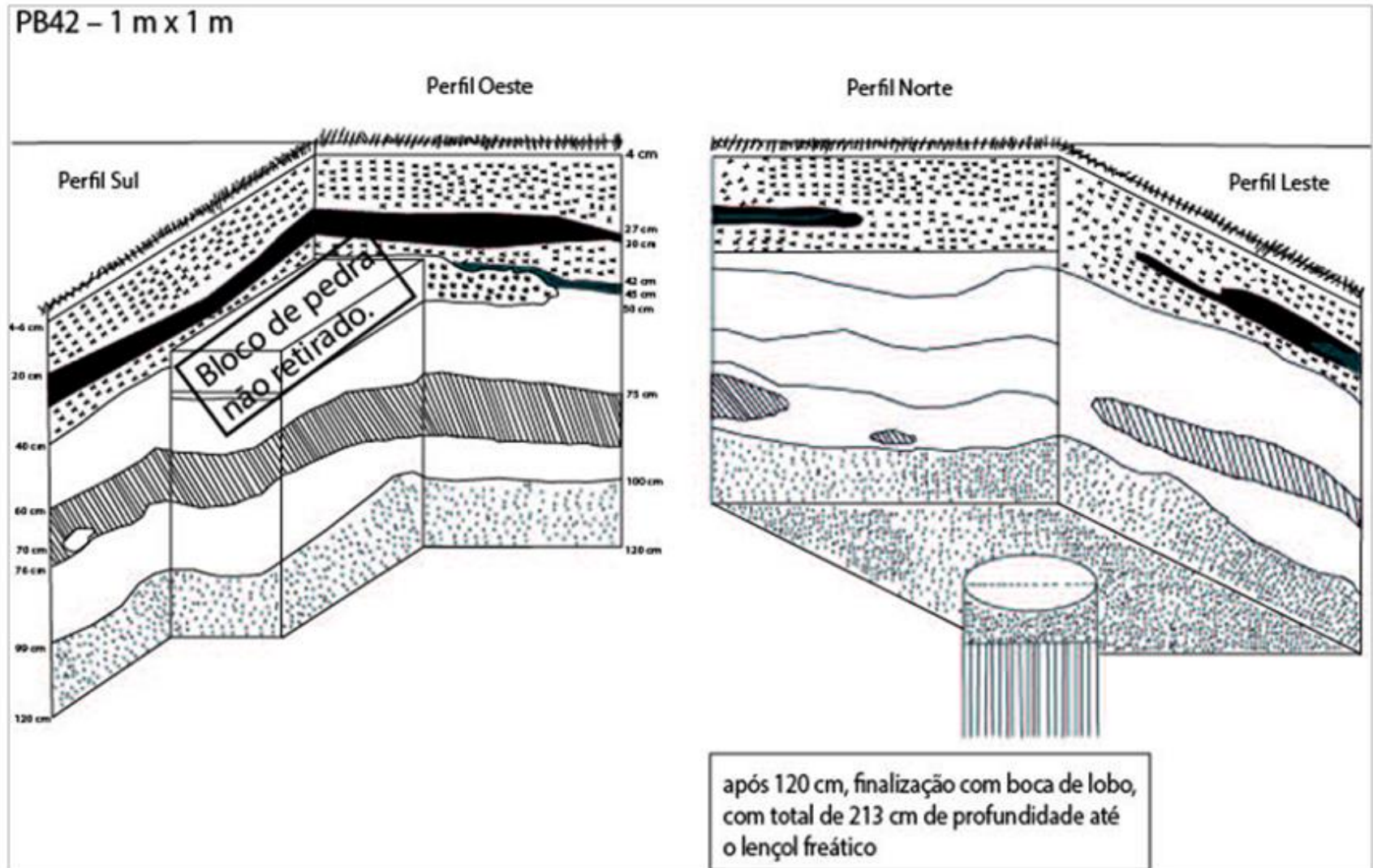
Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB28 a PB34



Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB36 a PB40



Perfis das Prospecções do alinhamento PB – PB42



Alinhamento PA (a Leste da Estrada)

Realizadas um total de 7 prospecções com a cavadeira boca de lobo, no sentido Norte – Sul: PA1; PA2; PA3; PA4; PA5; PA6; PA7. De uma maneira geral, a estratigrafia do alinhamento PB serviu de parâmetro. Muitas prospecções revelaram profusão de pedras em níveis superiores, compatíveis ao calçamento identificado na Estrada. No entanto, é mais provável que sejam refugo, fruto do desmonte do muro que margeia a Estrada, que está muito próximo do *transect*. De toda forma, pelo momento, essas pedras identificadas não foram retiradas, até que outras prospecções possam ser realizadas mais afastadas do muro caracterizando melhor a situação.



Marcação do alinhamento PA (referenciado pela trena), a Oeste da Estrada

Observações gerais do alinhamento PA:

- ✓ Comportamento estratigráfico semelhante ao alinhamento PB referente às camadas superiores: regularidade das CI e CII (no caso do alinhamento PA ausência de CIII).
- ✓ Comportamento estratigráfico semelhante ao alinhamento PB referente às camadas abaixo do conjunto CI + CII: variabilidade das camadas subsequentes nos trechos das sondagens.
- ✓ Verificada regularidade na camada de base (VIa) em todo alinhamento PA – o que não se observou em todo o alinhamento PB (que é bem mais extenso).

Prospecções realizadas no alinhamento PA:

PA1: estéril

CI

CII

CIVa

CVa

CVIa

PA2: estéril

CI

CII – algumas pedras esparsas foram removidas para a continuidade da prospecção.

CIVc

CVIa

PA3: profusão de pedras de médio porte; entre elas apresenta-se um sedimento ferruginoso, de cor avermelhada, que se assemelha a pedras moles em decomposição.

CI

PA4: profusão de pedras de médio porte; entre elas apresenta-se um sedimento ferruginoso, de cor avermelhada, que se assemelha a pedras moles em decomposição.

CI

PA5: profusão de pedras formando um leito semelhante ao calçamento identificado no alinhamento dos PBs; entre elas apresenta-se um sedimento ferruginoso, de cor avermelhada, que se assemelha a pedras moles em decomposição.

CI

PA6: estéril

CI

CII

CIVa – lente com sedimento castanho claro

CVIa

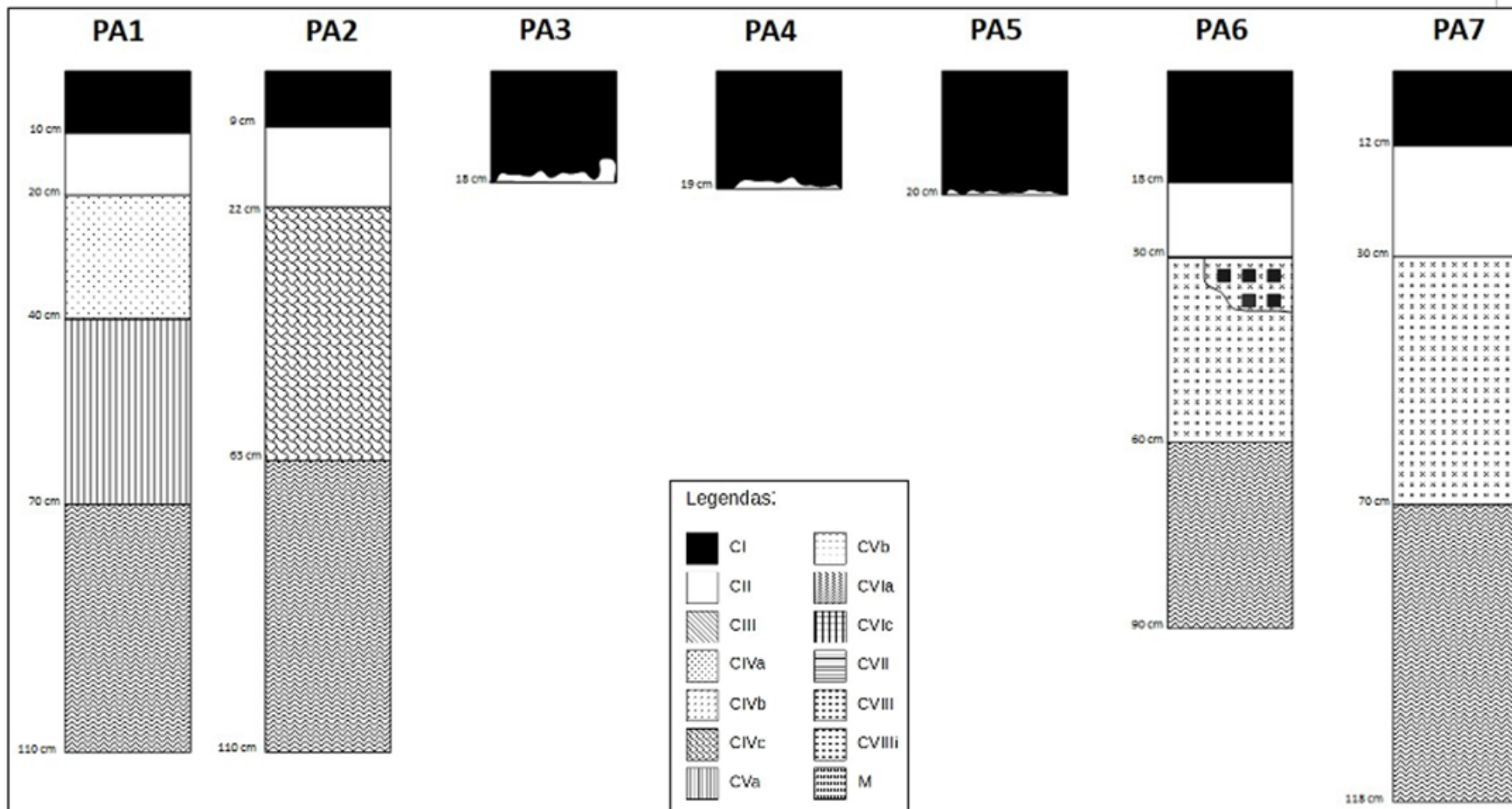
PA7: estéril

CII

CIVb – com muitas manchas variando entre o marrom, bege e amarelo

CVIa

Perfis das Prospecções do alinhamento PA – PA1 a PA7



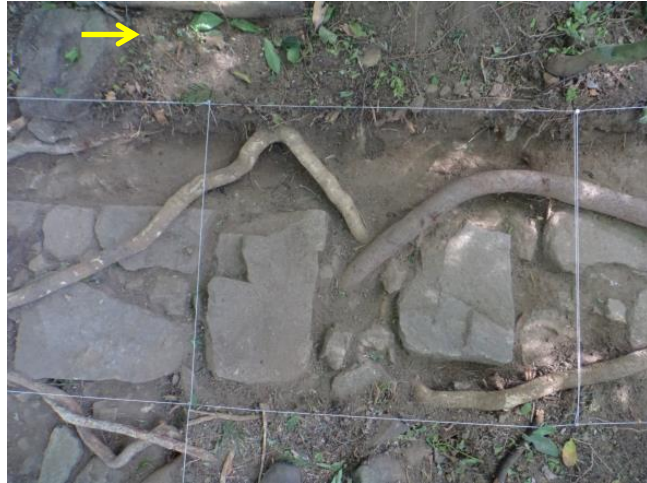
Escavações para esclarecimento da relação do CM, CAL e E

Nesse local foram realizadas prospecções, sondagens e trincheiras com três objetivos: 1) identificação da variação da estratigrafia comparativamente entre a Estrada e o possível leito do Canal; 2) averiguação de continuidade de estruturas (muros) com trechos ausentes (por exemplo, o muro que margeia a Estrada no ponto em que é cortado pelo Canal); 3) averiguação de elevações no terreno que aparentavam cobrir alinhamento de estrutura (muros).

CM / CML2 / Trincheira 1 e Trincheira 2

Entre a composição arquitetônica designada CML2 e o local do possível Canal (CAL2) há uma elevação abrupta no terreno que parecia encobrir os restos de um muro. Nesse sentido foram realizadas duas trincheiras: T1 com 1m X 4m, paralela à Estrada; e T2 com 1m X 2m, em sentido perpendicular a anterior (ambas sobre a referida elevação, no lado Oeste da Estrada).

A presença da estrutura foi verificada em T1 a poucos centímetros da superfície, no sentido Norte – Sul. Trata-se provavelmente da continuidade do grande muro contínuo do Complexo Murado. Ao que parece este muro contínuo se fechava também no sentido Leste – Oeste (T2), seguindo também paralelo ao Canal (CAL2), o que leva a crer que o acesso ao mesmo Canal era restrito (talvez se configurando apenas como recurso para tubulação subterrânea identificada na superfície no lado Oeste dentro da área do CM – Apesar da tradição oral reproduzir um relato de que “entravam com os escravos pelo canal em canoas”). Em T2 a estrutura também se evidencia a poucos centímetros da superfície.



Muro evidenciado em elevação abrupta do terreno (CML2 / T1)
(seta amarela indica o Norte)



Muro evidenciado em elevação abrupta do terreno (CML2 / T1)
(seta amarela indica o Norte)



Muro evidenciado em elevação abrupta do terreno (CML2 / T2)
(seta amarela indica o Norte)

Sondagens (áreas estendidas a partir de prospecções)

CAL1 / S1

A escavação foi iniciada com prospecção quadrangular de 0,5m x 0,5m, em local no meio do leito do possível canal (CAL1), em ponto alinhado com o muro que margeia a Estrada a Leste, já que no trecho desse possível leito o muro está interrompido. Tendo encontrado sinal de pedras a prospecção foi expandida para averiguação. Foi evidenciada estrutura de pedra, no alinhamento do muro Leste que margeia a Estrada. Provavelmente a base desse mesmo muro.

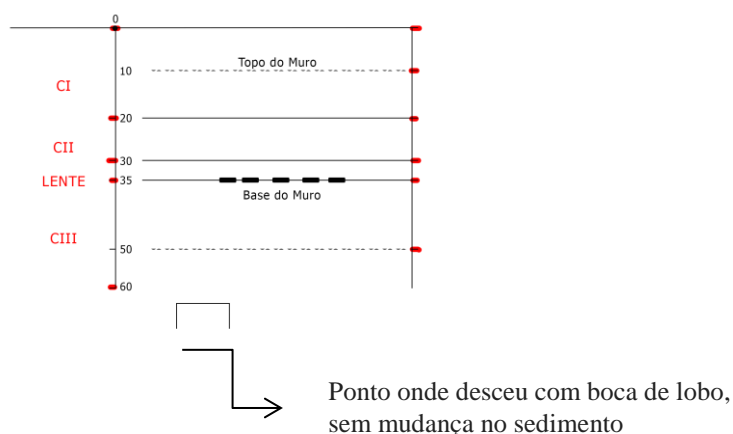


Finalização de CAL1 / S1 – com evidência da estrutura no local que seria o leito do Canal que corta o CM, do lado Leste da Estrada (seta amarela indica o Norte)



Relação da estrutura evidenciada em CAL1 / S1 com o muro Oeste que margeia a Estrada, sugerindo sua continuidade (relação indicada pela seta vermelha) (seta amarela indica o Norte)

Estratigrafia – CAL1 / S1



CI (0 a 20 cm)– sedimento escuro e solto, com muitas raízes. Os poucos vestígios encontrados na escavação desse local pertenciam a essa camada (vestígios contemporâneos).

CII (20 cm a 30 cm) – sedimento alaranjado/amarelado, muito compacto, argiloso, grãos finos. Na parede Sul a CII se inicia entre 18 e 20 cm, na parede Norte em 30 cm. Há um corte abrupto na estratigrafia no lado Leste da estrutura evidenciada.

Lente (30 cm a 35 cm)

CIII (35 cm a 90 cm) – sedimento muito escuro, muito úmido, argiloso e denso, grãos muito finos (semelhante ao encontrado no mangue). Em 50 cm de profundidade a camada mantém-se com o mesmo sedimento, mas perde a firmeza, ficando bastante fofa, sem raízes, escura e densa. Em 60 cm aumenta muito a umidade e a densidade. A partir desse ponto continuou com a boca de lobo, no lado Norte da área escavada (nos lados Oeste e Leste da estrutura identificada). Em 90 cm surge o lençol freático.

OBS:

A partir de 60 cm foram coletadas amostras de sedimento para análise de diatomáceas. As amostras foram coletadas a cada 20 cm (total de duas amostras).

CAL2 / S3

A escavação foi iniciada com prospecção de 0,5m x 0,5m, no meio do leito do possível canal (CAL2), em ponto alinhado com o muro que margeia a Estrada a Oeste, já que no trecho desse possível leito esse muro está interrompido. O referido muro, neste caso coincide com a parede Leste da unidade CML2. Tendo encontrado pedras a prospecção foi expandida para averiguação. Foi evidenciada estrutura de pedra, no

alinhamento da estrutura referida, como em CAL1 / S1. Ao que parece havia continuidade do mesmo, mas nesse caso não houve tempo para certificar. Será preciso retomada da escavação para averiguação.



CAL2 / S3 com alinhamento de pedras que sugerem a continuidade do muro bloqueando o local do possível Canal e na direção da estrutura identificada em CML2 / T2 (seta vermelha faz essa relação) (seta amarela indica o Norte)

Como hipótese inicial supõe-se que os muros dos dois lados da Estrada (mais seguramente do lado Leste) eram fechados, com a possibilidade de ter sido posteriormente aberta uma passagem para acesso de desvio do rio Sahy, formando um canal de abastecimento de água para dentro do CM. Algo a ser averiguado. Como mencionado, há indícios de passagens subterrâneas para escoamento da água no lado Oeste do Complexo Murado, dentro da área do complexo. Por outro lado a oralidade faz referências frequentes de que ali havia um canal “por onde os escravos entravam em canoas, escondidos”.

Prospecções (com cavadeira boca de lobo)

P2

Em um ponto no meio da Estrada, no seu cruzamento com o possível canal, foi aberta uma prospecção quadrangular de 0,5m x 0,5m, para que fosse possível descer com a cavadeira, devido a elevação do terreno. Foi verificada uma expressiva

profundidade da CII, seguida pela CIVA, até atingir o sedimento semelhante ao do mangue. Em grande profundidade (entre 110 cm e 130 cm) evidenciaram-se galhos encharcados de vegetais.



Localização de E / P2
(seta amarela indica o Norte)



E/ P2 finalizada
(seta amarela indica o Norte)

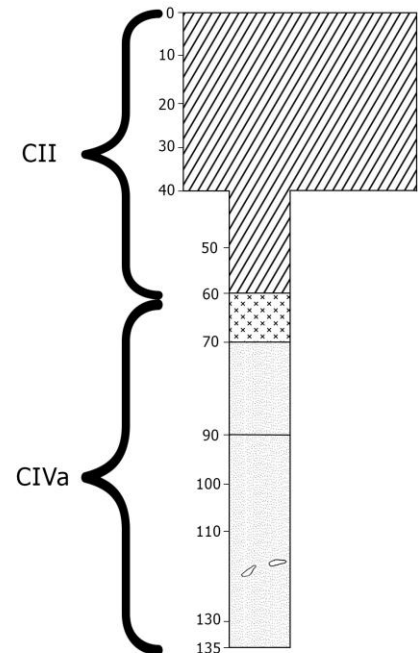
Estratigrafia – E / P2

CII (0 a 60 cm) – sedimento castanho, compacto e uniforme. Com vestígios de carvão, fragmentos de louça, vidro, metal, tijoleira e garrafa de vidro com alto índice de integridade, entre 20 cm e 30 cm de profundidade. A partir de 30 cm o sedimento começa a clarear, surgindo pequenas manchas de sedimento arenoso e branco. A partir de 50 cm foi dado prosseguimento com a boca de lobo.

CIVa (60 cm a 135 cm) – areia muito fina, úmida, clara e acinzentada. Vai se tornando mais úmida e escura na medida que aprofunda. Em 135 cm a boca de lobo não podia mais operar. O lençol freático não foi atingido.

OBS:

Entre 110 cm e 130 cm surgem vestígios de vegetação (pedaços de galhos encharcados, com cerca de 1,5 cm de diâmetro; tocos de galhos do mangue?).



Identificação de estruturas em CM / CML2

No setor CML2, apenas com a limpeza de superfície foi possível evidenciar a continuidade desta unidade arquitetônica, no sentido Sul, com soleira de porta e um alinhamento que sugere um calçamento de pedra contínuo, em rampa.



Alinhamento da parede com soleira (seta vermelha) e calçamento em rampa à direita (seta amarela indica o Norte)



Alinhamento da parede com soleira (seta vermelha) e calçamento em rampa (seta amarela indica o Norte)

Neste setor foram encontradas duas moedas do século XIX, identificadas por Paula de J.M. Aranha, do setor de Numismática do Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro:

- ✓ Moeda de 20 Réis, 1823, cunhada no Rio de Janeiro, pois possui letra monetária = R (encontrada no CML2, junto ao calçamento com soleira).
- ✓ Moeda de 80 Réis, com data aproximada entre 1823-31 com carimbo geral de 40 (que foi emitido a partir de 1835), ou seja, podendo ter circulado anterior a década de 30, mas, com este carimbo recebido a partir de 1835, só pode ter sido deixada neste local após esta data (encontrada na CML2 / T1).



Moedas da primeira metade do século XIX identificadas por Paula J.M. Aranha (MHN / RJ)

Escavações no Complexo Quadrangular / CQ

CQ / C / Trincheira 1

Foi realizada escavação para esclarecimento da continuidade do muro Leste da Estrada e sua articulação com a fachada Sul do Complexo Quadrangular que apresenta porta e janelas. Não houve tempo para conclusão desta avaliação, mas ao que parece o muro Leste que margeia a Estrada não fechava o acesso à unidade arquitetônica (CQ / C) mais ao Sul do Complexo Quadrangular. A continuação da escavação poderá assegurar esta impressão a partir da escavação de 30 cm de profundidade, quando a CII parecia finalizar.



Localização de CQ / T1
(seta amarela indica o Norte)

Coleta de amostra de sedimento – CQ / B

Foi realizada coleta de sedimento no interior do aposento onde se supôs pode ter sido local para abrigo de africanos escravizados (CQ / B). Este aposento tem sinais de alteração da sua fachada Oeste (que dá frente para a Estrada), com alteração de portas e janelas, sendo seu acesso final realizado apenas internamente. Requer estudo mais aprofundado da transformação no tempo dessa estrutura arquitetônica. Uma sequência

de orifícios na parede Sul, na parte interna deste aposento, sugere a possibilidade de ter sido local para fixação de correntes, tal como sugerem relatos orais (por terem acompanhado sua presença e posterior remoção). Na suposição de pessoas aprisionadas no local, a geoarqueóloga Ximena Villagrán sugeriu a análise de sedimento do local para identificação de coprostanol (indicativo de fezes humanas), bem como profissional para a realização desta análise.

O local da coleta foi a 15 cm da parede interna Sul de CQ / B, em um ponto abaixo dos referidos orifícios, em frente à coluna. Foi praticamente o único local na base dos orifícios com possibilidade de escavar sem a necessidade de tirar os grandes blocos de pedra do desmonte das paredes que cobrem praticamente todo o chão do aposento.

Síntese das camadas identificadas na sondagem no CQ / B para coleta de Amostras

A = amostra coletada

CI – 0 a 16,5/20 cm

Sedimento escuro, solto, com muitas folhas e raízes;

10 cm: surge leito de pedras miúdas;

10 cm: sondagem estendida para 100 X 40 cm para retirada das pedras e avaliar condições de prosseguimento;

20 cm: surge fragmento de telha, coletada como material associado (referente a 15 cm a 20 cm); anuncia a chegada da camada avermelhada;

A1 – 0 a 10 cm

A2 – 15 cm; abaixo do leito de pedras miúdas;

A3 – entre 15 cm e 20 cm; após retirada do leito de pedras miúdas;

CII – 20 cm a 32/37cm

20 cm a 30 cm: após coleta de **A4** foram retiradas outras pedras miúdas para prosseguimento, que continuaram a aparecer

20/25 cm: sedimento começa a ficar levemente avermelhado, continuam as pedras miúdas

A4 – 20 cm a 30 cm; após a coleta continuam as pedras miúdas que foram retiradas para prosseguir

OBS:

Fragmento de telha anunciou a chegada do sedimento avermelhado, entre 25 e 30 cm. Na hora fiquei atenta para observar se o sedimento poderia ser das telhas em desmanche pela umidade. Na peneira ficou claro que era um sedimento avermelhado, plástico (tipo adobe) = piso?

CIII – 30 cm a 50 cm

30 cm: sedimento começa a ficar levemente avermelhado

30 a 49 cm: sedimento avermelhado é bem mais compacto; um pouco argiloso; ainda com pedras no meio – incluindo pedras um pouco maiores e profusão de pedras miúdas.

A5 – 35 cm

A6 – 40 cm a 50 cm; quando diminuem os torrões avermelhados que constituem a CIII.

OBS:

Fragmentos de telha, metal (todos em meio a mais pedras miúdas); torrões de terra avermelhada (parecido com adobe – também coletados como material associado)

CIVb – 50 cm a 75 cm

Sedimento fica arenoso, amarronzado, diminui a profusão de pedras.

60 cm a 70 cm: pedras praticamente desaparecem.

70 cm a 80 cm: completa ausência de pedras.

A7 – 50 cm

A8 – 63 cm

A9 – 70 cm

CVb – 75 cm a 100 cm

75 cm: sedimento fica mais solto, fino, ainda arenoso, bege claro (um pouco mais claro que o anterior); ausência das pedras.

90 cm a 100 cm: sedimento arenoso, fino, bege claro, um pouco mais úmido.

A10 – 80 cm a 90 cm

A11 – 90 cm a 100 cm

CVIa – 100 cm a 140 cm

100 cm: sedimento fica muito úmido, arenoso, fino, acinzentado, muito fofo/solto.

100 cm a 110 cm: sedimento fica ainda mais úmido e cinza, muito fofo/solto, areia fina.

110 cm a 120 cm: sedimento muito fofo/solto, cinza, areia muito úmida, muita mica.

120 cm a 130 cm: Sedimento muito fofo/solto, muito úmido, areia fina cinza (misturada com branca e marrom, mas predominantemente cinza).

130 cm a 140 cm: Sedimento muito úmido, muita mica, areia fina, cinza fica mais escuro, manchas ferruginosas.

140 cm – lençol freático.

A12 – 100 a 110 cm

A13 – 110 a 120 cm

A14 – 120 a 130 cm

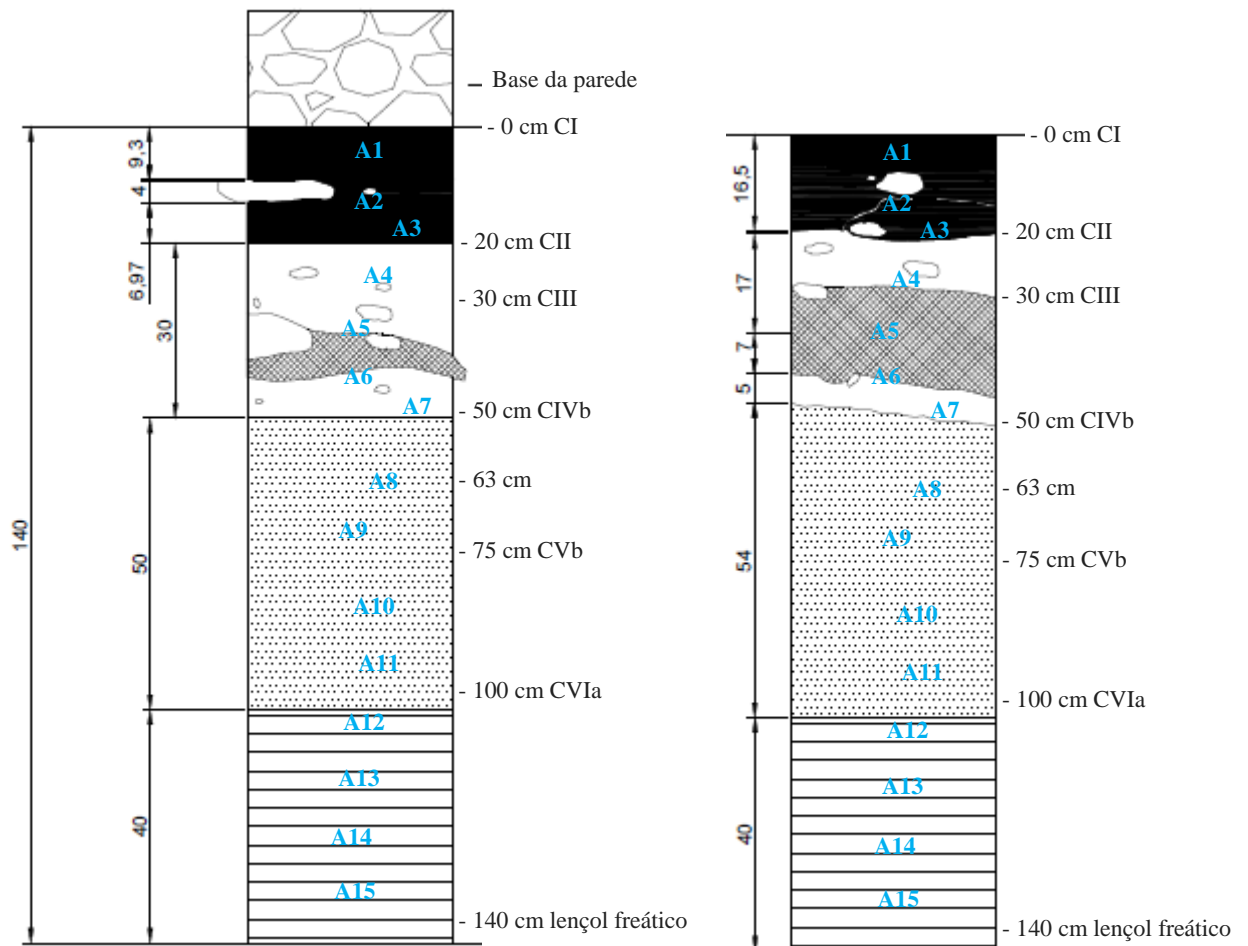
A15 – 130 a 140 cm

OBS:

A impressão é que o piso do século XIX na área de entorno (na Estrada) esteja entre a CII e CIV; que, por vezes, aparece com calçada de pedras sobre aterro de sedimento vermelho (CIII). Na área interna de CQ / B deve-se considerar que o chão do aposento está todo coberto por pedras das paredes desmoronadas. Acredita-se, no entanto, que o sedimento avermelhado possa condizer com a mesma CIII da Estrada. Foi sobre ele, em CQ / B, que apareceu fragmento de telha.

Estratigrafia da sondagem, com localização dos pontos de coleta:

(largura da sondagem distorcida (ampliadas) para facilitar o desenho das variações de uma sondagem circular, com cerca 50 cm de diâmetro)



Desenho: Jhonatan Souza

Fechamento das áreas de escavação

As unidades de escavação que foram previstas para ter sua pesquisa continuada foram sinalizadas com fitas zebradas, telas ou tiras de plástico antes de serem cobertas com terra.



Exemplo de sinalização em E / PB42



Exemplo de sinalização em CML2 / T1



Exemplo de sinalização em CQ / T1

Registro GPR para identificação do cemitério indicado pela oralidade

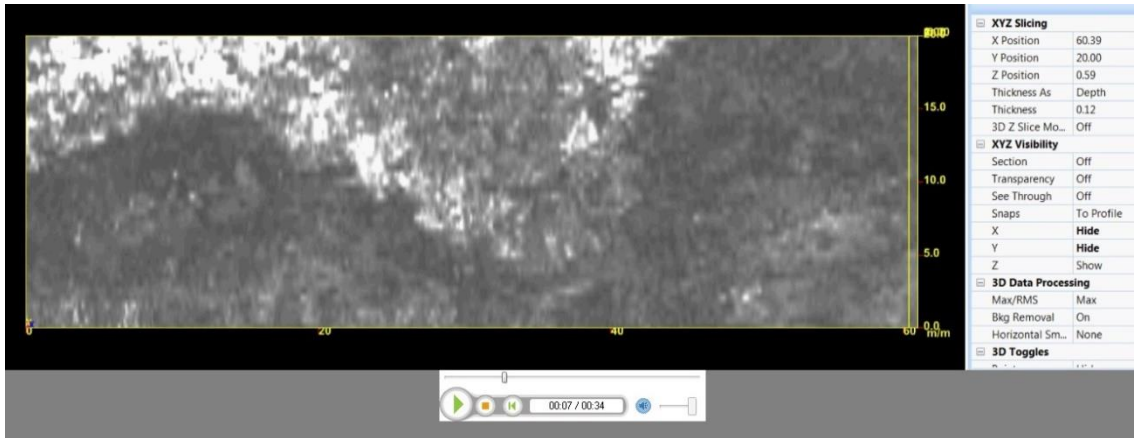
Durante cinco dias entre os meses de janeiro e fevereiro do ano de 2015, a pesquisa recebeu equipe da USP que se prontificou a dar apoio ao projeto, na captura de dados com o GPR (*Ground Penetration Radar*) na área que se supõe ser um cemitério. Relatos orais indicam o impacto da construção da rodovia na década de 1970, assim como na duplicação da linha férrea, quando teriam sido impactados esqueletos no local. Para avaliarmos a existência e possível delimitação do cemitério solicitamos o apoio da visualização das imagens pelo radar. Os dados ainda não foram processados de forma conclusiva. Apresenta-se abaixo as imagens brutas oferecidas durante o procedimento em campo, com observações preliminares sobre indicações sugestivas.

As imagens são referentes ao terreno atrás do Complexo Murado e seguem do nível mais superficial ao mais profundo. O lado direito está bem próximo ao muro que beira E (a Estrada entre o Complexo Murado e o Complexo quadrangular), onde foi identificada uma soleira com orifícios que sugerem local para tranca de portão de ferro:

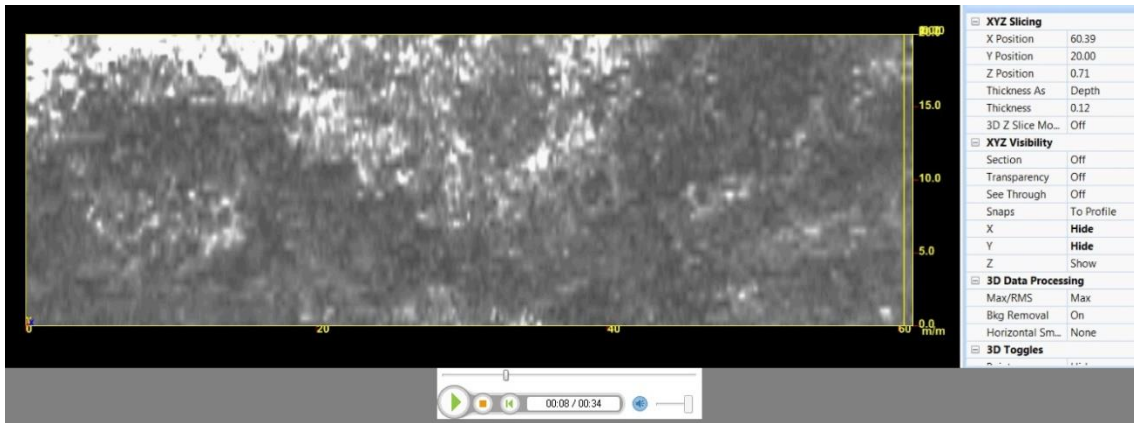
38 cm profundidade



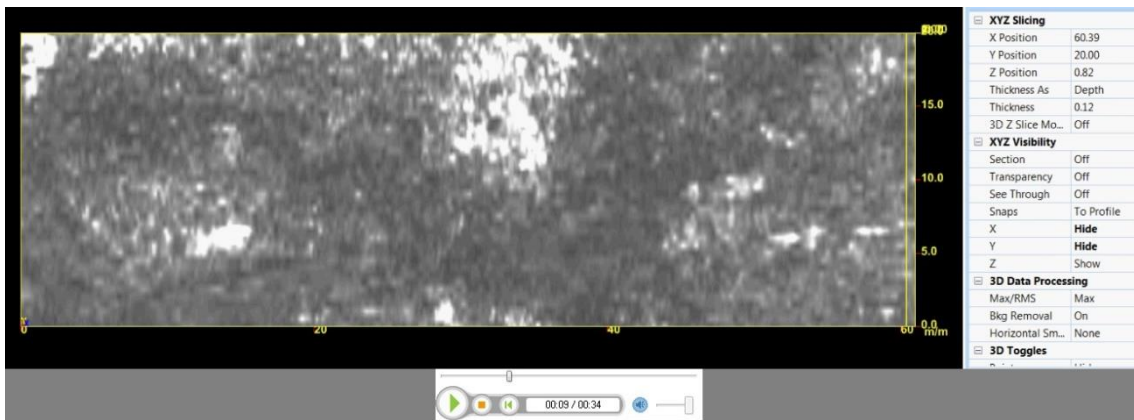
59 cm profundidade



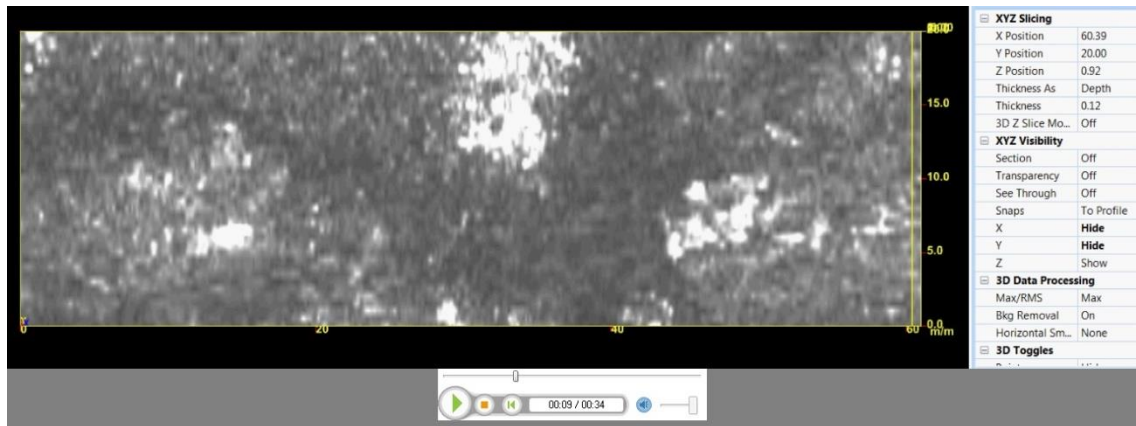
71 cm profundidade



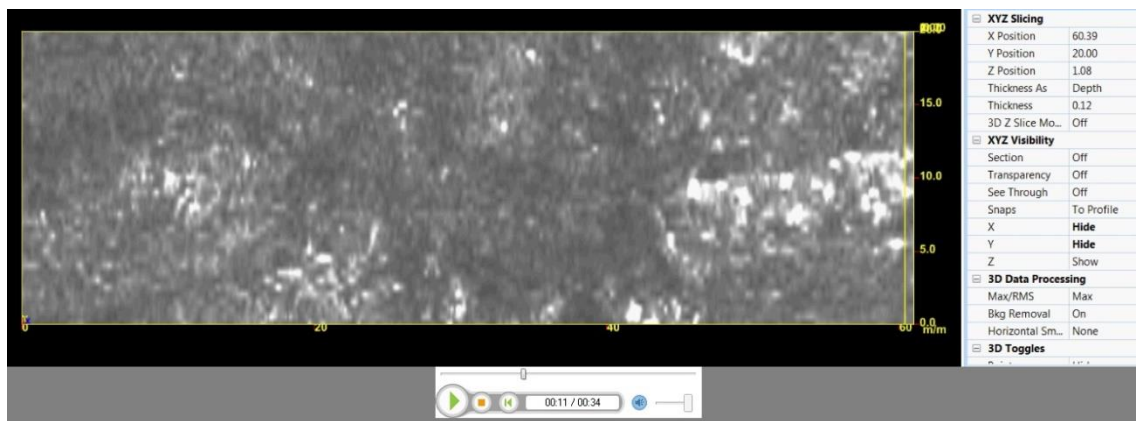
82 cm profundidade



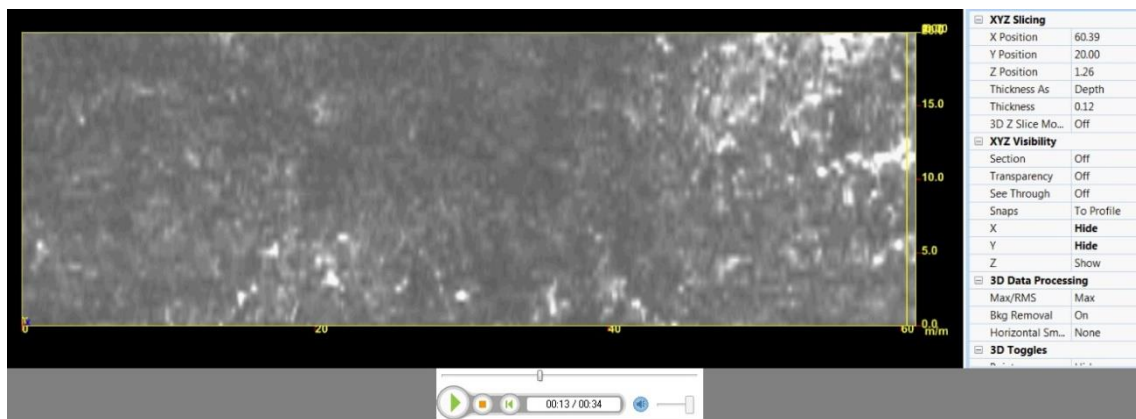
92 cm profundidade



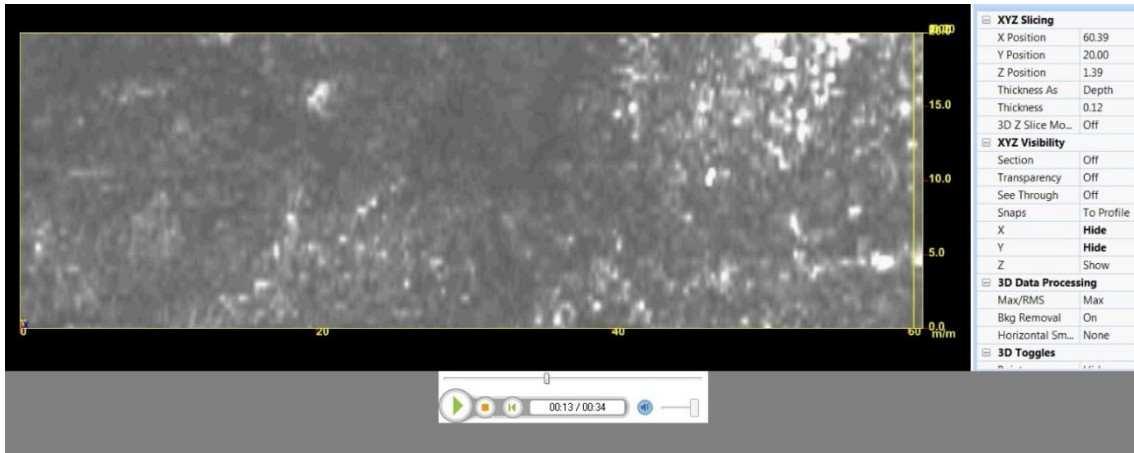
1,08 cm profundidade



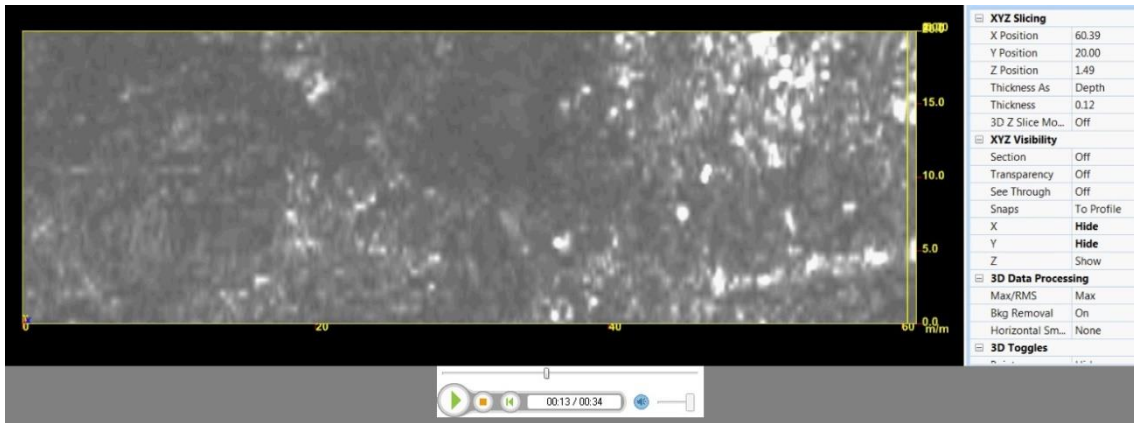
1,26 cm profundidade



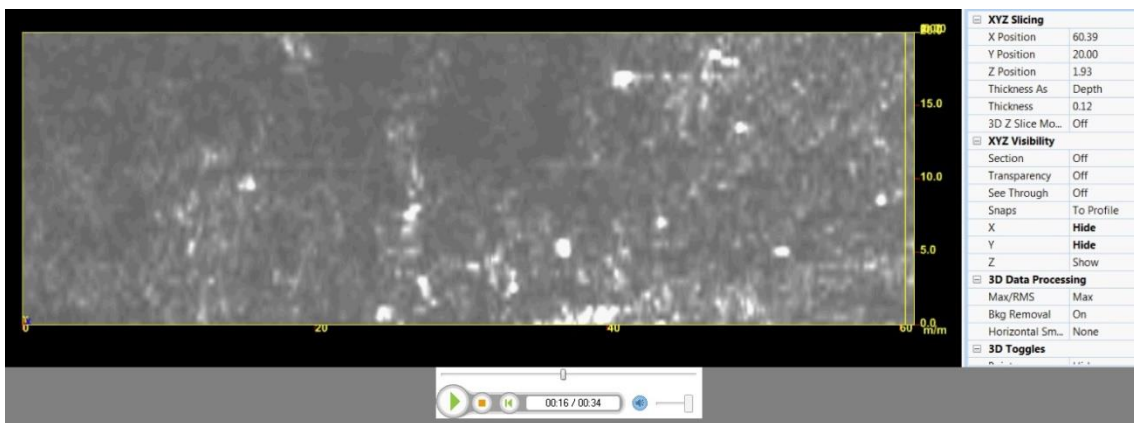
1,39 cm profundidade



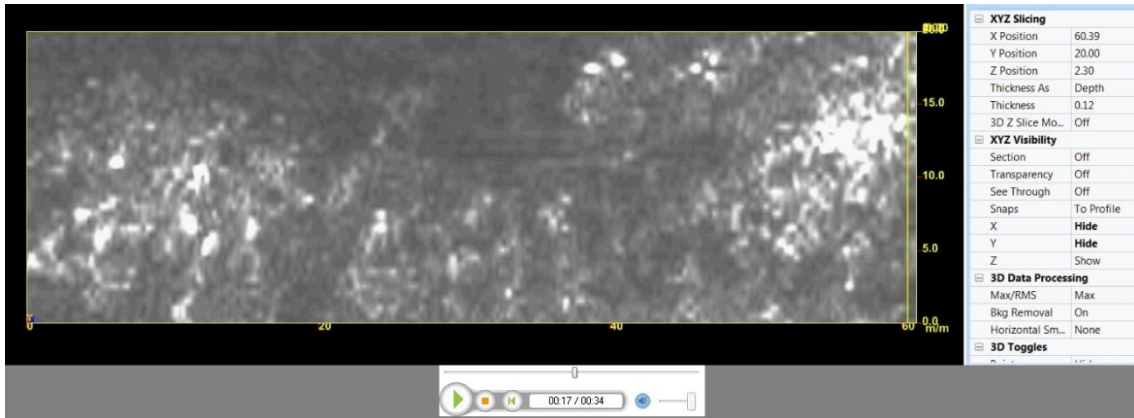
1,49 cm profundidade



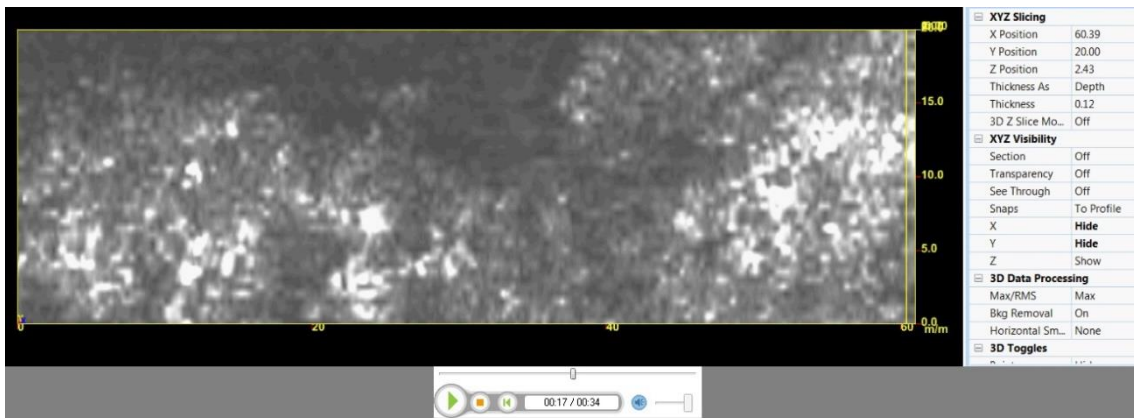
1,93 cm profundidade



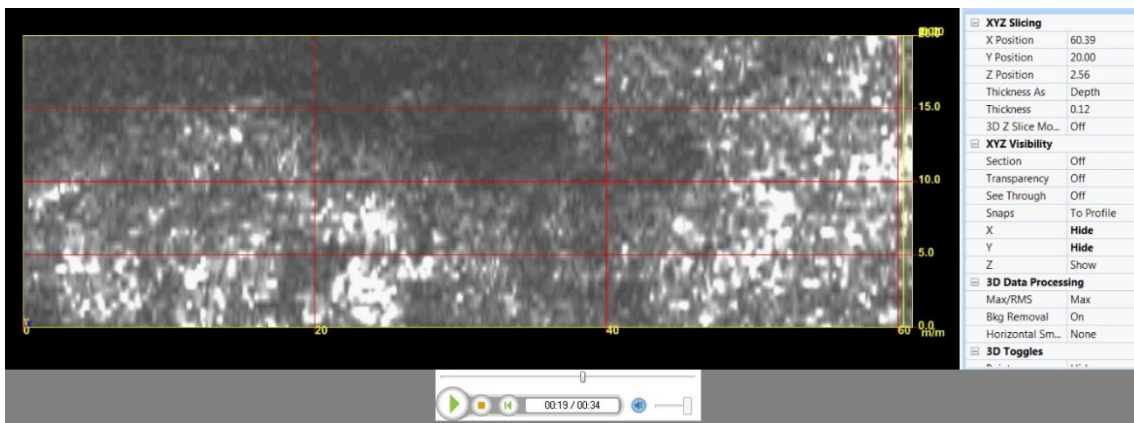
2,30 cm profundidade



2,43 cm profundidade



2,56 cm profundidade



Trabalho em laboratório

Os dados coletados em campo foram processados e analisados em laboratório. Um banco de imagens e audiovisual, mapas e análise dos dados estratigráficos das sondagens realizadas também foi realizado. O processamento dos dados para produção da planta geral bem como desenhos em AUTOCAD foi realizado com as dificuldades de disponibilidade de financiamento e de recursos humanos indicadas anteriormente. De toda forma, os croquis e registros realizados até o momento já permitem alguma clareza das diferentes áreas e setores do complexo e suas principais características.

A análise de amostras de solo, coletadas no aposento do Complexo Quadrangular, onde se levantou a hipótese de abrigo para os africanos, por relatos da oralidade sobre correntes que foram arrancadas da parede, que serviriam para aprisionamento de pessoas (CQ / B), foram enviadas para análise em laboratório na Alemanha, sob responsabilidade de Jago Jonathan Birk. Estas análises foram sugeridas pela consultora do projeto Ximena Villagran (USP) e buscavam indícios de cropostanol (indicativo de fezes humanas). Até o presente momento não obtivemos o retorno com os resultados. Apenas pequenas amostras foram enviadas, encontrando-se a amostra maior do pacote sedimentar coletado ainda guardada junto ao acervo na reserva técnica da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Até o presente momento também não obtivemos resultados mais acurados sobre as imagens produzidas com o radar (GPR) por Tiago Attore e assistente. Encontra-se junto ao banco de imagens da pesquisa, vídeos e fotos realizadas com *drone* pelos mesmos técnicos, na ocasião de sua participação em campo.

O acervo recuperado com as pesquisas até o momento resume-se a duas caixas com materiais, além dos sedimentos coletados. Além das moedas, espelhos (possivelmente associados a práticas religiosas contemporâneas), e poucos fragmentos de faiança fina e vidro, a coleção se caracteriza principalmente por exemplares de materiais construtivos e uma pequena coleção referente ao século XX, coletada no PB42.

Atividades Públicas

O caso das ruínas do Sahy, no município de Mangaratiba / RJ, chama a atenção pela magnitude do complexo, trazendo à tona a relevância tanto histórica quanto contemporânea desse local. Interpretações e reflexões sobre as funcionalidades e significados deste espaço não são apenas relevantes para a produção de um conhecimento acadêmico, mas também para a sociedade de uma maneira geral, tanto para moradores locais que têm uma relação direta e cotidiana com os vestígios, quanto no âmbito nacional pela excepcionalidade das estruturas e o que elas podem revelar para a história da escravidão no Brasil (a exemplo do interesse pela pesquisa pelo projeto *A Rota dos Escravos*, da UNESCO).

Exemplos das atividades de caráter público da pesquisa podem ser ressaltados, como fruto de uma observação constante dos usos contemporâneos do espaço. Desde moradores que frequentam o local no seu cotidiano para acesso à praia; os banhistas que preparam reuniões entre amigos e familiares entre as ruínas, incluindo a organização de churrascos (que são proibidos por se tratar de uma Unidade de Conservação Ambiental), até representantes de religiões afro-brasileiras que consideram o local um espaço sagrado e frequentemente o buscam para devoções, festas, práticas de cura, entre outros. Além da presença de equipes de pesquisa interessadas pelos seus vestígios.

Entender os sentidos e significados deste espaço para os diferentes *atores sociais* do presente parece tão importante quanto gerar um conhecimento sobre o passado acerca do mesmo. O diálogo entre passado e presente tem sido fundamental como forma de dar sentido às produções acadêmicas que não devem estar restritas aos bancos universitários, mas, também, para valorizar as perspectivas daqueles que fazem deste espaço parte de suas vidas.

Outro aspecto de caráter social é a incorporação de estudantes e funcionários locais no andamento dos trabalhos de campo. Integrá-los à equipe é não apenas uma forma de capacitação especializada dessas pessoas, mas também tê-los como intermediários com a população local que são de grande valor para que o diálogo da universidade com grupos locais seja frutífero.

Essas considerações são aspectos relevados na condução de diversas práticas relacionadas ao trabalho de campo, a partir da qual foram realizados registros variados: fotográfico, audiovisual, produção de desenhos-mapas por moradores, de croquis interpretativos, entrevistas e conversas, além de produção de diário de campo. Foram

também realizadas atividades junto a associação de pesca local (Associação dos Pescadores Maricultores Lazer do Sahy / ASSOPECA); e foram pensadas outras, incluindo escolas e associações ativistas relacionadas ao Movimento Negro, mas que não tiveram chance de serem realizadas até o momento. O Colégio Estadual Montebello Bondim, em Muriqui/Mangaratiba, que foi grande parceiro e apoiador de nossas iniciativas, representado por sua diretora Soraya, foi um dos locais onde se definiu interesse de realização dessas atividades. Por outro lado, conversas, entrevistas e registros de cotidiano especificamente sobre os sentidos religiosos conferidos ao local foram realizadas, incluindo a participação de lideranças e praticantes.

Uso religioso

Conversas informais, entrevistas gravadas, pequenas filmagens, assim como registros cotidianos visual e escrito dos usos religiosos do local foram realizados. Esta frente da pesquisa não está descrita em seus pormenores no presente relatório. De uma maneira geral, o registro da materialidade associada a essas práticas observou oferendas, “trabalhos” ou “despachos”, práticas de cura, instalação de imagens em meio às ruínas, bem como vestígios que passam a compor o refugio arqueológico na subsuperfície. Áreas foram identificadas como de interesse recorrente para a realização de práticas, naquele momento, para que as ações de pesquisa pudessem coexistir. Resultados desse aspecto da pesquisa foram apresentados no artigo *Temporalidades e saberes inscritos em ruínas e memórias*, na Revista Vestígios, vol.13, no.1, 2019; e no artigo ainda inédito, apresentado para avaliação em periódico científico, intitulado *Paredes que guardam pessoas que guardam paredes. Registro e sentidos de ruínas do tempo do cativo*.



Imagem de Zé Pelintra instalada na parte interna do muro Norte do CM e mantida em uso



Moedas encontradas juntas,
no local do calçamento em CML2,
datadas de 1988



Oferenda em CML2 / esquina do muro-calçamento

Atividades com moradores

A primeira atividade realizada foi uma roda de conversa com moradores do bairro do Sahy, a convite da ASSOPESCA. O encontro reuniu cerca de quinze pessoas, entre crianças, jovens e adultos, que se mostraram interessados em conhecer e conversar sobre nosso trabalho. Nesta reunião, foram realizados desenhos das ruínas pelos moradores a meu pedido. Esse material sugere o potencial no desenvolvimento de uma etnocartografia, por um lado, e, a possibilidade de meios alternativos de diálogo com diferentes atores, por outro.



Roda de conversa com moradores do Sahy – produção de desenhos

Posteriormente, também respondendo a um pedido da mesma associação (para disponibilizarmos folders ou cartazes para “enfeitar” a sua sede recém-inaugurada), foi

produzida uma exposição de quadros doada à ASSOPESCA. Foram nove quadros compostos por réplicas dos desenhos produzidos pelos moradores na reunião em diálogo com fotografias das ruínas; mapas históricos do acervo do Arquivo Nacional; pequenos textos de apresentação da exposição; e fotografias das ruínas produzidas pelo projeto.



Produção para doação de exposição permanente para ASSOPESCA



Divulgação no Facebook feita pela ASSOPESCA sobre a doação de exposição permanente

Reivindicações dos moradores ao poder público

Uma demanda comum entre moradores e usuários em geral do espaço onde se encontra o complexo de ruínas do Sahy é pela urgência de medidas de conservação das ruínas. Alguns opinam sobre a necessidade de cercamento, outros de fiscalização permanente, ou, ainda, de instalação de iluminação para destaque das estruturas.

As demandas públicas por preservação, contudo, nem sempre incluem diretamente a valorização dos saberes que o lugar oferece, sendo a abstração do conhecimento por vezes algo distante, o que não torna raro o sentimento de que “conhecer por conhecer não adianta nada, se deixarem tudo cair”, tal como registra esse desabafo de moradora do Sahy. A relevância do conhecimento que se pode produzir a partir dos vestígios para o grande público foi um desafio que o projeto assumiu e esteve atento a estratégias para desenvolver.

A pesquisa buscou sensibilizar as pessoas sobre a relevância de diferentes saberes para além da “coisa em si”. Sentidos conferidos às ruínas que podem, inclusive, ajudá-las a manterem-se de pé. Acredita-se que, talvez, outras luzes (que não de holofotes) possam ajudar, inclusive, a chamar a atenção das autoridades para essa demanda da sociedade e de um bem que, afinal, é protegido por lei.

Ainda que atuando há pouco tempo no local, a equipe já observou o desmoronamento de algumas estruturas e as condições de outras que parecem perto de desabar. Nesse sentido, é evidente a urgência de medidas para consolidação das mesmas.



Exemplo de fragilidade da estrutura em CQ / C



Exemplo de registro de desmoronamento em CQ / C



Exemplo de coluna desmoronada em CML1 recentemente (coloração avermelhada da argamassa exposta)

Vale ressaltar que o complexo de ruínas está dentro de uma Unidade de Conservação Ambiental, que demanda cuidados para além das necessidades de preservação do patrimônio arqueológico, sendo a instalação de benfeitorias, ou outros recursos (como iluminação), apenas possível de maneira a não prejudicar a área de vegetação, a presença da fauna, etc. A Secretaria de Meio Ambiente, ligada à Prefeitura de Mangaratiba, oferece fiscalização esporádica, carecendo de efetivo para a necessária proteção e fiscalização permanente desse espaço que tem peculiaridades complexas devido ao grande fluxo de banhistas e usuários no seu cotidiano.

O aspecto de conservação das estruturas propriamente depende de recursos e equipe especializada em consolidação de ruínas. Inúmeras solicitações às instâncias governamentais têm sido feitas, em particular pela historiadora local Mirian Bondim, que vem solicitando essas medidas, em defesa desse patrimônio. Mangaratiba e as ruínas do Sahy aguardam uma posição das instâncias responsáveis.

Registra-se a lamentável dissolução da equipe de limpeza e manutenção do patrimônio que colaborava com o projeto, sob a coordenação de Eduardo Enrique Goularte, ligada à Fundação Mário Peixoto. Ressalta-se que o trabalho desta equipe vinha garantindo a limpeza e manutenção da área do sítio, que repercutia claramente na valorização pública do mesmo, por exemplo, pelos banhistas e outros usuários. Lamenta-se a perda do apoio dessa equipe, cujo trabalho deveria ser valorizado não

apenas pela relevância na sua função de manutenção e conservação do patrimônio, mas pela qualidade de atuação que a equipe que vinha ganhando, se especializando ao atuar junto a diferentes projetos de pesquisa na região. A perda se estende para os próprios projetos que contavam com a sua colaboração direta para o desenvolvimento de pesquisas no local.

Compreendem-se eventuais dificuldades financeiras do Município, mas a experiência mostra como é fundamental a atuação de *equipes permanentes* trabalhando na manutenção de patrimônios em cidades históricas, ou com exuberância de vestígios arqueológicos, como é o caso de Mangaratiba. Como outro exemplo dessa experiência bem sucedida, pode-se mencionar a Fundação São Sebastião, ligada à Prefeitura de São Sebastião / SP, cuja equipe permanente também realizou por mais de década precioso trabalho que garantia não apenas a preservação e valorização do patrimônio histórico e arqueológico do Município, como viabilizava a implementação do uso do mesmo para fins de pesquisa, educação, turismo e lazer. Outro patrimônio que o município de São Sebastião também perdeu mais recentemente.

Divulgação científica da pesquisa

Apresentação de trabalhos sobre Diáspora Africana a partir do projeto

- Apresentação do trabalho: *Os Africanos não estavam sós. A experiência Africana e suas expressões em relação a outras “minorias”* no II Simpósio de Pós-Graduandos em História Social da Universidade Severino Sombra. O Ofício do Historiador: relatos de pesquisa, realizado na Universidade Severino Sombra, Vassouras, no dia 27 de setembro de 2013.
- Apresentação de trabalho: *Diálogos à beira mar: o reconhecimento de alteridades entre grupos não hegemônicos no litoral sul-fluminense no tempo da ilegalidade do tráfico de escravos*, no I Seminário Cultura Negra no Atlântico: reflexões sobre diáspora, identidades, raça e história transnacional no pós-abolição, realizado na Universidade Federal Fluminense, Niterói, de 11 a 13 de novembro de 2013.
- Palestra “*As coisas estão no mundo só que eu preciso aprender*”: *os sentidos da cultura material na escravidão e seu legado*, no Instituto dos Pretos Novos, Rio de Janeiro, 25 de junho de 2014.
- Apresentação em Grupo de Trabalho: *Paredes que guardam pessoas que guardam paredes. Sentidos e apropriações de ruínas do “tempo dos escravos”*, na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA), realizada em Natal entre 3 e 6 de Agosto de 2014.
- Apresentação de trabalho: *Falam as paredes sobre as pessoas que se fizeram ali. Apontamentos sobre o percurso de africanos desembarcados clandestinamente no Brasil escravista*, em co-autoria com Hebe Mattos e Martha Abreu, no III Encontro Internacional de Estudos Africanos da UFF, a ser realizado em Niterói, de 15 a 19 de setembro de 2014.
- Apresentação em Simpósio: *Sobre trajetórias, experiências e trânsitos. De onde vêm nossos textos?*, na VII Reunião de Teoria Arqueológica da América do Sul (TAAS), a ser realizada em San Felipe / Chile, entre 6 e 10 de Outubro de 2014.
- Apresentação em mesa redonda: “*Enslavement*” e a arqueologia do tornar-se escravo no Brasil, realizado pela Sociedade de Arqueologia Brasileira / Regional Sudeste, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nos dias 26 e 27 de novembro de 2014.
- Apresentação em mesa redonda: *Desafios da multivocalidade no diálogo entre arqueologia e religião*, no I Encontro do Grupo de Estudos Cultura e Religiosidade Afro-brasileira: escravidão, devoções e cultura popular – olhares diacrônicos, realizado pelo Instituto dos Pretos Novos, no Rio de Janeiro, no dia 13 de novembro de 2014.
- Apresentação em simpósio: *Cultura material, memória e o lugar do outro na produção do conhecimento: histórias possíveis a partir do trabalho de campo da*

arqueologia, no Encontro de História Oral, realizado na UFF/Niterói, em junho de 2015

- Apresentação em co-autoria com Marcos Abreu Leitão de Almeida (Doutorando na Northwestern University), em mesa redonda: *A colonização do corpo no processo de escravização de africanos no Atlântico Sul (c.1831-c.1850)*. Seminário Projeto Columbia, realizado no MAR/RJ, em junho de 2015.
- Apresentação em simpósio: *Por uma arqueologia etnográfica: as pessoas e as coisas na relação passado-presente*, no Encontro da Associação Latinoamericana de Antropologia, realizado na Cidade do México, em outubro de 2015.
- Apresentação em simpósio: *Trade logistics and the process of becoming slave in Brazil*, no Seminário Connecting Continents: Archaeological Perspectives on Slavery, Trade and Colonialism, realizado pela Society for American Archaeology e pela European Association of Archaeologists, em Curaçao, em Novembro de 2015.
- Apresentação de *A logística ilegal do tráfico de escravos e o processo de escravização no Brasil* no seminário STENA, organizado por Hebe Mattos no MAR / RJ, em maio de 2017.
- Conferência *Arqueologia do tráfico de escravos e do processo de escravização* realizada na IX Reunión de Teoría Arqueológica de América Latina, realizada na cidade de Ibarra, Equador, em junho de 2018.
- Conferência *Arqueologia do Capitalismo e a Segunda Escravidão: arqueologia do mundo moderno, multiperspectivismo e o campo da “Arqueologia Histórica”* realizada no 1º Simpósio de Arqueologia e Patrimônio do Laboratório de Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco, em São Raimundo Nonato, Piauí, em maio de 2019.
- Apresentação do TCC *Segunda escravidão aplicada ao sul fluminense. Um estudo sobre os impactos regionais do tráfico transatlântico na ilegalidade*, por Fernanda Pinheiro, graduanda em História na Universidade Federal Fluminense, sob orientação de Hebe Mattos e Camilla Agostini, em dezembro de 2019.
- Previsão da conferência *Arqueología del Mundo Moderno, la Segunda Esclavitud y el Multiperspectivismo*. No Congreso Colombiano de Arqueología. Arqueologías, Memoria y Sociedad, a ser realizado em Popayán, Colombia, em junho de 2022.

Publicações sobre Diáspora Africana a partir do projeto

- Agostini, C. Suspeitos, transeuntes, impermanentes: personagens liminares e a dinâmica social em um microcosmo do Império. In: Muaze, Mariana e Ricardo Salles. *O Vale do Paraíba e o Império do Brasil nos quadros da Segunda Escravidão*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- Abreu, M.; Agostini, C.; Mattos, H., Robert Slenes entre o passado e o presente: esperanças e recordações sobre diáspora africana e cultura negra no Rio de Janeiro.

In: Abreu, M.; Chalhoub, S.; Freire, J.; Ribeiro, G., (org). *Escravidão e cultura afro-brasileira: temas e problemas em torno da obra de Robert Slenes*. Campinas, Editora da Unicamp, 2017.

- Agostini, C. “Cachimbo de escravos”? Miudezas do cotidiano entre malungos, irmãos e alteridades. In: Chevitaress, A. e Gomes, F. (org.) *Dos Artefatos e das Margens. Ensaios de História Social e Cultura Material no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2018.
- Agostini, C. Temporalidades e saberes inscritos em ruínas e memórias. *Revista Vestígios*. Vol.13 (1) 2019 – artigo premiado no Edital do Prêmio Luiz de Castro Faria, CNA / IPHAN, 2017.
- Mattos, H. e Agostini, C. Estandartes Abolicionistas. In: Knauss, Paulo. *História do Rio de Janeiro em 45 objetos*. Rio de Janeiro: Jauá Editora, 2019.
- Agostini, C. e Almeida, M.L.A. De *mvika* à *cabiúna*: a dinâmica social de pessoas e lugares no processo de escravização durante o segundo escravismo. In: Santos, V.S.; Symanski, L.C.P.; Holl, A. (org.). *Arqueologia e História da Cultura Material na África e na Diáspora Africana*. Curitiba: Brasil Publishing, 2019.
- Agostini, C. “Ouvi dizer de um vizinho”: Assim também se faz história. Análise de processos criminais e banco de dados sobre escravidão – Vassouras / RJ, século XIX. Disponível em www.labhoi.uff.br/ desde 2019.
- Agostini, C. e Pinheiro, F. “Arqueologia do mundo moderno” e multiperspectivismo na abordagem sobre escravidão no Atlântico Sul. *Revista Vestígios*, vol.15 (2) 2021.

Produção audiovisual

- Por uma arqueologia etnográfica: as pessoas e as coisas na relação passado-presente (cópia em DVD anexo) – disponível em:
https://www.academia.edu/17629349/Por_uma_arqueologia_etnogr%C3%A1fica_a_s_pessoas_e_as_coisas_na_rela%C3%A7%C3%A3o_passado-presente_-_vers%C3%A3o_audio_visual_com_legendas_em_Espanhol
e
<https://www.youtube.com/watch?v=TGWfGzr-rkY&t=3s>

Equipe e apoios

A pesquisa foi desenvolvida com caráter interinstitucional, junto ao Departamento de Arqueologia, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e ao Labhoi na Universidade Federal Fluminense, com recursos de agências de fomento à pesquisa no país, bem como editais de instituições privadas. Contou por todo tempo de duração do projeto com o apoio de diversas instituições, entre elas a Fundação Mário Peixoto; Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Mangaratiba; Associação de Pescadores, Maricultores e Lazer do Sahy (Assopesca), Colégio Municipal Montebello Bondim (Muriqui / RJ), Bar Zé da Quentinha (Sahy / Mangaratiba). Contou ainda com a colaboração de muitos profissionais e estudantes que auxiliaram de diferentes maneiras, tal como descrito nas etapas da pesquisa, no início desse relatório. Cópia do presente relatório foi entregue à Fundação Mario Peixoto e à Secretaria de Meio Ambiente deixando o registro das atividades também disponíveis às autoridades locais, tal como ocorreu com os relatórios anteriores.

A equipe permanente ligada ao projeto ao tempo da finalização dos trabalhos foi composta por:

Coordenação

- Camilla Agostini (UERJ)
- Hebe Mattos (Labhoi/UFF)

Colaboradores e Consultores:

- Martha Abreu (Nupehc/UFF)
- Keila Grigberg (CEO/Unirio)
- Marcos Abreu (Doutorando da Northwestern University / EUA)
- Thiago Campos Pessoa (Pós-doutorando em História pela UFF)
- Daniela Yabeta (Pós-doutoranda em História pela UFF)
- Rafael Abreu (Doutorando em Arqueologia pela USP)
- Clarice Muhlbauer (Arquiteta)

Estagiários:

- Raquel Terto (Graduanda em História pela UFF) – bolsista IC / UFF
- Fernanda Pinheiro (Graduanda em História pela UFF) – bolsista IC / UFF
- Erika Saint Just (Graduanda em Arqueologia pela UERJ)
- Luan Sancho (Graduando em Arqueologia pela UERJ)
- Phelipe Machado (Graduando em Arqueologia pela UERJ)